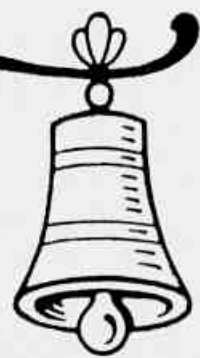
ANNO XXXI -- N. 49 Preço 1$200 22 de Novembro de 1930

U. della Latta

Nº4711.
Perfume Fé
Mystico e encantadôr
Fé
Nº4711.
Fé
O Pó de arroz
para a dama
de alta esphera
Nº4711.
Fé
DESENHO REGISTRADO
680

Este numero consta de 44 paginas.

ANNO XXXI | Rio de Janeiro, 22 de Novembro de 1930 | NUMERO 49

FOI ao reler a carta em que me pediam um auxilio para a herma do Reitor que lentamente vi passar ante os olhos o confuso cortejo das recordações.

E vi o Seminario de Olinda, erguido como velho castello no ápice do monte, dominando a cidade e o oceano. Vi o pateo de recreio, os corredores, o salão de estudos, as salas de aulas, a capellinha toda enfeitada, toda alegre, toda cheia dos nossos cantos e dos sermões do padre Armindo, esgalgado e pallido, a tossir e a vociferar.

Padre Armindo fallava, fallava; e quando volviam para o pulpito as nossas frageis attenções de creanças elle já se encontrava na sua descripção do Inferno, do Purgatorio, de todo o horror dos castigos que nos esperavam na vida eterna, entre ais, gritos, clamores, contorsões de corpos torrados num abysmo de incendios.

A' força, porém, de nos repetir diariamente, antes da missa, esse espectaculo horripilante, a elle nos habituaramos, começando a duvidar, por fim, de que houvesse tanta maldade num Deus de tanta misericordia!

Contribuiram tambem para a nossa duvida as lições do professor de Historia, o conego Barretto — gordo e risonho como o derradeiro bemaventurado na terra — arremessando da cathedra esplendidas ironias sobre o Inferno do prégador.

Por isso, dia a dia, o padre Armindo ia perdendo o prestigio oratorio e—emquanto a sua palavra esbravejava do pulpito e os seus gestos cortavam a quietude da manhã — nós, na ultima fila dos bancos, discutiamos baixinho e jogavamos com dados de madeira.

Muitas vezes sentiamo-nos quasi espoliados, quando elle, por um motivo qualquer, não desencadeava a arrasadora dialectica. E de classe em classe corriam exasperados os commentarios:

— Não ha sermão hoje?

— Dizem que não. O *põe-mesa* está doente!

— Diabo!

Pobre *põe-mesa!* Pobre padre Armindo! Morreu no Seminario; morreu como um santo — o mais puro santo que já conheci, porque jamais vi alguem tão candido, tão casto, tão irradiante de bondade.

Outra recordação, talvez a mais viva, é a *Cafúa*, a negra, apertada *Cafúa*, que abriu para mim, por duas vezes, a porta indigna. Por que?

Repontam á minha memoria esses dois crimes da infancia! A primeira vez que lhe senti a escuridão e a vergonha foi por causa de uma quadrinha ingenua que eu escrevera na capa da minha grammatica latina, como uma satyra ao professor de Arithmetica. Era um typo ridiculo, pedante, perverso, que nos dava problemas crueis torcendo os bigodes.

Um traidor denunciou-me — e por essa vil quadrinha fui levado á *Cafúa* onde estive duas horas. Era quanto custava, nesse tempo, a gloria de ser poeta!

A segunda vez foi por culpa de um papagaio de papel — um papagaiozinho de dois palmos, que me custara longos dias de paciencia, de calculos, de trabalho, de sustos. Foi o meu desvelo de artista, a minha alegria, a minha loucura. Era de papel azul e possuia rabo, cabresto e linha. Levei-o para a banca de estudos, emocionado, á espera da hora do recreio.

Mas tentei experimental-o da janella do salão, emquanto os meus companheiros estudavam e o fiscal passeiava entre as carteiras, distrahido e myope. Não me pude conter: a janella era larga e dava para o oceano azulado e manso; o vento era macio; a tarde maravilhosamente propria para um papagaio! Venceu a tentação! Empinei-o!

De subito sinto no hombro uma garra feroz. Era o Reitor!

Houve escandalo em todo o salão; e passei a noite inteira na *Cafúa* infame!

Pela manhã, quando o bedel me levou ao gabinete do Reitor, eu tinha os olhos rubros, o coração empolgado de odio, todo o meu ser pequenino revoltado contra o horrendo castigo. A minha consciencia infantil envelhecera estranhamente naquella noite de carcere e de ignominia; e loucamente, furiosamente, clamava contra a ferocidade do algoz.

O reitor fez-me sentar á sua frente, e começou a reprehender-me e a dar-me conselhos. Eu nem o ouvia, de cabeça alta, immovel, tomado de rancor, procurando a resposta unica, soberba, fatal que rematasse de um golpe toda a ira que me allucinava e que fulminasse como um anathema a monstruosidade daquella injustiça. Quando elle terminou, repliquei livido de colera:

— Sr. reitor, se um dia eu chegar a ser alguma cousa no meu paiz, mandarei fechar este collegio. Agora pode castigar-me como quizer!

Cruzei os braços, de pé, esperando a explosão da sua furia.

O velho Conego ficou attonito, pallido, a olhar-me assombrado, como se ouvisse a infallibilidade de uma prophecia. Depois baixou a fronte, como se sobre a sua cabeça, tão branca, tão veneravel, passasse um clamor de cyclone arrebatando-lhe bruscamente toda a gloria do seu passado e toda a visão do seu futuro.

Eu exultava, sentindo que o ferira rudemente. Elle então murmurou:

— Foi por esquecimento que o deixei ficar toda a noite na *Cafúa*, o que pela primeira vez succede no Seminario. Foi por esquecimento! Não abrigue tanto odio no coração. Nunca ouvi de um alumno desta casa tão crueis expressões!

— E' que soffri demais, Sr. reitor! Só aos assassinos se castiga dessa forma.

Elle repetiu, ainda perturbado:

— Sim; só aos assassinos. Mas foi esquecimento...

Diante daquella fronte humilhada; daquella fronte que tantas vezes surgira triumphante á frente das Classes formadas — tive um instantaneo arrependimento da minha audacia. E desejei logo beijar-lhe as mãos de justo, e ajoelhar-me, supplicante e submisso. Não sei como não o fiz, e disse apenas, commovido:

— Então, Sr. Reitor; se foi esquecimento, perdôe-me...

Elle ergueu para mim o rosto maguado:

— Perdôo, meu filho. Mas lembre-se, quando sahir um dia desta casa, e depois quando fôr homem, de que ha trinta annos — toda a minha existencia de sacerdote — vivo entre as paredes d'este Seminario, e peço sempre a Deus que me dê a felicidade de morrer aqui dentro, cercado pelos meus companheiros e as creanças.

Ao ver a angustia que me flagellava, o Reitor tomou-me a cabeça, encostou-a ao seu magro peito, alisando-me os cabellos em desordem, num carinho silencioso, emquanto os seus olhos resplandeciam de suprema bondade e de infinita doçura.

Nunca mais naquelle collegio, onde vivi tanto tempo entre o supplicio das grammaticas, soffri uma reprehensão. Nunca mais os labios do Reitor se abriram para mim sem a brandura evangelica de um conselho ou de uma caricia. Nunca mais tive outra phrase que me désse tanta celebridade. E penso, melancolicamente, que só a teria após outra sinistra noite de *Cafúa!*

A PRESTAÇÕES

CONTO DE ANDRÉ BIRABEAU

LUCILIA dormitava numa poltrona. Era um repouso bem merecido. Velara a noite inteira, de olhos desmedidamente abertos, fitos no leito onde o marido, esse sim, dormia um somno profundo e tranquillo, o somno de que se não acorda mais.

Abriu-se a porta. Appareceu a criada. A mãe de Lucilia cochichou:

— Falle baixo, para não acordar a senhora... Que é?

— Um homem que vem receber uma conta...

A vida que continua... Pelo facto de ter morrido o dono da casa, não deixam as contas de chegar... Não tem nada uma coisa com outra. Lucilia abriu os olhos:

— Que é?

— Uma conta, minha filha. Deixa-te estar. Eu vou...

— Mas nós não devemos nada...

Pegou no papel, olhou-o, desatou a soluçar. E, lavada em lagrimas, explicou:

— E' a prestação do gramophone.

Um gramophone de luxo, com uma collecção de quarenta discos que elles haviam comprado para pagar em vinte e quatro prestações mensaes... E só tinham pago as tres primeiras mensalidades...

Lucilia ergueu-se da poltrona.

— Aonde vaes? perguntou-lhe a mãe.

— Vou pagar, naturalmente...

— Mas escuta... Vocês já não eram ricos... E agora tu, sozinha, peor ainda. Além disso, do que tu menos precisas, nesta situação, é dum

gramophone. Eu, no teu logar, preferia perder as prestações já pagas e restituir o instrumento. Ao menos, ficavas livre.

Lucilia ergueu a cabeça, com uma grande dignidade. Os seus olhos brilhavam.

— Não, mamãe. Bem sei que vou lutar com difficuldades e que será um sacrificio, todos os mezes, pagar esta quantia... Mas Rogerio fazia tanto gosto nisto... Tanto tempo elle desejou possuir um gramophone... Os calculos que nós fizemos para realizar essa aspiração, esse ideal... E a alegria que elle sentiu ao vel-o entrar em casa! No emtanto, dizia: "Sim, é grande a minha satisfação em o olhar e ouvir, dentro de casa... Só, porém, ficarei socegado quando acabar de o pagar. Nesse dia, sim, será uma verdadeira felicidade". E voltando-se para o quarto do morto: — Descansa, meu querido, eu pagarei! Não deixarei que o tornem a levar outra vez, o teu gramophone. Ha de ser teu, teu inteiramente, eu te garanto. Todos os mezes, succeda o que succeder, hei de pagar a prestação!

E lá a foi pagar.

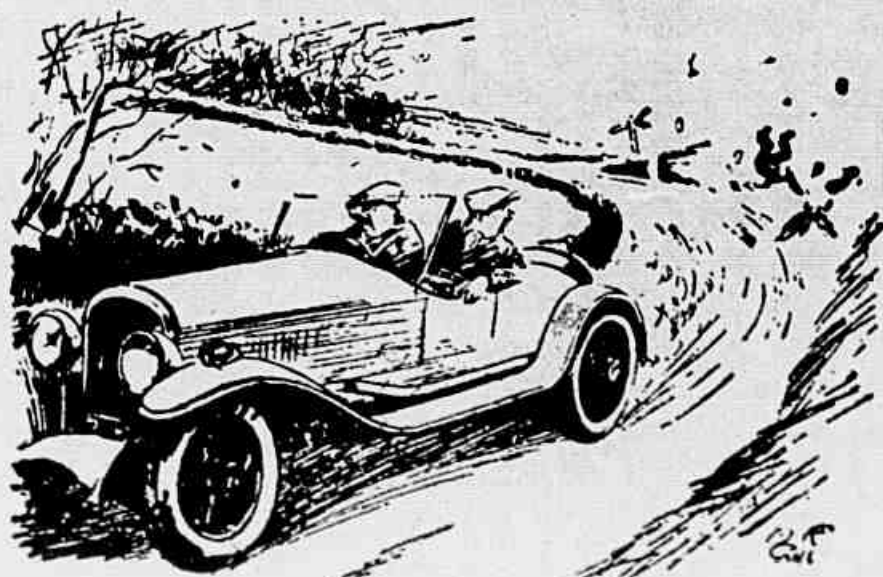
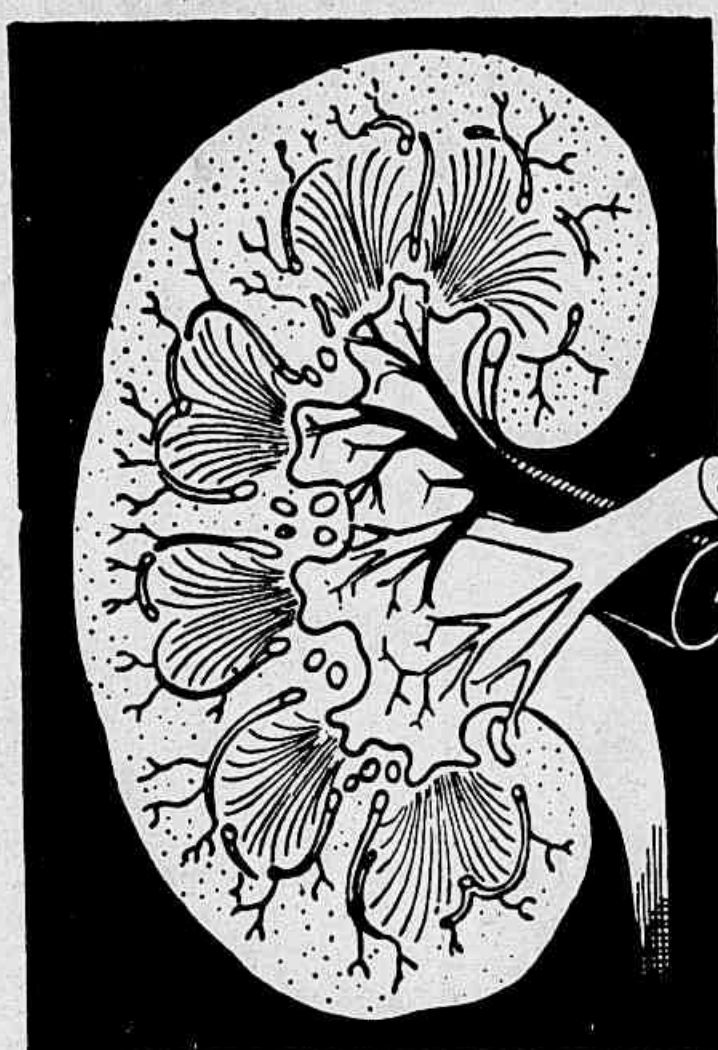
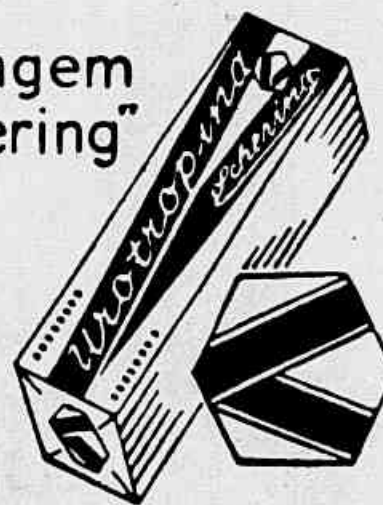
◙

Era no dia 7 de cada mez que o empregado trazia o recibo. Lucilia pagava com um prazer em que havia certa amargura. Já se não dirigia ao marido em voz alta, como se elle a ouvisse... No momento, porém, de pagar a divida que elle contrahira era como se o sentisse menos ausente, menos morto. Vira-se obrigada a trabalhar. Voltara a levar a vida de moça solteira. Todos os mezes, naquelle dia 7 a prestação lhe vinha recordar como fôra amada, feliz... Passara tão depressa aquillo, o casamento, a felicidade que, ás vezes, chegava a ter a impressão de que nada acontecera, tudo fôra um sonho. Todos os papeis, todos os objectos do marido, ella os reunira num pacote — e fôra obrigada a isso, ao mudar-se para um apartamento muito menor. O retrato de Rogerio estava em cima da commoda, no seu quarto. Mas justamente... Via-o muito amiude, via-o de mais. Já não era mais que um objecto, um detalhe do scenario de todos os dias. E só a commovia quando ella, tomando-o entre as mãos, se queria realmente commover...

— E pensar que ha imbecis que fabricam machinas falantes!

Com a prestação, porém, era o caso muito differente. A's vezes, Lucilia não se lembrava de que tinha chegado o dia 7. A surpresa causava-lhe uma especie de choque no coração, para o dia inteiro. Revia e resentia com perfeita nitidez, como se fossem coisas de hontem, o lar ditoso, os afagos, os projectos, os ingenuos enternecimentos... Estava um dia lindo, quando o gramophone entrou lá em casa. Fôra um sabbado, ás 5 da tarde. Tencionavam sahir, mas ficaram em casa, a ouvil-o tocar... Ao som do primeiro disco, abraçaram-se e beijaram-se, com a alegria de quem alcança um nova ventura. E agora essas recordações acudiam a Lucilia, cada vez mais vivas e alacres, esvoaçando, pipillando, envolvendo-a, como um bando de passaros a que se atira um punhado de migalhas de pão...

O recibo vinha todos os mezes. Os mezes iam passando. E já as lembranças que a prestação despertava, em vez de enternecer Lucilia, lhe causavam um pouco de impaciencia e de irritação. Diziam-lhe que ella fôra uma mulher e deixara de o ser. Deixara de o ser havia... doze prestações, isto é: um anno. Já um anno!

Um dia, em visita a sua familia, Lucilia encontrou lá um rapaz deveras sympathico.

— A quem é que você atropelou?
— Ao carteiro.
— Então, vá vêr se elle levava alguma coisa para mim.

Não era rico. Mas trabalhador, bem comportado, sério — isso como poucos. Estava-se vendo que daria um excellente marido... E eis o que elle queria ser. Não o dizia... Esperava que as palavras, os modos de Lucilia o animassem a isso...

Tinham se encontrado num principio de mez; e desde então auxiliavam de todos os modos o *acaso* graças ao qual, pelo mez fóra, se poderiam tornar a encontrar. De dia para dia Lucilia reflectia mais convictamente que não devia ser coisa aborrecida viver com um marido assim. No segundo mez do seu conhecimento, o rapaz foi lá a casa. Lucilia comprehendeu immediatamente o fim daquella visita. Ao cabo dalguns momentos, ia elle dizer "Quer?" e ella forçosamente ia responder "Sim" — quando bateram á porta. Lucilia foi abrir. E deu com o empregado que vinha receber a prestação.

Era um empregado qualquer, com uma physionomia qualquer — mas era como se, do seu tumulo, Rogerio o houvesse enviado para dizer á viuva: "Lembra-te bem. Eu te amei, nós nos amámos, e tu juraste convictamente que não poderias amar outro senão eu mesmo. E ha apenas treze mezes que eu morri... Olha bem: tudo isto está escripto no papel que esse homem te vae entregar..."

Lucilia pensou um momento em devolver o gramophone. Seria o melhor, o mais simples... Sim, mas seria tambem indigno e cruel. Lucilia desejava tornar a casar, porque... porque era moça e se via tão só no mundo... Como, porém, em vida de Rogerio ella o não poderia enganar, assim agora se sentia presa á sua memoria, ao seu amor. Aquella mensalidade era uma especie de laço entre os dois. Rogerio tinha dito naquelle dia: "Só quando acabar de pagar este gramophone, o considerarei realmente meu. E só assim ficarei descansado". Tambem Lucilia não respiraria verdadeiramente bem, com os pulmões e a alma, emquanto não satisfizesse a ultima daquellas prestações.

E assim ella respondeu ao rapaz: "Sim talvez, mas não por ora... Daqui a algum tempo..."

Algum tempo! Nem ella ousava confessar-lhe que ainda faltavam oito mezes. Oito mezes... Como custam a passar oito mezes, quando uma mulher é cortejada por um homem que lhe não desagrada! Além disso, Lucilia dizia comsigo: "E se elle se cansa de esperar e se vae embora?"

Todos os mezes, como um enviado do demonio a quem ella venderia a alma, o homem das prestações se apresentava...

Apresentou-se finalmente pela vigesima quarta vez. E Lucilia experimentou o allivio sublime de quem acaba de pagar uma divida...

— Agora, sim... disse ella ao rapaz.

— E verá! respondeu elle — Verá como havemos de ser felizes! Tenho tudo calculado... Não viveremos com riqueza, mas tambem nada lhe faltará. E até um pouco de superfluo, quem sabe? Por exemplo: sei que a senhora gosta de musica... Vou lhe comprar um piano electrico. Conheço uma casa que os vende, esplendidos, pagaveis em trinta e seis prestações...

Lucilia deu um grito, um verdadeiro grito d'alma:

— Não! Pelo amor de Deus! Nada de prestações! Nada de prestações!

Elegancia Masculina

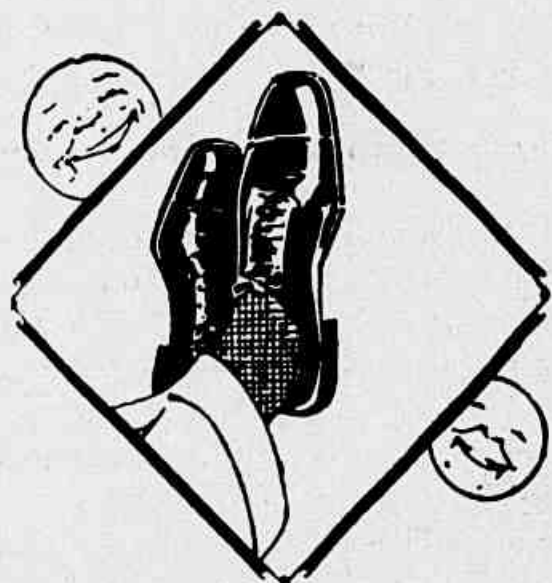
Londres, NOVEMBRO DE 1930

Recebi carta de um leitor perguntando-me se, mesmo no dominio trivial das gravatas que usamos todos os dias, não se podem estabelecer regras fixas.

O que devemos declarar nesse sentido é que a regra geral não é propriamente fixa e, antes pelo contrario, um tanto ou quanto fluccuante.

Os ternos claros usam-se com gravatas

semi-escuras. Os ternos escuros podem usar-se com gravatas escuras ou claras, consoante o gosto de cada qual.

Esta é que é a melhor orientação. Assim, por exemplo, temos um terno cinzento bem claro. A gravata preferida deve ser de fundo cinzento escuro com uma certa dóse de fantasia.

❋

Um dos meios de verificar se um alfaiate conhece ou não conhece o seu officio, até aos detalhes, consiste em examinar cuidadosamente a linha curvilinea que vae desde a golla até á parte inferior do paletó. E' pelo talhe dessa linha que se sabe se um alfaiate vale ou não vale. Quanto mais correcta fôr a linha maior será, naturalmente, o credito profissional do referido alfaiate. Assim, para darmos uma idéa pratica aos leitores, pedimos que

examinem cuidadosamente a gravura que acompanha esta nota. Pela gravura pode-se perfeitamente comprehender a belleza da linha curva referida, que constitue, afinal de contas, tudo quanto pode haver de exigente, difficil e bello no córte de um paletó.

❋

Tratando-se de modelos authenticamente sportivos, aproveito o ensejo para chamar a attenção dos leitores para as vestimentas que se encontram em voga, tanto para natação como para outros sports em geral, que não requerem especialização como o golf, o baseball e o basketball.

Por exemplo, para natação existem modelos realmente commodos, apresentando camisas largas e perfeitamente desembaraçadas, combinadas com uns calções escuros, de lã leve e perfeitamente plastica.

PETER GREIG.

Um sello que vale uma fortuna

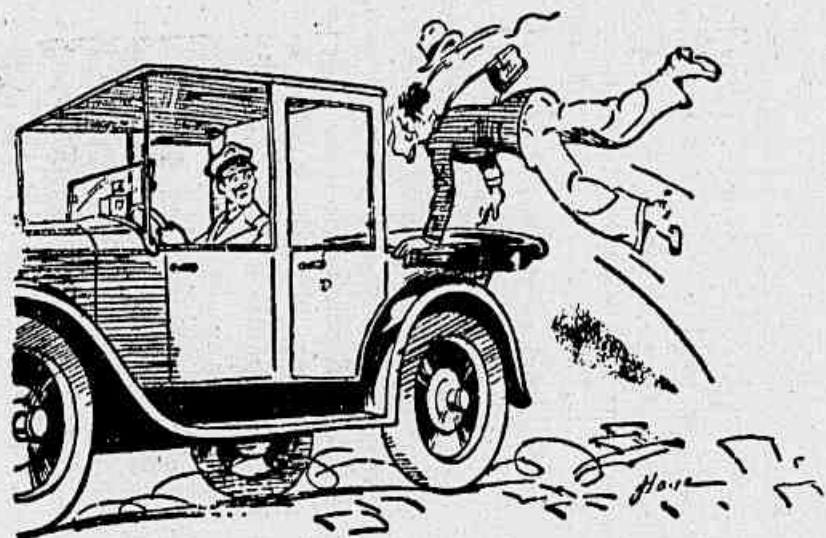
Um um sello da Guyana ingleza avaliado em 10.000 libras esterlinas.

Esse sello, do valor dum centimo, foi emittido em 1856. Nesse anno, havia na Guyana falta de sellos. Foi necessario pedil-os á Metropole. Como, porém, a remessa não podia ser immediata, o director dos correios da colonia mandou fazer, para remediar, um desenho muito simples, pelo qual, numa typographia local, se imprimiram os sellos necessarios para o consumo á medida que se iam gastando. Para impedir qualquer falsificação eram elles marcados pelos funccionarios que os vendiam ao publico. E, quando chegou da Inglaterra o fornecimento solicitado, foi destruido o cliché que servia para a impressão dos sellos provisorios, de que se não chegou a fazer grande tiragem.

Setenta annos depois, descobriu um rapazinho numa gaveta de seu pae um exemplar daquelles sellos rarissimos e cedeu-o por infima quantia a um philatellista. Pouco depois, vendia-o este por 125 dollares a um negociante de sellos norte-americano que logo depois o revendia a um colleccionador austriaco por 500 dollares. Esparsa a collecção deste ultimo, um colleccionador do Estado de Nova York adquiria o sello já famoso por 6.000 libras esterlinas. E não fez mau negocio porque o sello celebre, ainda em seu poder, é hoje avaliado em 10.000 libras.

Pensamento

Consolando as tristezas dos outros, sentimos menos as nossas; suavisando sua dôr, alliviamos a nossa.

MASSILON.

De passagem na cidade, o cow-boy toma um taxi

A orthographia allemã

A reforma da orthographia allemã — diz um jornal — vae se operando lentamente mas sem obstaculos sérios.

Essa reforma é de triplice natureza. Trata-se, em primeiro logar, de eliminar os caracteres gothicos e substituil-os pelos latinos. Entre os paizes de lingua allemã, adiantaram-se nesse sentido os cantões suissos, que effectuaram a transformação de modo definitivo. Os alumnos das classes elementares, nos cantões referidos, aprendem a escripta latina antes da gothica. Muitas revistas e grande numero de jornaes quotidianos dos mesmos cantões adoptaram os caracteres latinos, ao passo que na Allemanha um diario unico, o Berliner Tageblatt, *seguiu tal exemplo.*

Em segundo logar, está a abolição das iniciaes maiusculas dos substantivos. A esse respeito, divergem os philologos. Muitos delles propõem a adopção do systema francez e inglez, reservando assim a maiuscula apenas para os nomes proprios e a primeira palavra dos periodos ou das citações. Já em muitos livros scientificos publicados nos ultimos tempos se aboliram essas maiusculas desnecessarias.

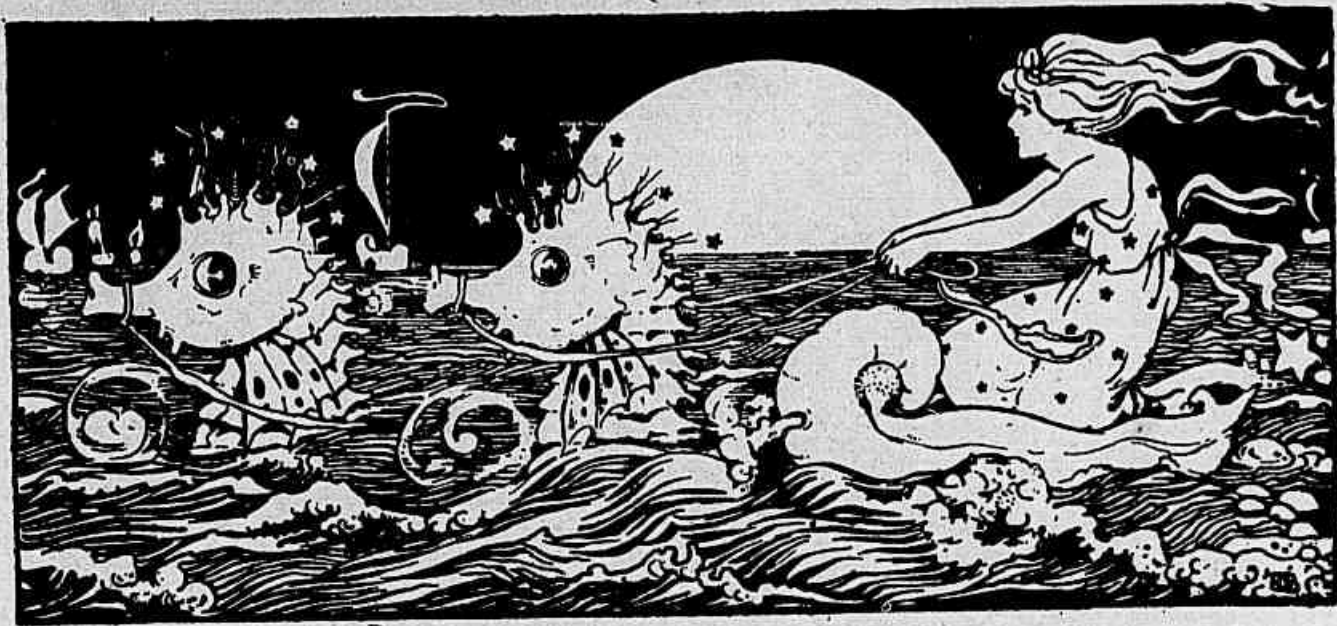
O terceiro ponto da reforma é o mais ardentemente discutido. Trata-se da abolição de todas as letras minudas, especialmente das que indicam vogaes longas. Outras autoridades propõem a eliminação da letra V e a sua substituição por F. Alguns extremistas chegam a reclamar a adopção duma orthographia puramente phonetica e a propor uma letra nova para representar o som de sch. Estes ultimos reformistas teem, porém — conclue o jornal donde extrahimos estas notas — muito poucas probabilidades de triumphar.

PENSAMENTOS

Porque não havemos de, como Tolstoi, pôr o nosso ideal nas estrellas, ainda que fiquemos no meio do caminho?

E' melhor saber pouco com fundamento, do que muito e superficialmente.

— Já a tenho prohibido de usar o telefone para conversas particulares.
— Mas eu estava fallando com um freguez...
— Nesse caso, prohibo-a de tratar os freguezes de "meu bemzinho".

O francez — Que tal este edificio? Esplendido, não?
O norte-americano — Talvez. Mas destes temos nós, em Nova York, centenas.
O francez — Não duvido... E' um hospicio de alienados.

Uma lenda da Lithuania

POR BEATRIZ DELGADO

Ha muitos annos passados Jurata, rainha e deusa do mar, possuia um magnifico palacio submarino. As paredes eram feitas do ambar mais pallido e mais puro; as portas eram de ouro fino; os vidros de diamantes raros; os tectos, revestidos de escamas de esturjões, punham um feitiço nos olhos e os muros que cercavam o palacio eram todos de ambar vermelho. Ora, um dia Jurata disse ás suas subditas:

— Minhas queridas companheiras: vós sabeis que meu pai Perkunas, senhor de todos os reinos, confiou á minha guarda todos os poderes sobre as aguas. Durante muitos annos a felicidade reinou nos meus dominios. Mas tive noticia de que Kastytis, um audacioso pescador que vive perto do rio Sventojia, ousou aprisionar alguns dos meus infortunados vassallos e deixal-os morrer na sua rede traiçoeira. Desejo vingar-me. Neste momento, elle prepara as rêdes; vamos até ás margens do Sventojia. Com os nossos cantos e as nossas dansas, com a doçura das nossas caricias, com a belleza dos nossos corpos nús, vamos attrahil-o para o fundo

do mar. Depois, o cegaremos para punição da sua crueldade.

Todas applaudiram e embarcaram em cem barcas de ambar branco. Quando chegaram ás margens do rio, fizeram ouvir as suas vozes divinas e estacaram em frente ao pescador.

O inimigo estava sentado na areia, concertando as rêdes; jovem e bello usava os cabellos negros ondulados cahindo-lhe na testa, como um diadema; com a alegria no coração e uma cantiga nos labios, continuava trabalhando. Quando escutou as vozes doces e puras, ergueu os olhos e ficou deslumbrado ao vêr as cem sereias núas, num clarão de belleza luminosa, e no meio de todas, mais bella e mais sensual do que nenhuma, a encantadora Jurata, rainha e deusa dos mares.

As virgens desembarcaram e rodeiaram o formoso Kastytis. Elle ergue-se perturbado e commovido. Depois, num deslumbramento, approxima-se de Jurata. A deusa obriga-o a parar com um gesto; quer ser violenta, deseja humilhal-o. Mas vencida pela formosura do adversario ella diz somente:

— A tua falta é grande, mereces os castigos mais severos; mas a tua

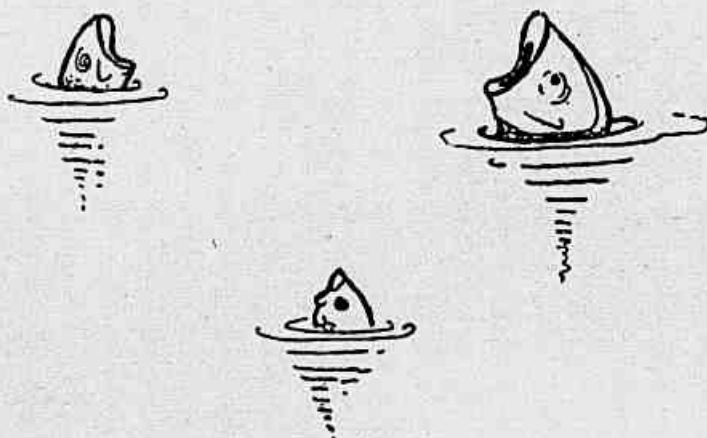
formosura apaziguou a minha raiva. Se tu jurares amar-me só a mim, encontrarás a felicidade nos meus braços.

As sereias partiram e os dois inimigos reconciliaram-se, beijando-se doidamente nos labios.

Passou um anno. Os amantes eram felizes. Todas as noites a deusa corria a encontrar-se com o seu bem-amado, voltando para o palacio antes do despertar do rei seu pai. Mas a inveja ataca, tambem, as sereias... E uma dellas, ciumenta da ventura da rainha, descobriu o amoroso segredo. A colera do deus foi terrivel: como poderia uma deusa entregar-se a um simples mortal? E resolveu vingar-se. Com os olhos cheios de odio, dardejou um raio de fogo que foi matar a pobre apaixonada no seu magnifico leito de madrepérola. O castello incendiado dividiu-se em milhares de fragmentos, espalhando uma poeira de ouro.

E é por isso que as ondas atiram á praia, muitas vezes, bocados de ambar vermelho, de ambar leitoso, de ambar dourado. São os pedaços do palacio mysterioso que habitou a deusa do mar. E se as ondas ge-

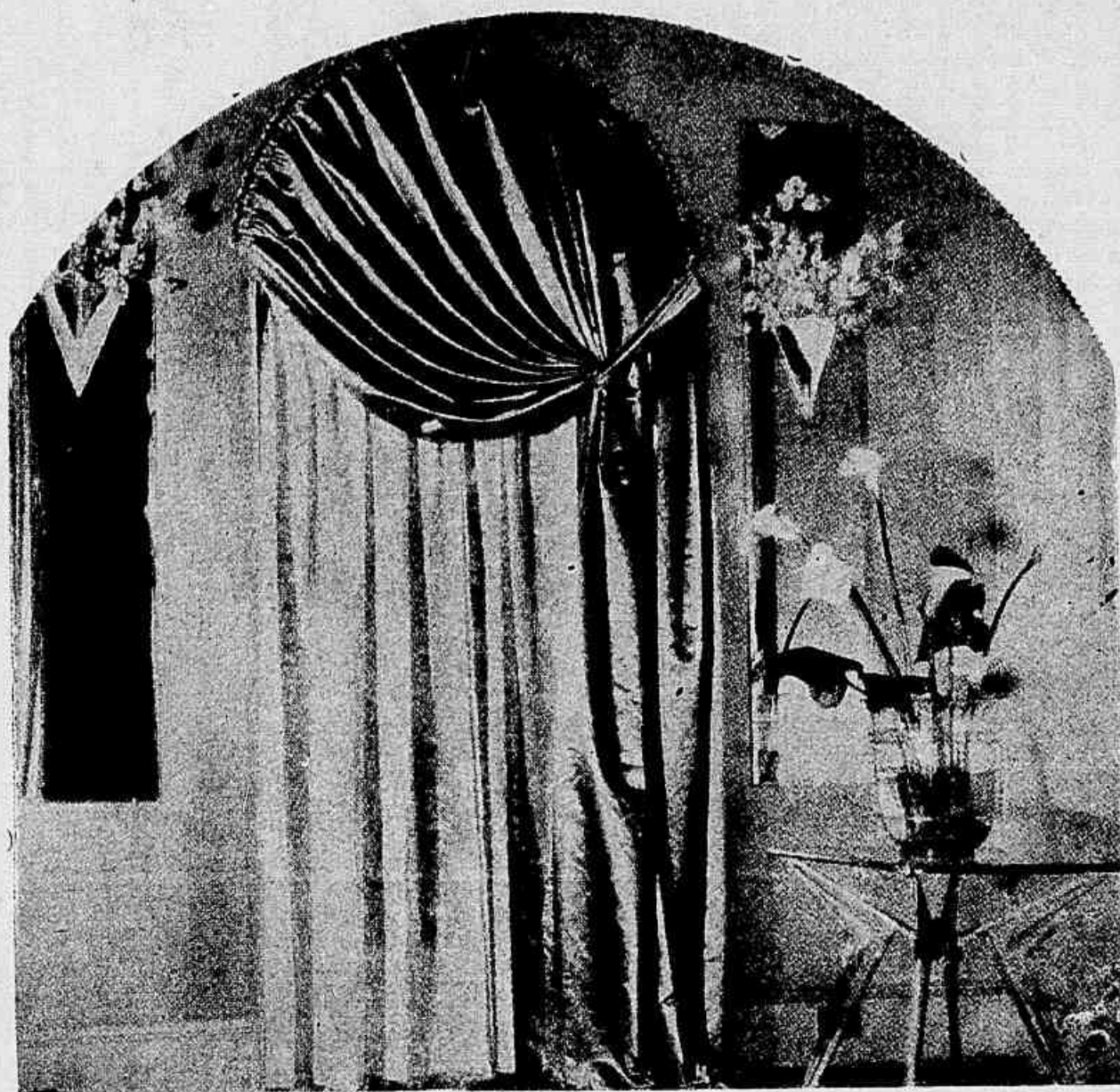
mem e se revoltam, se gritam e se erguem violentas é porque o pobre pescador amoroso soluça, ainda hoje, pela rainha e deusa do seu coração.

Esta é a lenda que os velhos pescadores dos mares do Baltico contam, á noite, perto da lareira, emquanto as ondas fazem ouvir a sua orchestra violenta. Como uma homenagem, talvez, á formosa deusa dos mares lembraram-se os artistas de crear os adornos de ambar que enfeitam as deusas modernas. E, descuidadas, as sereias que povôam o mar da elegancia não recordam nem conhecem — quem sabe? — a lenda de que para ellas serem

hoje adornadas com a doçura languida desses pedacinhos custosos foi necessario que um velho rei iracundo mandasse incendiar e desfazer um mágico palacio submarino que era o abrigo duma deusa enamorada.

Tambem os homens, ao queimarem um *Abdulla*, incrustado numa linda boquilha de ambar e ouro, não pensarão, talvez, naquella rainha desapparecida entre os escombros ou, se algum se lembrar, pensará em seguida que é mais interessante recordar a deusa do seu coração...

A não ser que prefira queimar ambar, á semelhança do velho rei Perkunas...

— Está provado que foi você que estrangulou a victima — por signal com a mão esquerda. Que tem a allegar em sua defesa?

— Que sou canhoto.

O Capoeira

Não existia mais um exemplar authentico do afamado typo do capoeira. No bairro somente os quarentões faziam referencias ás *maltas* e aos *partidos* que brilharam, façanhudos e ageis, na sua mocidade.

O rapazio do bairro ouvia contar bravatas celebres em tempo de paz e em tempo de eleições, que eram guerreiras, e lamentavam a ignorancia desse desporto de defesa pessoal tão apreciado outr'ora como o *foot-ball* nos tempos que correm... com o bom gosto.

Um grupo de rapazes *azeiteiros* — assim

eram chamados os namoradores da época — sentia não conhecer a capoeiragem, para melhor fazer suas *figurações* destacadas á vista das respetivas *correctas* ou namoradas, provocando-lhes a admiração e augmentando-lhes a *paixa*. Desse grupo começou a participar o Terencio, chegado do interior, cheio de bravatas desconhecidas e mezadas gordas que o pae fazendeiro enviava á vontade.

O grupo azeiteiro fazia ponto no armarinho da esquina, onde palestrava exhibitivo, em voz alta, para que as *pequenas* ouvissem e apreciassem das janellas e sacadas, onde se debruçavam, derretediças, na contemplação de seus *predilectos*.

Terencio, com as historias que contava e em que figurava como heroe, começou a ser temido e respeitado na roda. Os companheiros estavam convencidos de sua sciencia da capoeiragem, revelada ligeiramente pelas episodios que narrava e pelos gestos e attitudes com que acompanhava a *prosa*, numa *ginga* expressiva e convencedora.

Certo dia, para tirar as duvidas, um companheiro, o Tiburcio, perguntou-lhe á queima roupa:

— Você conhece o *jogo?*

— Ora, que pergunta! disse o Terencio, — conheço como gente grande e tenho-o sempre prompto "para o gasto da casa".

— Sempre queria vêr isso, atalhou o outro.

— Não perde por esperar, observou o *turúna* ou campeão, não me sirvo do jogo á tôa, por divertimento; emprego-o somente em casos sérios porque isso de estragar uma pessôa não é brinquedo. A sério, por uma questão grave ou numa hora de defesa, ahi sim, *compareço* e "quando me *espalho* ninguem me junta..."

Alguns ficaram convencidos da pericia do Terencio; Tiburcio e outros, porém, mostravam ares de duvida e houve um que lastimou não conhececr o desporto para tirar uma prova segura do valor do companheiro.

Dias depois houve uma rixa nas proximidades: dous catraeiros se engalfinhavam,

separavam-se, *grudavam-se*, com a assistencia de curiosos a respeitavel distancia. O grupo de rapazes, ainda mais distante, tambem assistia á luta e um delles provocou Terencio :

— Aproveite agora, entre com o seu jogo! Terencio não se moveu, indifferente:

— Não tenho nada com isso, é caso de policia commum e não estou para me sujar.

O seu grupo, unanime, mostrou desde então que não *comia a móca*, isto é não acreditava nas caraminholas por elle contadas.

Terencio, que sabia tanto de *capoeira* como nós de sanskrito, começou a sentir certa frieza da parte dos companheiros. Precisava *engabelar* o grupo dando, sem perigo algum, uma prova material. Com geito e lábia conseguiu travar relações com um negralhão, que tinha o officio de rolar pipas na alfandega, typo agil e musculoso, desconhecido na zona. Depois de familiarizado, propoz ao brutamontes:

— Preciso fazer uma bravata, cousa sem importancia, somente para *dar na vista* da minha *correcta* e embasbacar os meus collegas. Posso contar com você?

— Explique lá isso como é.

— E' simples. Na minha rua você não é conhecido. Passa por lá uma tarde que marcarmos, pisa-me no pé, passo-lhe uma descompostura, você finge preparar-se para atacar-me, avanço resoluto, finjo que passo uma *rasteira*, você tropeça, cae, ergue-se e foge assustado...

— Mas tudo isso assim, a secco?

— Dou-lhe vinte mil réis.

— E' pouco.

— Bem. Dou-lhe agora vinte mil réis e no dia seguinte dou-lhe mais trinta.

— Está fechado.

— Veja lá, depois da *figuração* não passe mais na minha rua.

— Não se impressione. Quando é esse *negocio?*

— Pode ser hoje ás 6 da tarde?

— Sérve.

O brutamontes recebeu a prestação e Terencio preparou-se para *armar ao effeito*.

A' hora combinada, o grupo cavaqueava á porta do armarinho, *grelando* as meninas debruçadas. Terencio mostrava-se indifferente, *grelando*, por sua vez, a sua *correcta* espevitada no sobrado fronteiro. O negralhão assomou á esquina, com ares de mata-mouros, passou de esbarrão pelo grupo e pisou de leve o pé do Terencio.

Este avançou resoluto:

— O' bruto! Quem te creou não te pôz olhos na cara?

— Isso é commigo? perguntou o bruto já em attitude de ataque.

— E' com você e mais dez como você, porque eu não morro de caretas!

O negralhão avançou ainda mais; Terencio mediu distancia, gingando, emquanto

os companheiros punham-se ao largo, por prudencia.

O bruto deu mais um avanço. Terencio, rapido, correu para elle e procurou simular uma rasteira. O contendor ficou parado; Terencio, um tanto frio, simulou nova rasteira, mas o *compadre* não se moveu. Terencio piscou-lhe um olho, atirou-se a elle, abraçou-o, passou-lhe uma perna por trás e o malandro não se abalava. O rapaz, gelado, soprou-lhe ao ouvido:

— Porque não cae e não foge?

E o negralhão, em voz alta, risonho e zombeteiro:

— Se quer que eu caia passe para cá os trinta mil réis da combinação.

. . . .

Terencio mudou de rua e de arrabalde. Dizem que tambem mudou de cidade...

Coudelarias reaes

O rei Affonso XIII, que recentemente resolveu vender a sua coudelaria, não é o unico soberano que tenha possuido cavallos de corrida.

Já seu pae, o rei Affonso XII, fazia correr cavallos seus. E na Inglaterra é por uma especie de tradição, e tradição bem antiga, que os soberanos animam, com o exemplo proprio, os outros donos e criadores de animaes de corrida.

A rainha Anna tinha cavallos cujas victorias no prado lhe causavam grande prazer e enthusiasmo. Em 1714, quando o seu potro Star — que acabava de ganhar importante premio em Nova York — se dirigia para a pista, afim de disputar a Gold Cup, chegou a noticia da morte da soberana.

Em 1830, Guilherme IV viu na disputa da Goodwood Cup os seus tres cavallos Fleur de Lys, Zingara e The Colonel conquistarem os tres primeiros logares.

O rei Eduardo VII foi grande proprietario de cavallos de corrida. Ganhou tres vezes o Derby inglez com os animaes Persimmon, Diamond Jubilee e Minoru.

Em França, na antiga monarchia nenhum soberano fez correr cavallos seus. Maria Antonieta que tinha grande enthusiasmo pelas corridas — recentemente introduzidas em França por seu cunhado Conde d'Artois e seu primo Duque de Chartres—quiz possuir uma coudelaria; mas a isso Luiz XVI se oppoz formalmente.

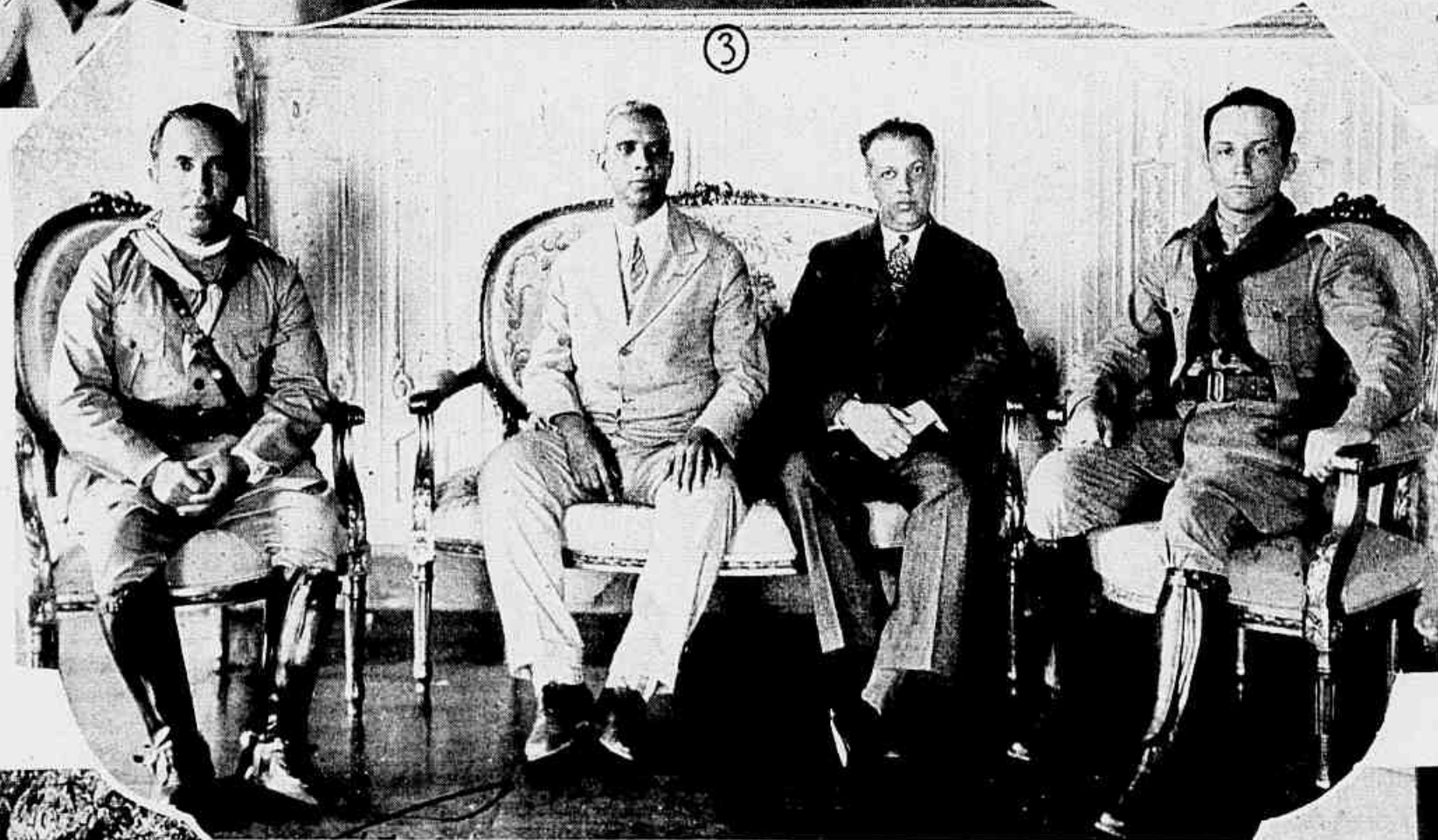
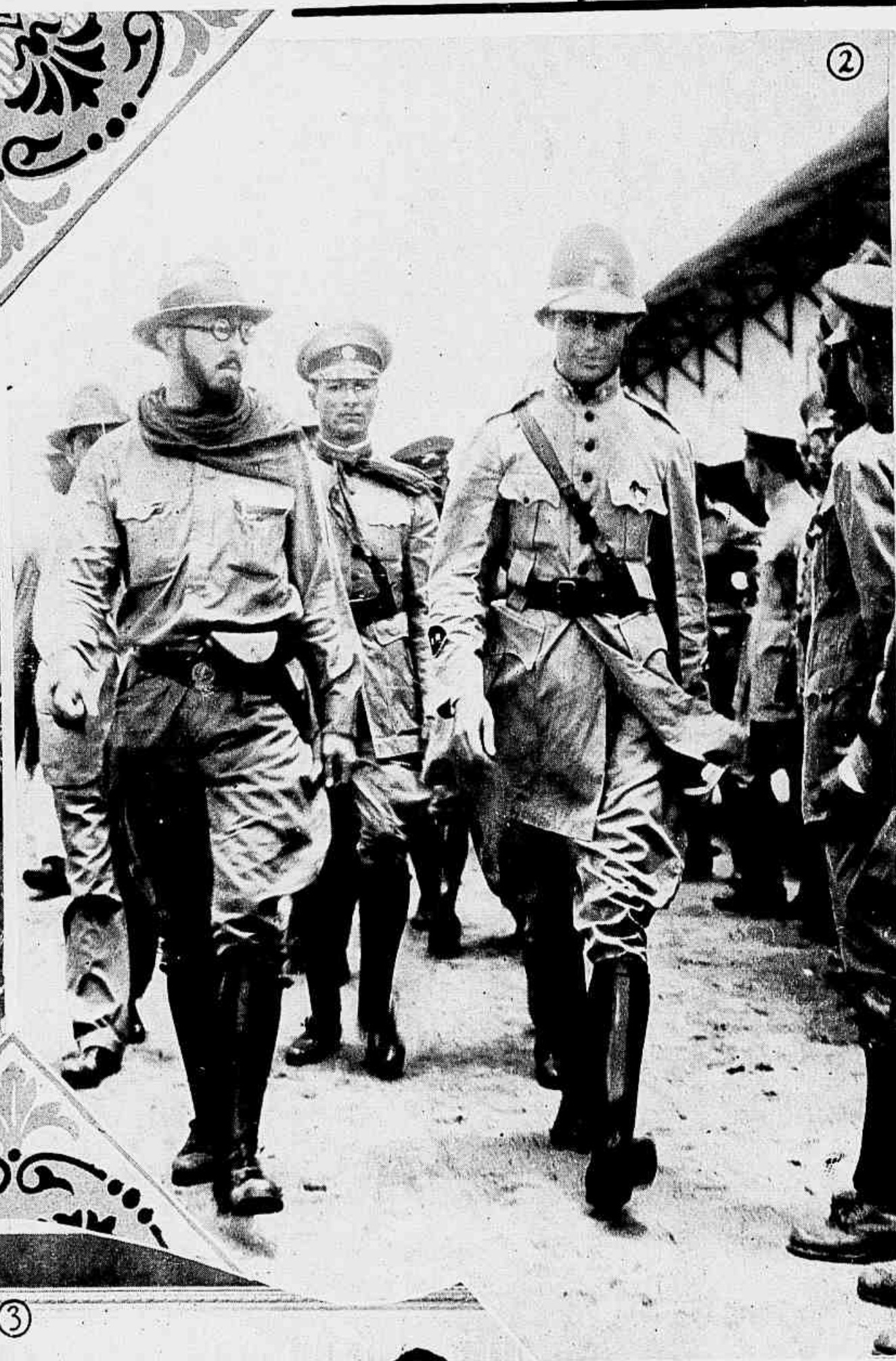
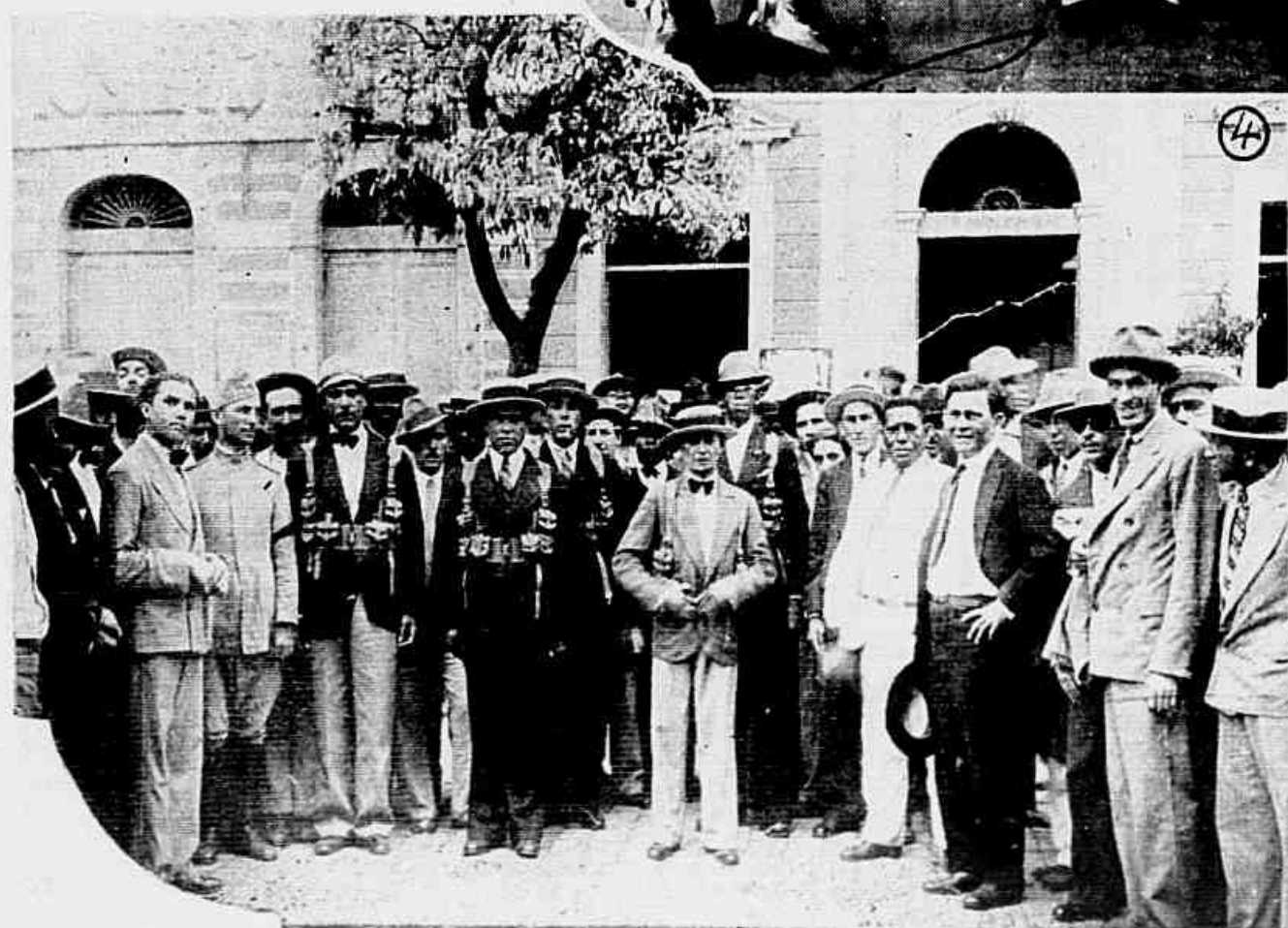
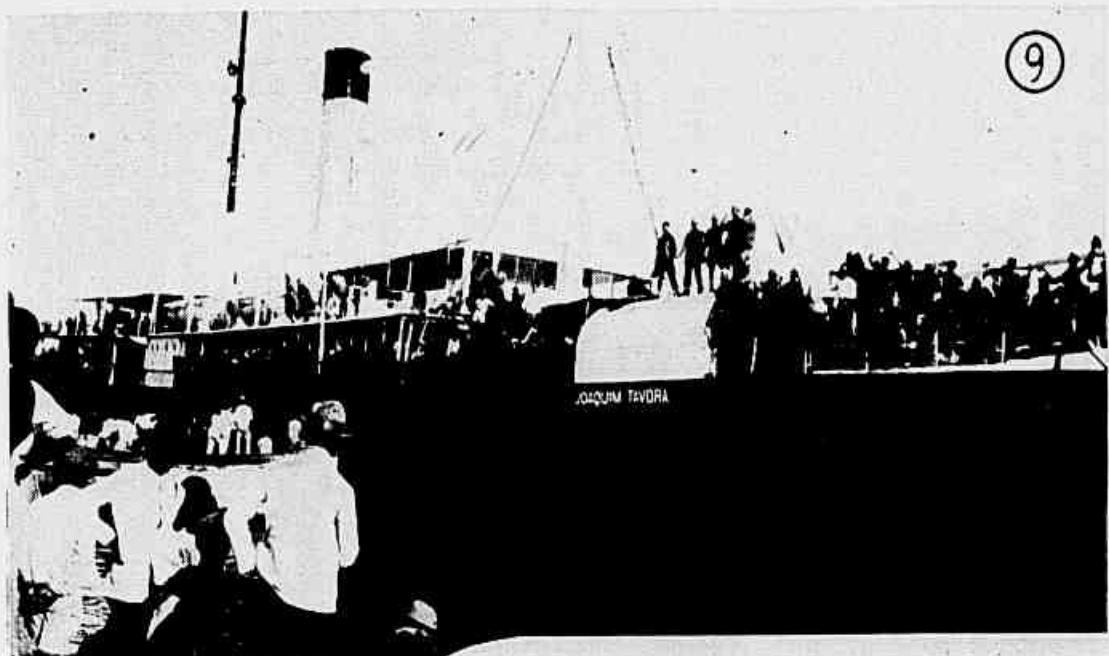
O "volto santo" de Lucques

O antiquissimo crucifixo que ha cerca de mil annos se pode ver na cathedral de Lucques tornou-se objecto de tal veneração que só é descoberto e exposto quatro dias por anno — de 14 a 18 de Setembro. A versão que envolve essa reliquia é das mais bellas e curiosas que se conhecem.

Segundo essa versão, data o Volto Santo do tempo de Nicodemos. Foi este que, após a morte do Christo, o esculpiu em cedro, ajudado por um anjo. Até ao seculo VIII ficou o crucifixo numa gruta. Por essa época, uma visão o revelou a um bispo italiano que o collocou num navio que Deus devia guiar ao lugar conveniente.

O bispo de Lucques, João, recebeu, por seu turno, a ordem divina de ir ter com todos os fieis, á praia de Luni. Ahi, soube que um barco mysterioso seguia a costa liguriana, escapando a todos os que o queriam capturar. Quando o bispo se aproximou, o navio veiu parar diante delle. O prelado foi a bordo e encontrou o crucifixo assim como a indicação da sua procedencia. A imagem santa foi deposta num carro puxado por dois touros bravios que, "sem serem guiados por mão humana", tomaram o caminho de Lucques e só pararam diante da cathedral. Deram-se estes successos no anno de 742. No seculo IX já o "volto santo" de Lucques era conhecido em toda a Europa e innumeros peregrinos iam adoral-o. Os reis normandos da Inglaterra consagravam-lhe especial devoção. O juramento predilecto de Williams Rufus era: "Pelo Christo Crucificado de Lucques"...

— O doente teve algum momento de lucidez?
— Teve, sim, doutor. A's 9 horas.
— Que disse elle?
— Que não tomava mais remedio algum.

ESPIRITO-SANTO
— NOS DIAS DA REVOLUÇÃO —

1 — No palacio do Governo, em Victoria. Aspecto imponente tomado no momento em que o general Juarez Tavora, após conferenciar com a Junta Governativa, regressava ao campo de aviação, afim de proseguir viagem para o Rio. 2 — O general Juarez Tavora, depois de receber os cumprimentos da Junta Governativa dirige-se aos escriptorios da Aéropostale, no campo de aviação de Goyabeira. 3 — A Junta Governativa, da direita para a esquerda: capitão Bley, dr. João Manoel e dr. Affonso Lyric. No extremo á esquerda, o commandante Amaral, chefe da columna de occupação. 4 — No dia em que a Força Publica adheriu ao movimento. Tendo o presidente do Estado fugido, a capital foi policiada por populares improvisados em guardas pelo Delegado provisorio. 5 — Contingentes da columna revolucionaria mineira em Victoria, a caminho da estação, afim de embarcar para Cachoeiro de Itapemerim.

6 — O Altar da Patria, erigido por A GAZETA na Praça João Pessôa, no dia da inauguração e benção das placas. Guardavam o altar alumnos do Orphanato Jesus-Christo Rei e guardas civis. As flôres foram depositadas pelo povo. 7 — No Campo de Aviação: o general Tavora recebendo abraços do povo. 8 — Fazendeiros mineiros que se incorporaram á columna Amaral, que occupou Victoria. 9 — O "Joaquim Tavora" escalando na Victoria com forças parahybanas, rumo ao Rio. 10 — Aspecto da Praça João Pessôa, antes da inauguração, quando se erigia o altar.

Nas Sombras da Mórte

por Escragnolle Doria

Passou Finados, na sua semana de tristeza universal. Seria assumpto proprio da época: a morte.

A mania da velocidade invade nosso seculo. Nem ella poupa defuntos, levados a cemiterio por enterros vertiginosos, em coches-automoveis. Falta vêr caixões pelos ares. Algum ingenuo diria que, se despencam os aeroplanos matariam segunda vez o cadaver. Cada centuria tem suas manias, curadas só pelos cem annos seguintes.

No seculo XVIII, por exemplo, a morte ás vezes vinha depressa, mortos indo á sepultura devagar, com lentidão de prestitos se enterravam gente de escól. Quando inhumavam vivos a culpa do horror era preguiça da lethargia.

Bom é affirmar, melhor provar.

Reaes ordens de D. José I haviam honrado o marquez do Lavradio com o honorifico emprego de vice-rei do Estado do Brasil. Curtidos e velejados quarenta e quatro dias de mar, aportava Lavradio a S. Salvador, trazendo — dizia elle — "como todos, emprezadas no coração e na memoria as determinações de Sua Majestade".

Encontrava o marquez do Lavradio na séde do vice-reinado o antecessor, o conde dos Arcos; uma situação delicada, o expulsar jesuitas, e a renuncia do arcebispado da Bahia por parte de d. José Botelho de Mattos.

Chegado a 6 de Janeiro de 1760, o marquez do Lavradio ficou a bordo, a pretexto de molestia, pretexto com esta nascido sem esperar que ella justifique matando realmente.

Na tarde de 9 de Janeiro de 1760 o marquez do Lavradio recebeu, do conde dos Arcos, transmissão de governo, na cathedral da cidade, sob as vistas e o respeito do Cabido, do Senado da Camara, de muitos religiosos, de toda a nobreza da terra.

Tocou ao marquez do Lavradio continuar as providencias do antecessor relativas á expulsão das jesuitas, reputando "indubitavelmente por maior castigo que o da morte merecer o desagrado de Sua Majestade". O rei era o rei e o conde de Oeiras o seu propheta.

Ao sexto dia da posse do vice-rei retirava-se o arcebispo resignatario, para légua e meia de distancia de S. Salvador, no logar de Nossa Senhora da Penha.

Pouca gente acompanhou-o, nenhuma o visitou em casinha humilde junto do mar. O desfavor nunca foi iman de bajuladores.

Levou comsigo o arcebispo um capellão e dous negros, aquelle para o serviço espiritual, estes para o corporeo. Fôra d. José grande esmoler, no seu reservando só a subsistencia. Tudo o mais repartira em esmolas, e resignado o cargo quasi as pedira. Um verdadeiro copiador de Christo.

Os jesuitas, poude observal-o o vice-rei, possuiam muitos adversarios; amigos, não é de crêr os tivessem, talvez só algum de coração a dentro e lingua muda.

Durante annos tinham os roupetas ensinado latim em e a S. Salvador. N'uma pastoral, o cabido da terra reconheceu, no momento da desgraça, que "a Real e Altissima comprehensão" de D. José I conhecera o quanto tinha retardado, confundido e damnado o adiantamento da Lingua latina e estudo de sua Grammatica o methodo dos padres jesuitas com todos os seus cartapacios".

De tudo tomara conhecimento o vice-rei. Em portaria, ordenava ao chanceller da Relação a remessa para Lisbôa das reliquias de José de Anchieta, encontradas no antigo collegio dos jesuitas.

Era preciosidade, mas avaliadores e mestres de obras andavam a excogitar quanto podiam produzir os bens dos jesuitas. Com afan seriam capazes, n'um dizer classico, de esculdrinhar os tutanos dos intimos pensamentos dos padres, só para saberem quanto suas reverencias em bens de raiz se tinham desunhado a possuir. Nada lhes escapava — confrontações, valor, rendimentos, nomes dos inquilinos.

Trocando a penna dos officios pela das cartas particulares, escrevia o vice-rei da America lá ao vice-rei de Portugal, o conde de Oeiras, queixando-se do "clima ardente do Brasil".

Não se lamentava em vão o vice-rei, nem lhe valeria a receita, do Antidoto ou Triaga Brasilica, da botica do collegio dos Jesuitas, remedio de grande gasto se não gosto na cidade e fundo principal da botica, provida comtudo de outros preparados. Mas os prelados, com pena de desobediencia, mandavam se não mostrassem as receitas a pessôa alguma, dando-se tres ou quatro mil cruzados pelo segredo da Triaga Brasilica.

Assistia havia cinco mezes ao governo o marquez do Lavradio quando, victima do clima ardente, foi mandado, por decreto medico, a casa de campo em Nazareth, arredores de S. Salvador. Pensavam os doutores em Junho de 1760 que "a puridade dos ares talvez fortificasse a debilidade do estomago vice-real, occasionada de obstrucção que fortemente o comprimia".

Tudo debalde. A 4 de Julho de 1760 "fallecia, de queicha incuravel" — até a morte tem rotulos — o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez do Lavradio, oitavo e ultimo vice-rei e capitão-general do Estado do Brasil na Bahia.

Grande foi o alvoroto na terra pequena, avidas de algum pasto as curiosidades jejunas. Os sinos das igrejas todas encheram de dobres a "puridade de ares" inutil ao vice-rei, emquanto as fortalezas da marinha, de quarto em quarto d'hora, despejavam um tiro.

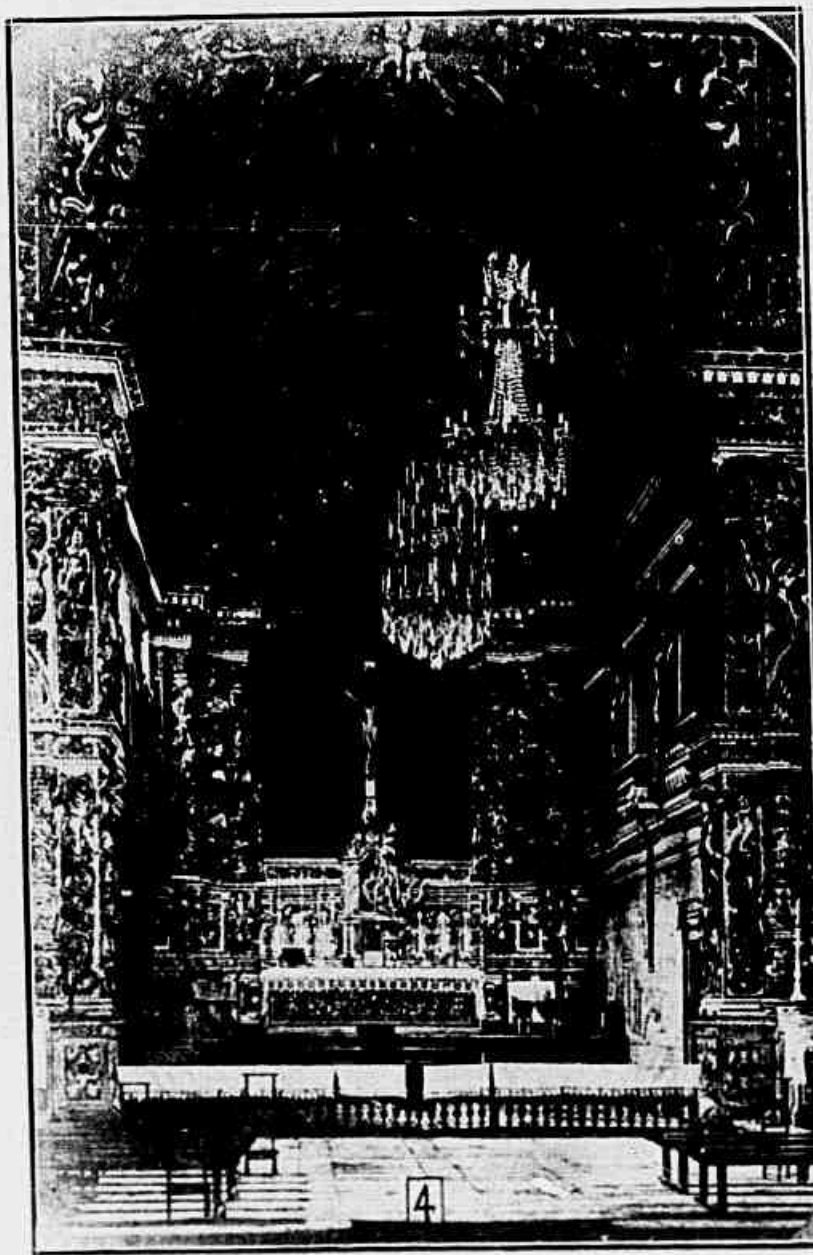
Acudio a cidade aos funeraes do vice-rei, dirigidos pelo coronel Gonçalo Xavier de Barros e Alvim, com

Convento de S. Francisco, em S. Salvador.

pratica mortuaria, compungida testemunha ocular em Lisbôa dos funeraes do duque de Cadaval.

Mostrára o vice-rei desejos de sepultura na igreja de S. Francisco, na capella dos Terceiros. Obedecendo a quem já não mandava, trouxeram-lhe o esquife á mão, seguido pelo maior apparato militar, até por peças de artilharia de campanha e carros cobertos com as munições e petrechos della artilharia. Sobre uma peça, debruçado, ia o estandarte d'essa arma de guerra. Ao corpo de artilheiros seguia-se o regimento de Ala, cobrindo a retaguarda. D'elle todos os officiaes traziam fumos no braço, fumos tambem nas bandeiras cahídas, destemperadas e de luto; á trapa de armas em funeral.

Quando o prestito funebre alcançou devagarinho a igreja de S. Francisco, ficaram-lhe á porta as forças, n'uma linha, para as tres descargas da ordenança. A's da infantaria e artilharia responderam todas as fortalezas de terra e mar, com descarga unica pela mingua de polvora na praça.

Com a ultima descarga cessaram os mais signaes das fortalezas. Haviam durado trinta e nove horas, findas assim honras militares á grandeza defunta.

Um aspecto interior da igreja de S. Francisco.

Tres dias depois o chanceller da Relação da Bahia foi, com mais pessôas, ao convento de S. Francisco abrir a via de successão, posta em cofre no convento.

Leram-a, nada adiantava, simples copia da via successoria aberta na successão do conde de Athouguia. O congresso de pessôas de responsabilidade official ou social, convocado pelo chanceller Thomaz Roby de Barros Barreto, deliberou formar por eleição o governo interino do Estado.

Surgiram duvidas, apresentaram-se alvitres, na reunião começada ás tres da tarde de 7 de Junho de 1760, ainda em permanencia ás quatro da madrugada do dia seguinte, isso em cidade na qual se dormia cedo.

Afinal o governo interino coube a um só, o chanceller Roby, annuindo os presentes e votantes fosse o eleito reputado e obedecido como verdadeiro governador do Estado, obrigando-se todos a concorrer quanto da parte de cada um estivesse para effeito de executar-se e cumprir-se.

Costumava-se no Brasil, quando um vice-rei deixava o governo, tirar-lhe residencia, isto é abrir inquerito. Queria-se saber um pouco o muito que o poderoso poderia ter feito nos ousios emquanto com a vara na mão, infallivel meio de conhecer vilões.

Rendida a Deus a alma do marquez do Lavradio o governador interino, o chanceller Roby, tirou a residencia do vice-rei conde dos Arcos, pois o successor d'elle sem tempo ou ordem de fazel-o.

Dirigio-se á côrte o chanceller Roby assignalando não haver o marquez do Lavradio deixado dinheiro, "nem de sua generosidade e independencia devia suppôr-se que tivesse".

Fizera testamento nuncupativo, isto é oral, dictando-o segundo as formulas legaes, designando a dois criados, seus mais antigos, por testamenteiros e aos filhos por herdeiros.

Observava então o chanceller Roby: "e como os ditos dois criados testamenteiros são dous formozos patetas — deliciosa alliança de termos — sem disposição e sem dinheiro para o darem á terra com aquella decencia que merecia a sua pessôa e emprego, não tive mais remedio que tomar a meu cargo o seu funeral".

Da casa de campo em que fallecera, o vice-rei, passado a cadaver, foi para palacio, em andor. Verificaram no embalsamamento a incurabilidade da molestia do marquez: no "bofe" ou pulmão tumor da esphera de um ovo coberto de 87 "granitos" ou granulações; no figado duas chagas com alguma corrupção.

Exposto o cadaver, em palacio, ahi o foram encommendar o cabido, os parochos e todas as communidades de S. Salvador, seguindo-se no outro dia solemnissimo officio no convento de S. Francisco com sermão e numerosa assistencia.

O vice-rei do Estado do Brasil só deixava dividas e credores reclamando pagamento, e isso se não póde increpar a credores. Achou o governador interino, "não ser justo nem do agrado de Sua Majestade andassem os seus criados vendendo as pobres alfayas deste Fidalgo".

Mandou o governador lançar bando de convocação a credores, chamados a palacio, onde promptamente se satisfariam os seus productos assim pelo que respeitava ao funeral como a outras quaesquer dividas verdadeiras.

Foram satisfeitos os credores do vice-rei na presença dos testamenteiros, os formosos patetas, e de toda a familia, á qual se forneceu o julgado indispensavel ao seu transporte para a Europa.

Assim poude o marquez do Lavradio, ultimo vice-rei do Estado do Brasil na Bahia, entrar nas sombras da morte sem ser perseguido na luz da vida pelos credores, por suas maldições e pelos epithetos injuriosos emprestados a quem não paga, porque não póde ou não quer.

Mas tambem não escapa á meditação o facto de omnipotente vice-rei só deixar dividas quando o Estado é ubere de tanto poderoso, a berrar na desmama.

Escragnolle Doria

Figuras e Factos da Revolução

A posse do illustre dr. Belisario Penna no alto cargo de director do Departamento Nacional de Saude Publica. Na photographia, tirada no Ministerio da Justiça, vê-se o novo director ladeado pelos srs. Oswaldo Aranha e Francisco Campos, ministros da Justiça e da Instrucção.

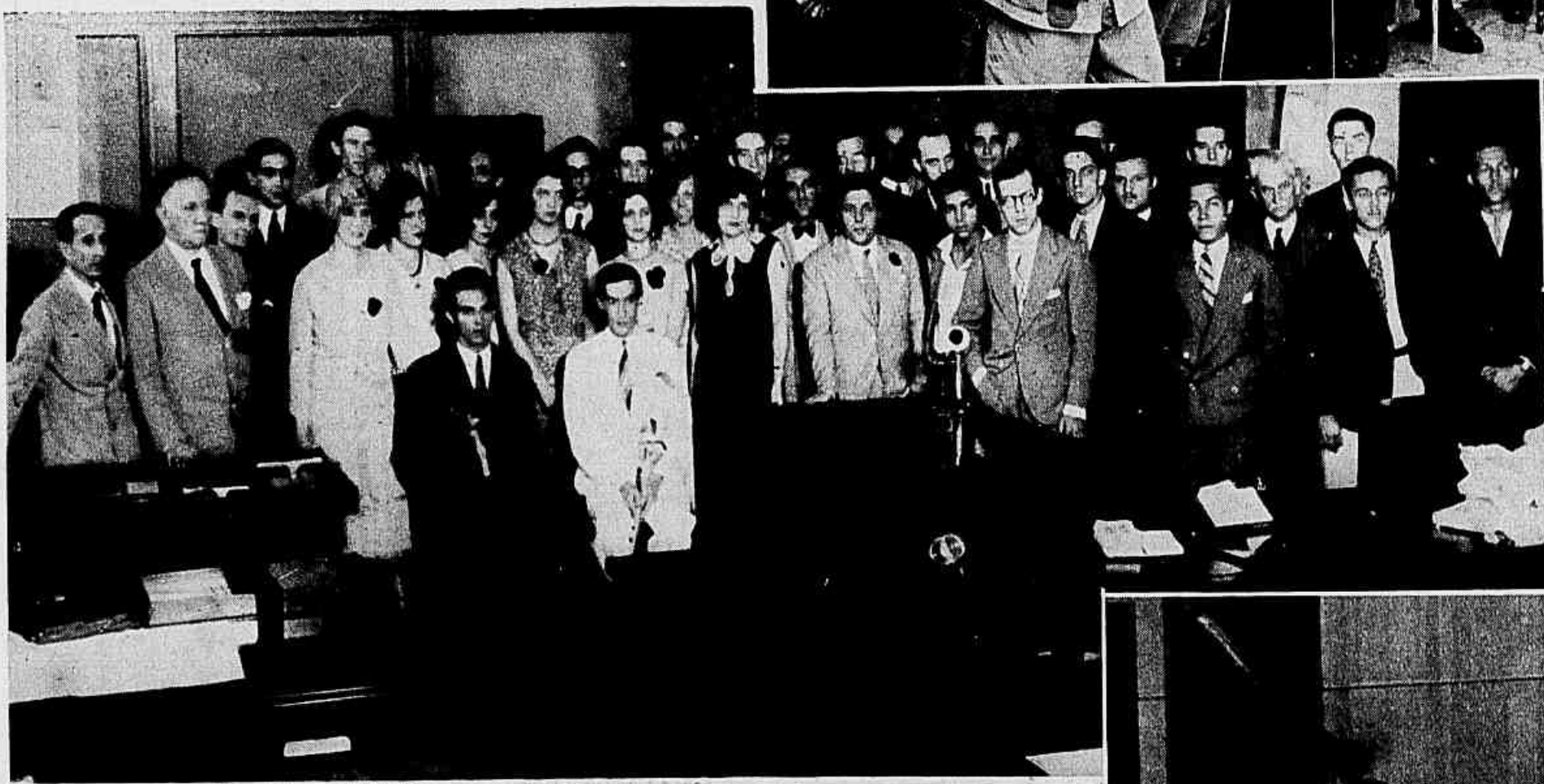
Aspecto tirado por occasião do "chimarrão-dansante" offerecido pela Columna Flores da Cunha ás familias cariocas.

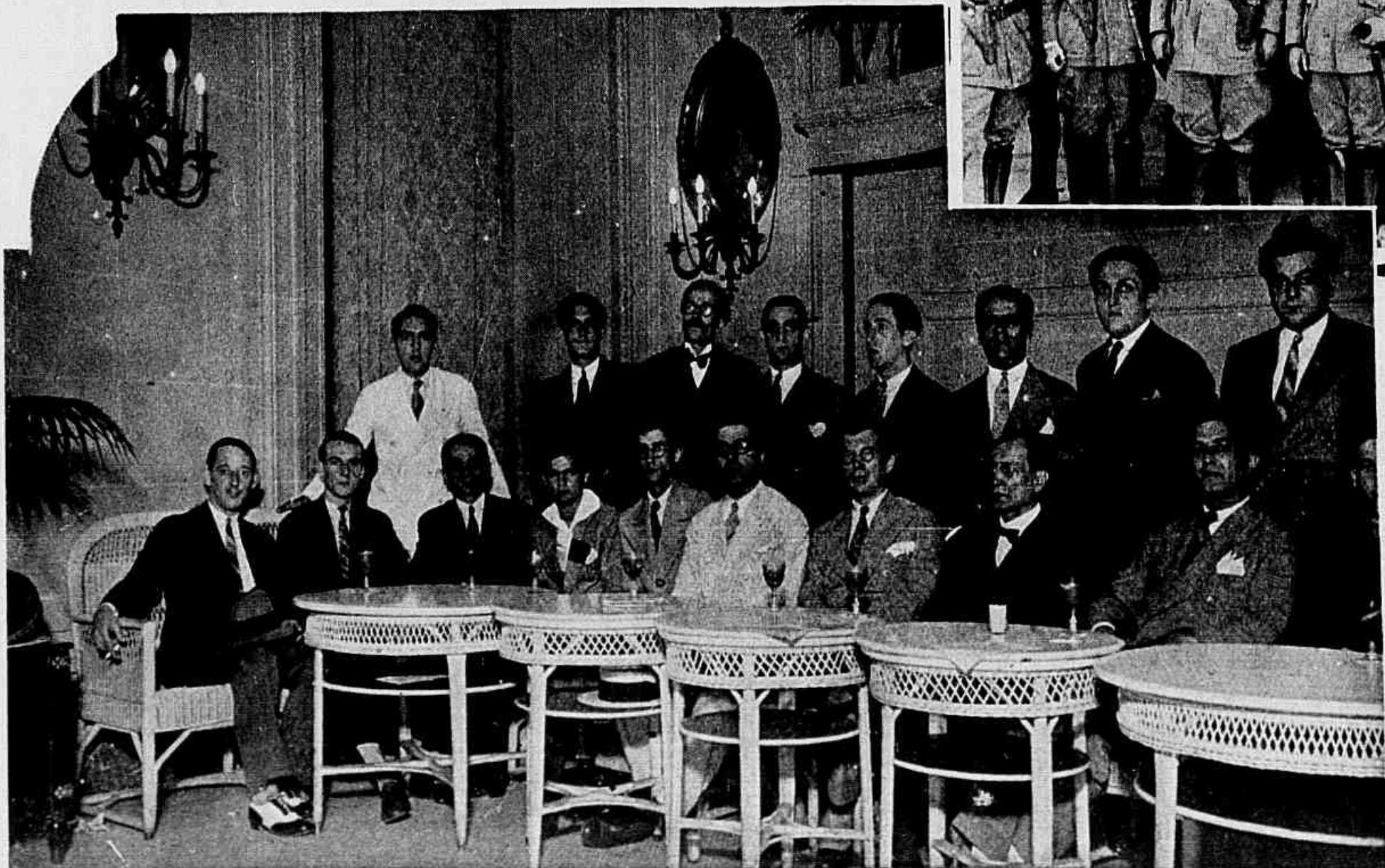
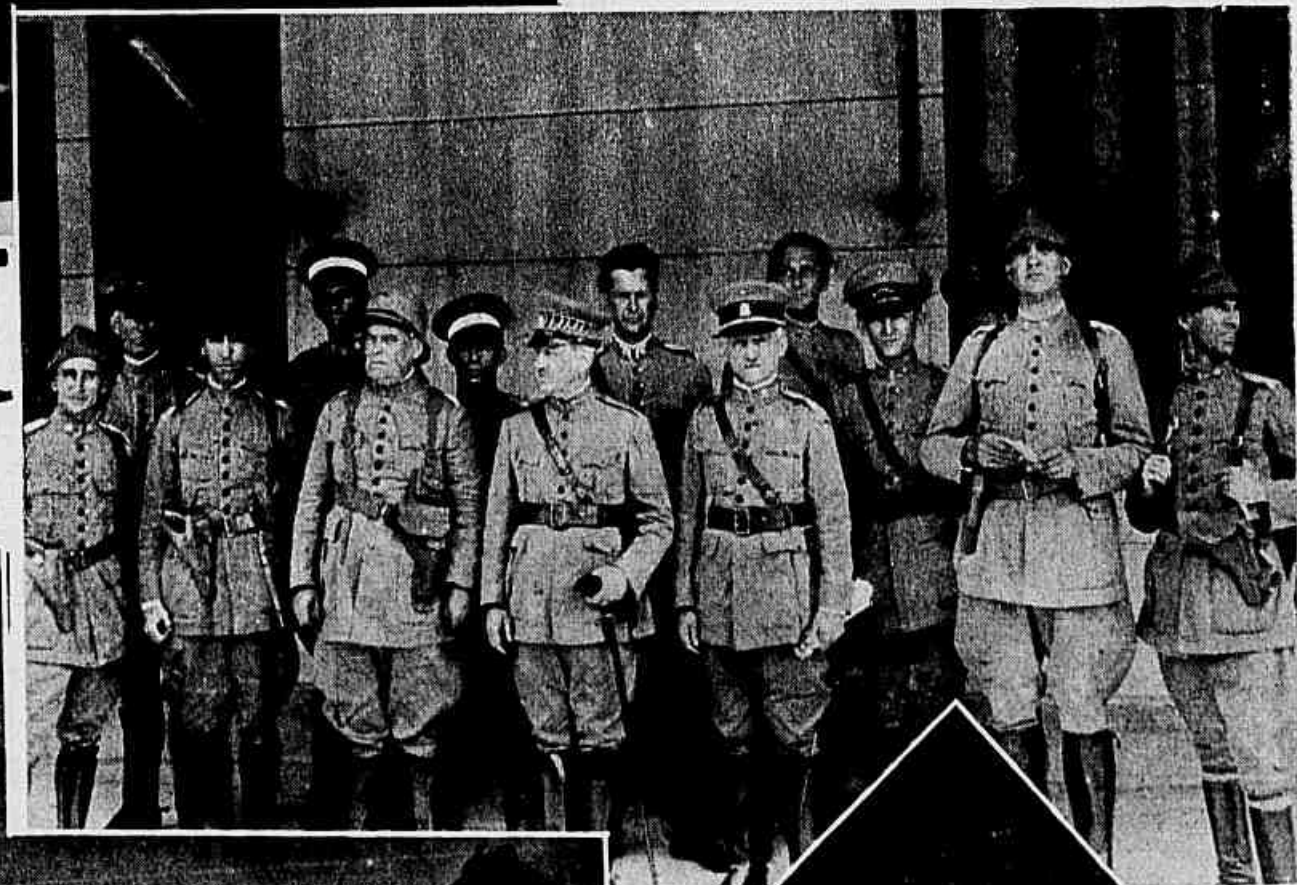
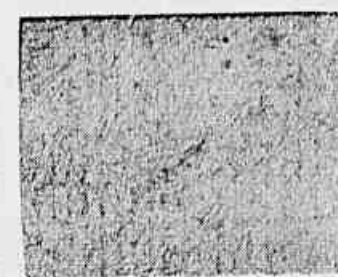
Na Avenida Rio Branco, no Dia da Republica. A venda do livro "Os 18 do Forte" em prol da construcção do monumento aos heroicos brasileiros que inscreveram nas paginas da Historia a epopéa de Copacabana.

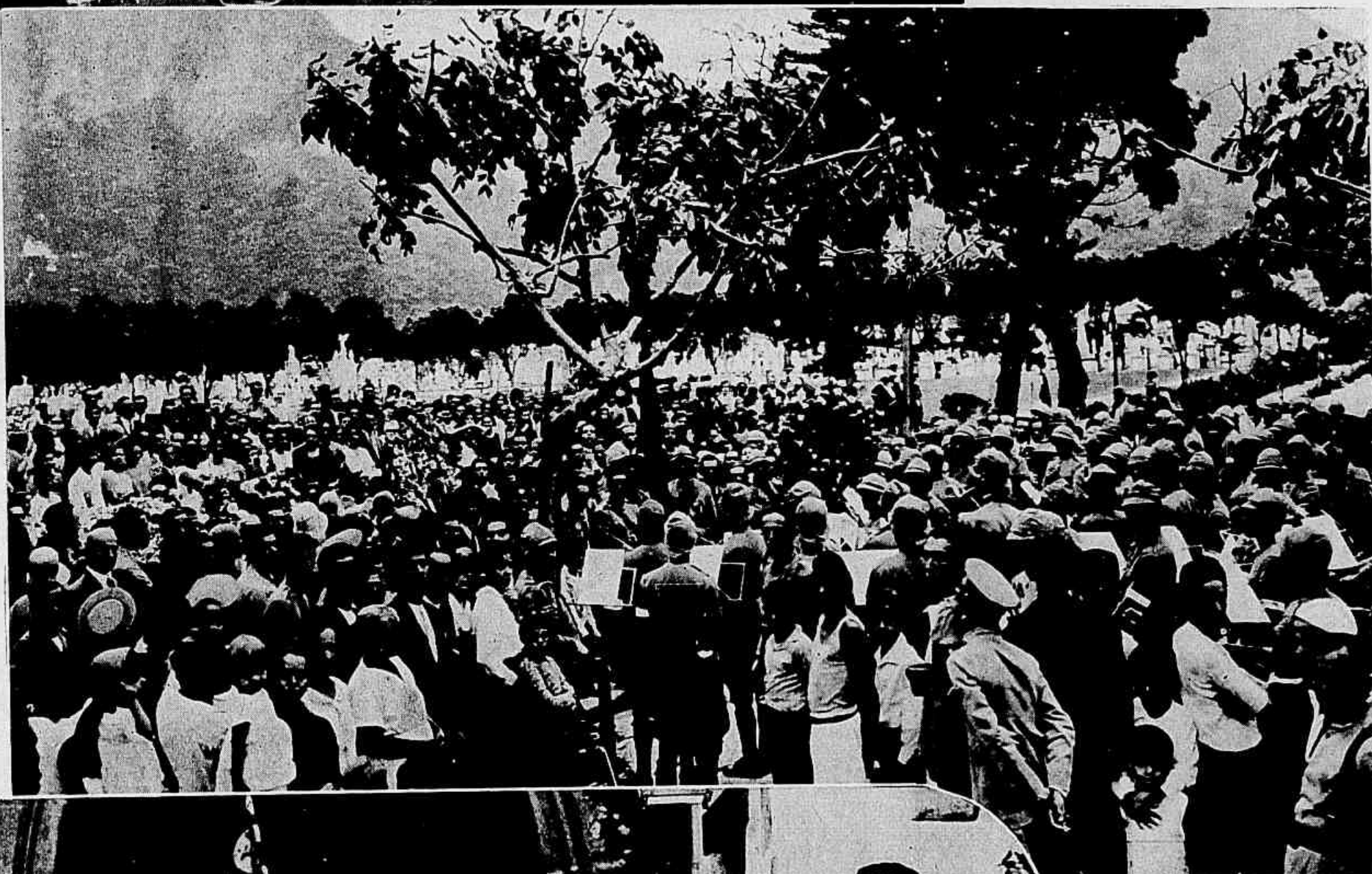
No palacio do Cattete. A Legião Tiradentes, que foi cumprimentar o sr. Getulio Vargas, presidente da Republica.

O almoço offerecido ao sr. Djalma Pinheiro Chagas por motivo da sua escolha para membro do Tribunal Revolucionario. O homenageado — que está assignalado — tem á direita os srs. Oswaldo Aranha, ministro da Justiça, e Francisco Campos, ministro da Instrucção, e á esquerda os srs. Mello Franco, ministro do Exterior; Lindolfo Collor, ministro do Trabalho, e Mario Brant, presidente do Banco do Brasil.

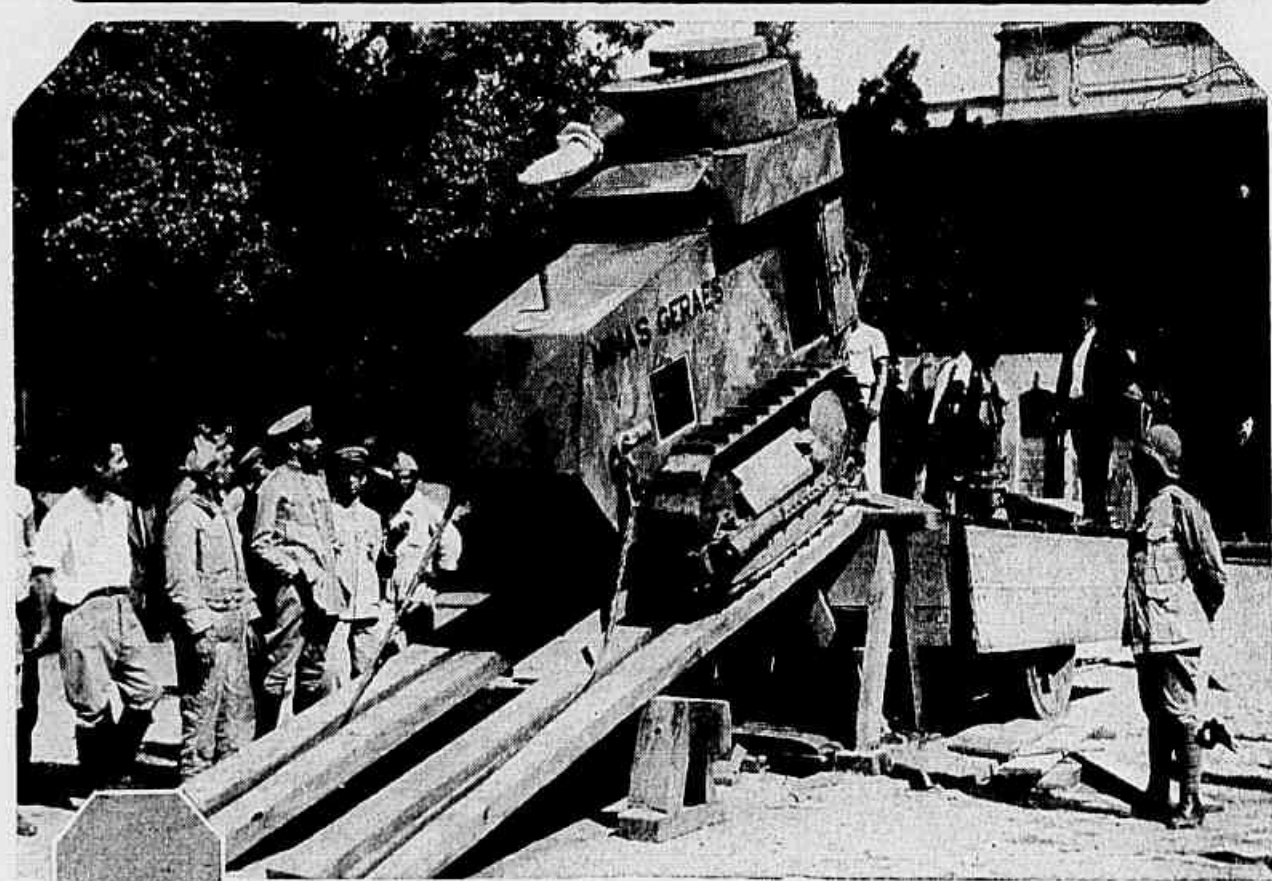
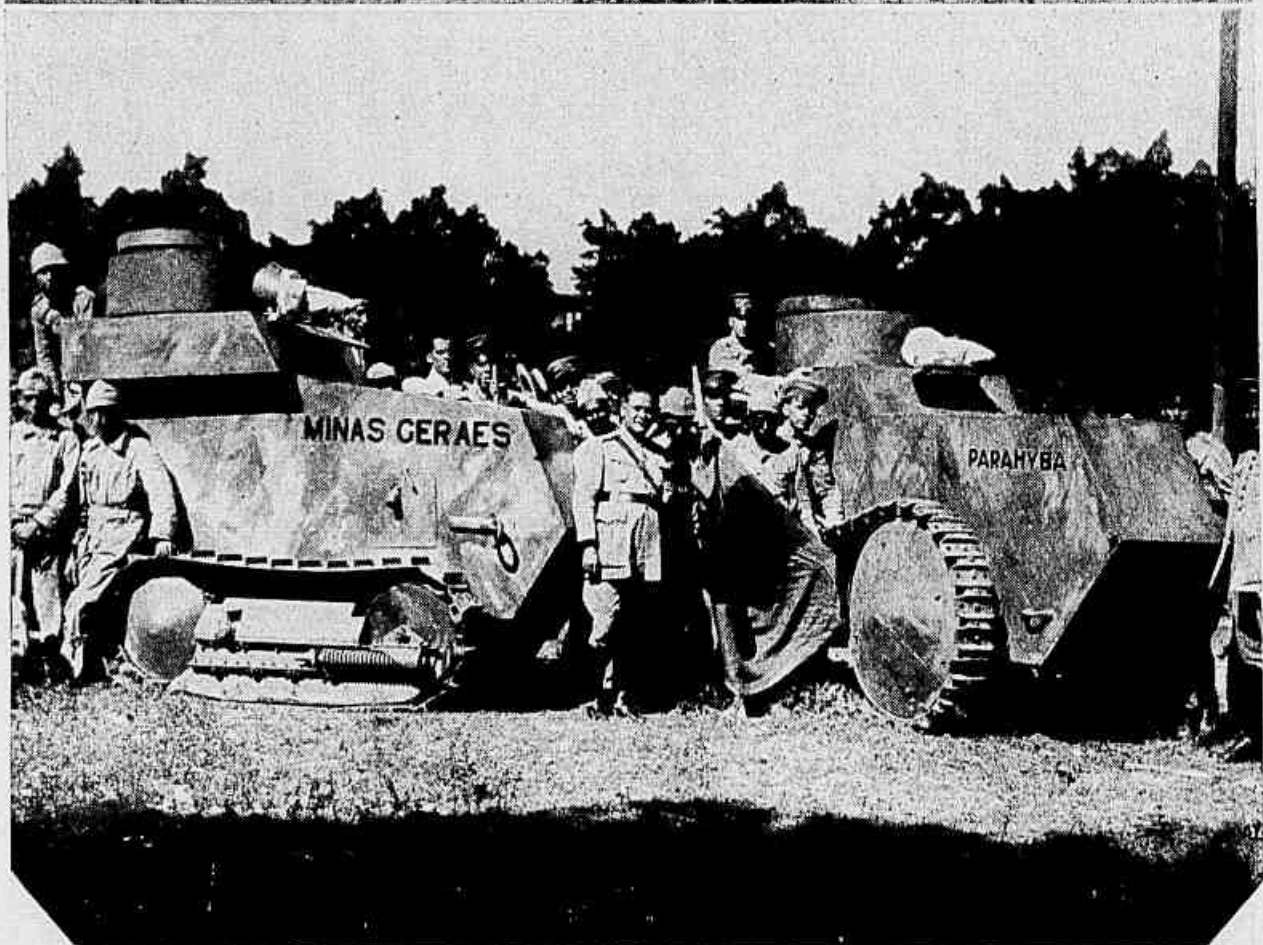
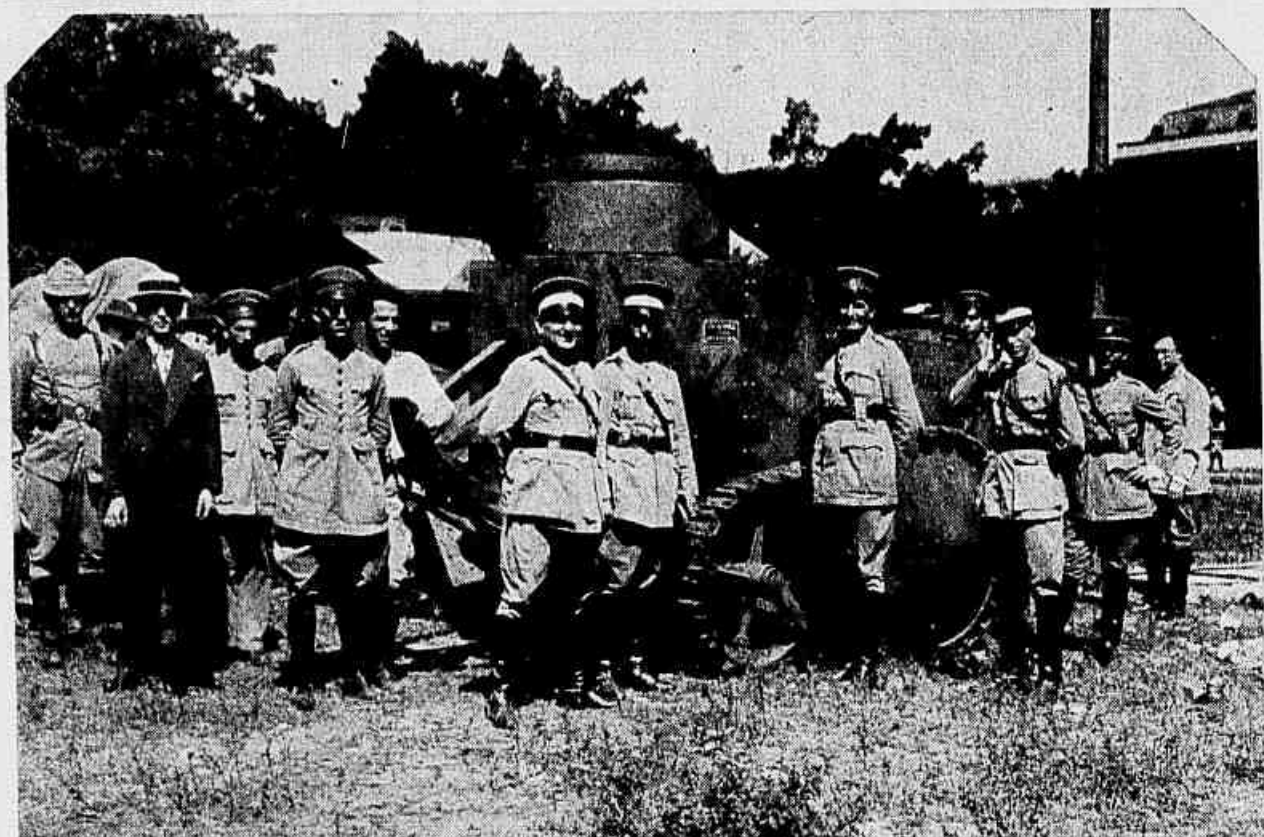
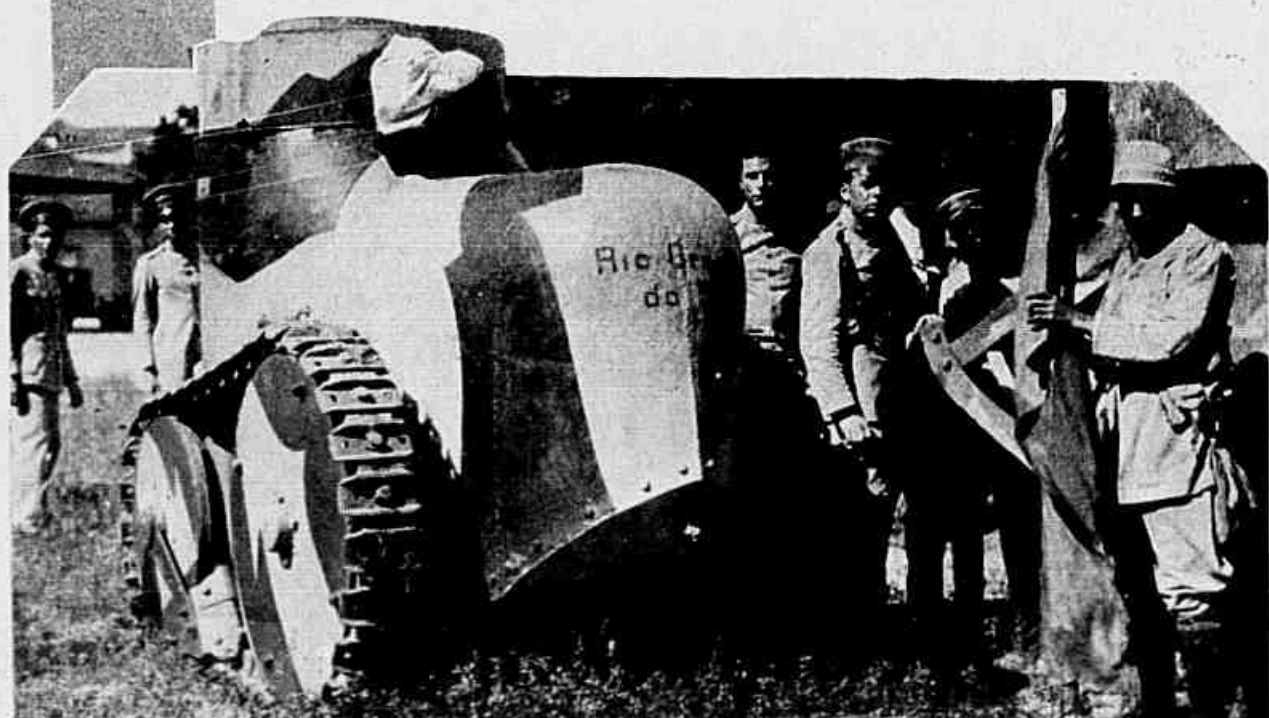
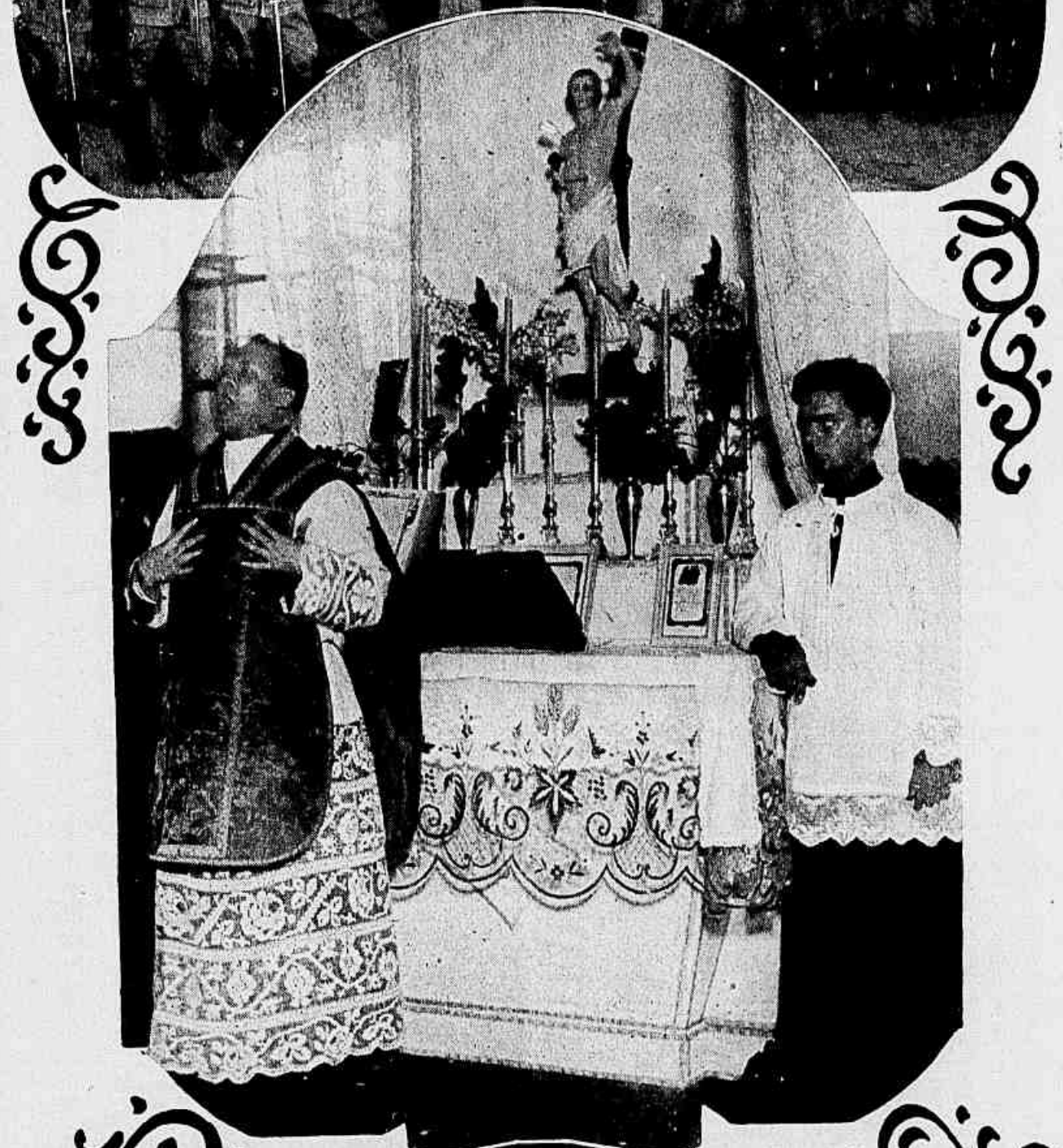
Grupo no Theatro Lyrico por occasião da festa de arte promovida pela senhorinha Jesy Barbosa e sr. Renato Murce, principe dos cantores regionalistas, em beneficio dos Orphãos da Revolução e do resgate da divida nacional.

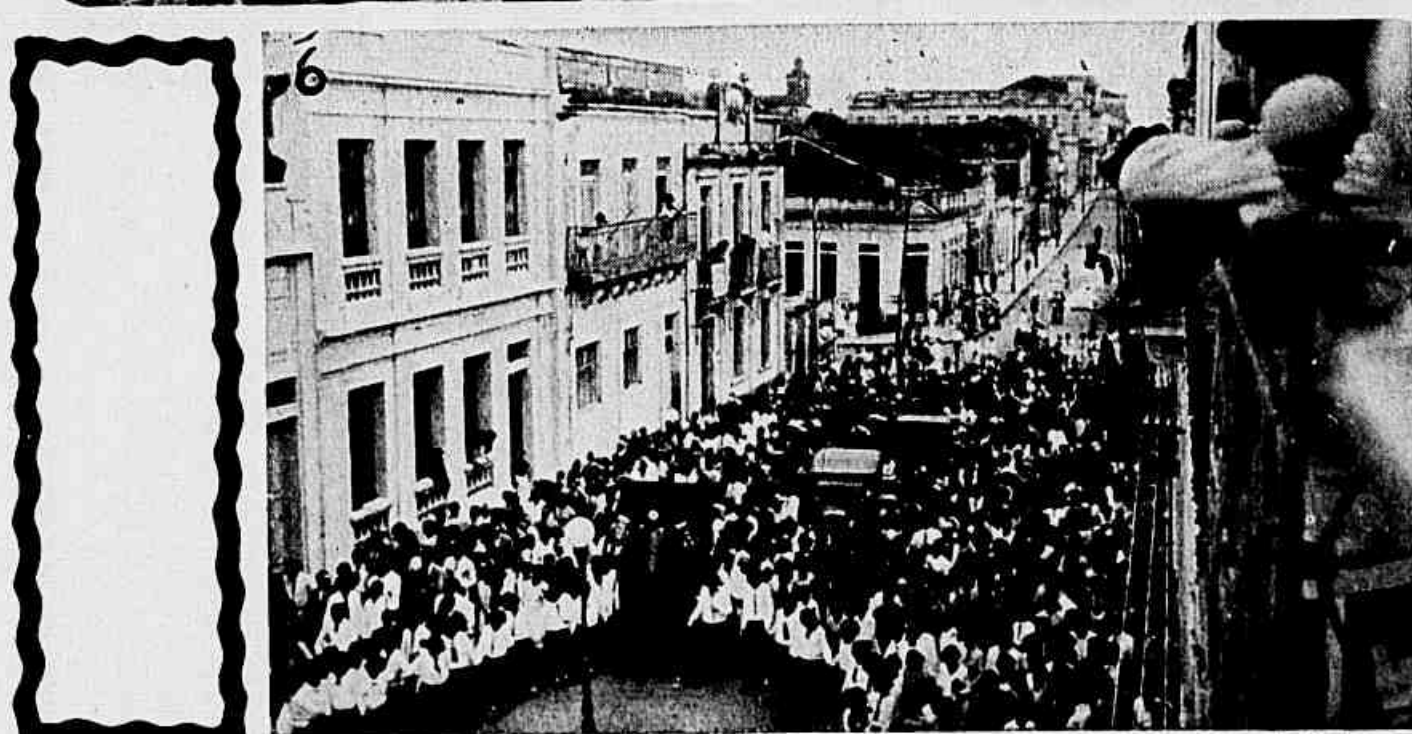
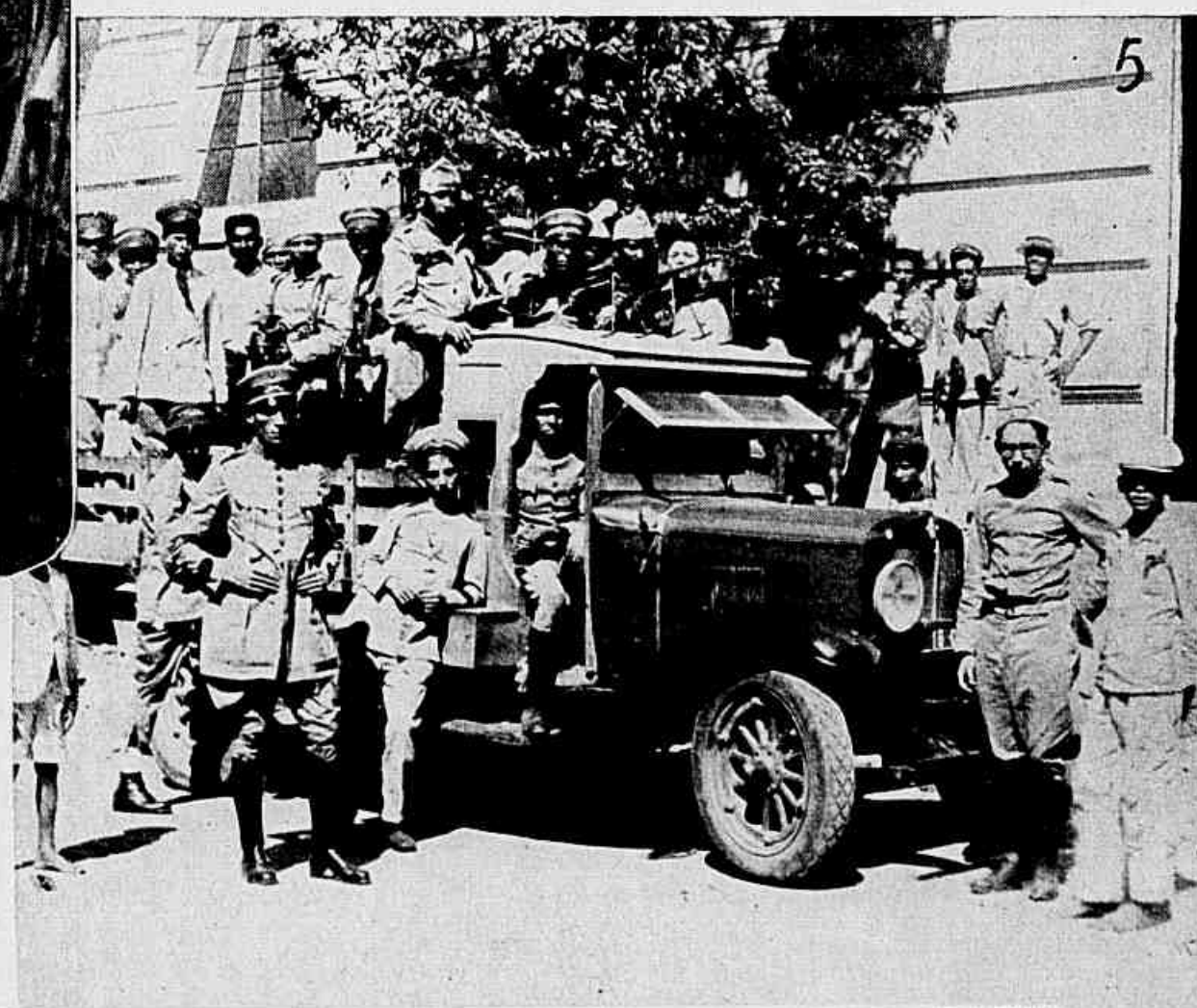
O general Flores da Cunha e seu estado-maior assistindo da terrasse do Casino ao desfile das forças que tomaram parte na parada de 15 de Novembro.

Os srs. Joaquim Paredes e Benjamim Coutinho homenageados pelos seus companheiros da Companhia Telephonica que, por motivo do seu regresso ás fileiras do Exercito, mercê da amnistia, lhe offereceram as espadas e talabartes.

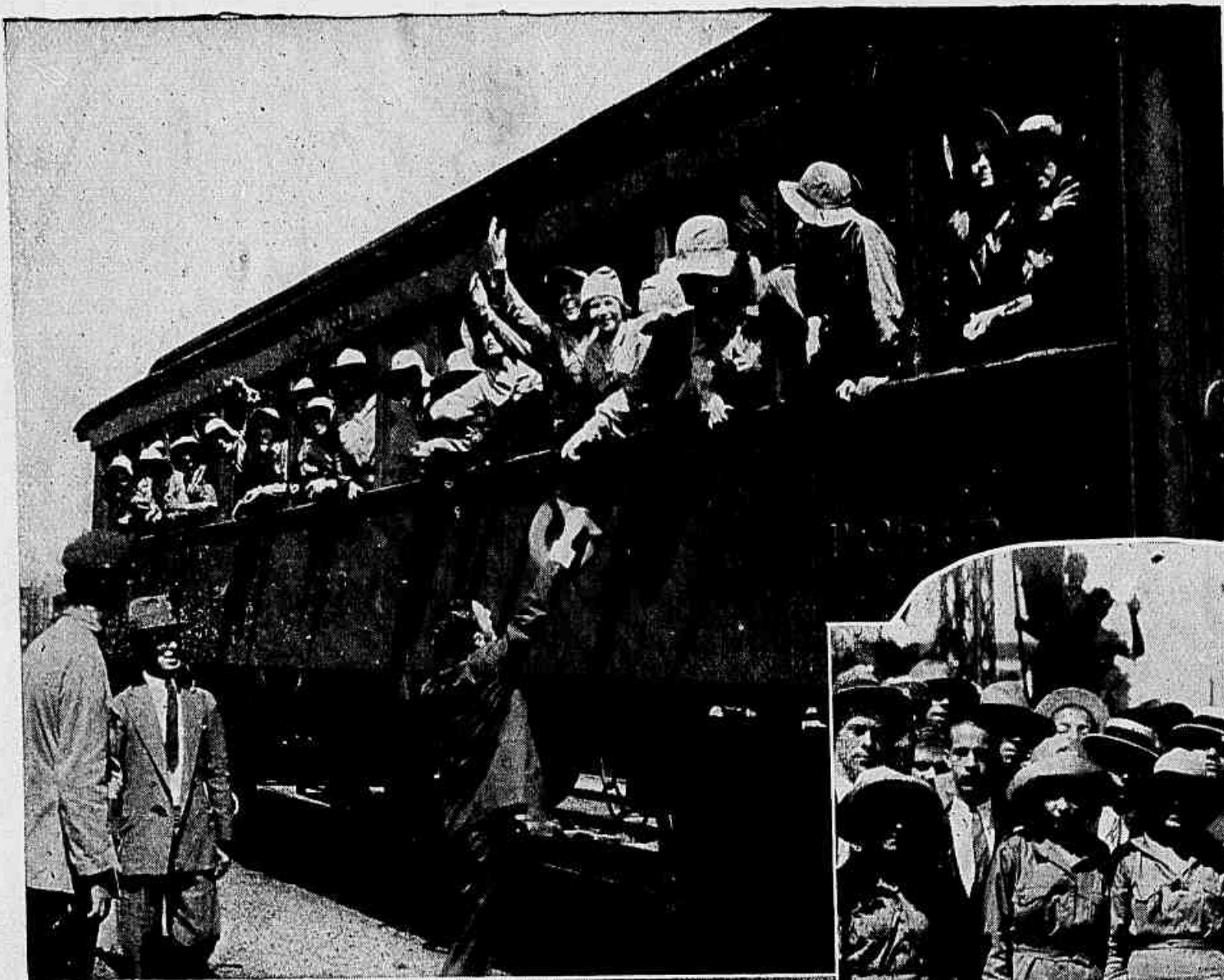
O general Pantaleão Telles Ferreira no seu quartel-general, na Villa Militar, cercado de officiaes que apoiaram as suas primeiras providencias para o levante dessa importante guarnição militar.

Um dos grupos que tomaram parte no aperitivo sem alcool offerecido pelo dr. Helenio de Miranda Moura, presidente do Centro de Defesa dos Ideaes Revolucionarios, aos presos revolucionarios que figuraram na "Galeria de Bosteiros".

O sr. Francisco de Campos tomando posse, no Ministerio da Justiça, da pasta de ministro da Instrucção. A photographia representa o momento em que o novo titular, tendo á esquerda o dr. Oswaldo Aranha, ministro da Justiça, pronunciava o seu discurso.

A banda de musica da Força Publica do Paraná junto do tumulo do saudoso presidente João Pessôa, onde executou trechos de Wagner e Beethoven.

O sr. presidente Getulio Vargas em visita á Feira de Amostras de Productos Portuguezes. A' direita do chefe da Nação o sr. embaixador de Portugal, e á esquerda o sr. Adolpho Bergamini, prefeito do Districto Federal.

A chegada ao Rio de Janeiro do sr. Assis Brasil, que vem assumir a pasta da Agricultura. Vê-se assignalado, á sahida da Estação Pedro II, o illustre estadista gaúcho.

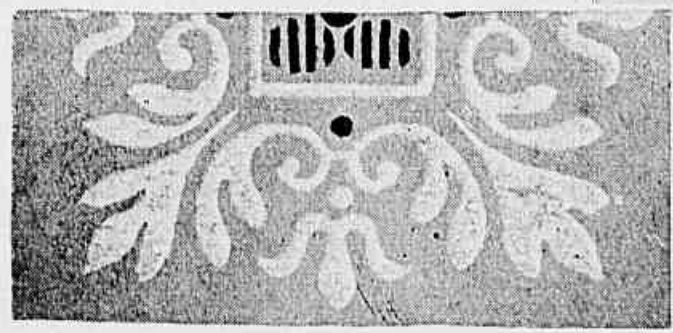
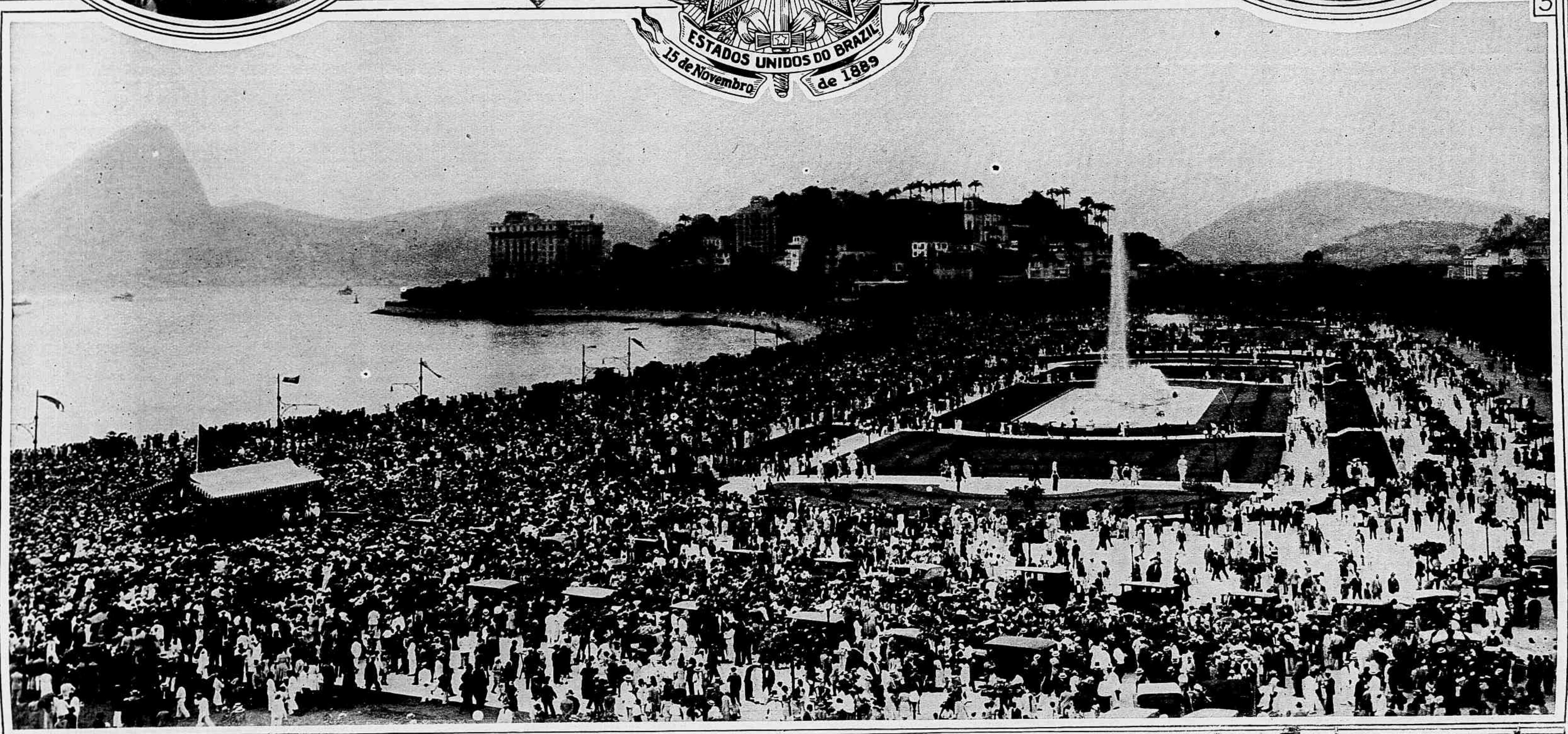
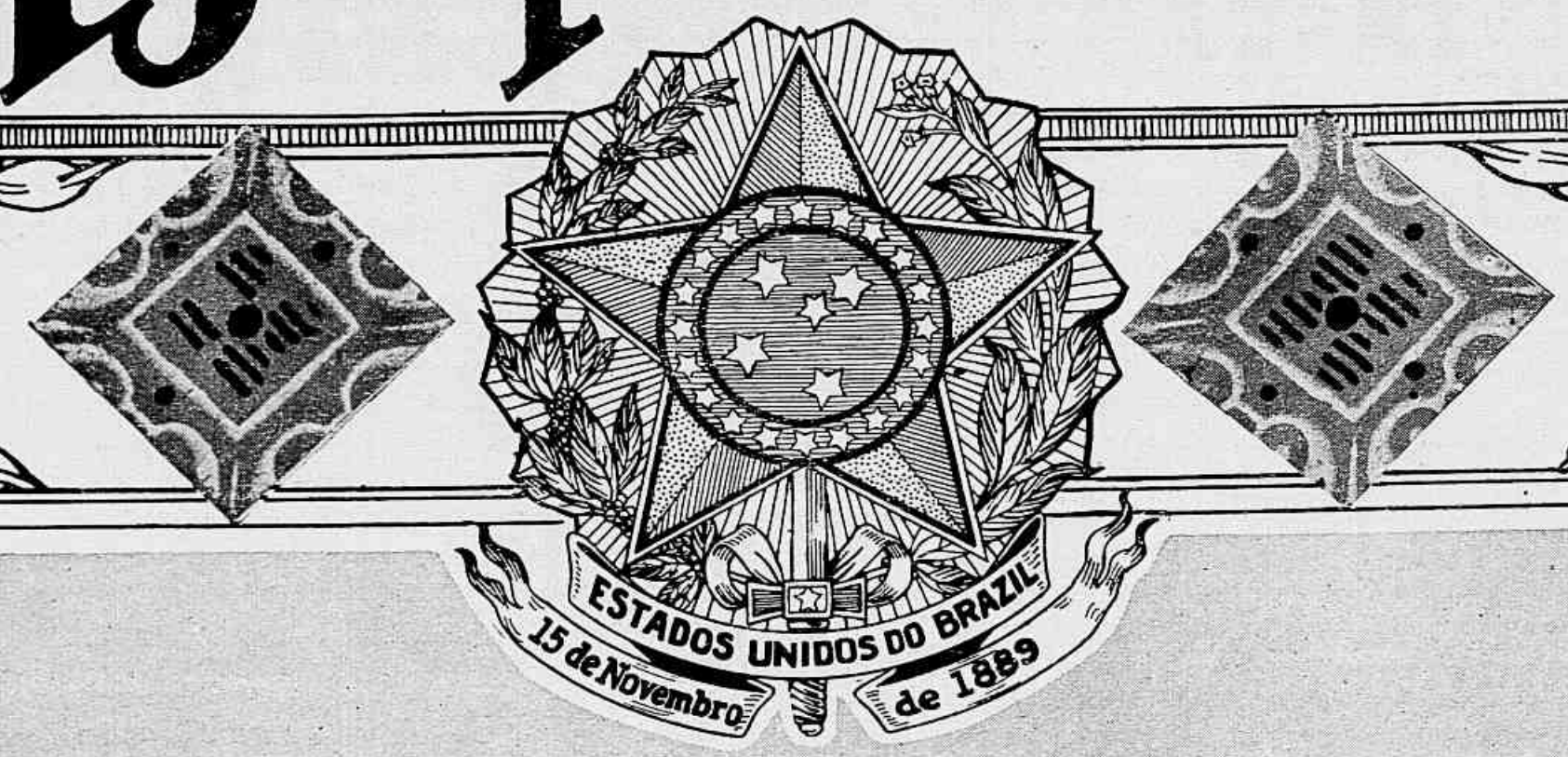
Os "tanks" gaúchos

O Estado do Rio Grande do Sul não se contentou em mandar-nos, através de photographias, a certeza de que até *tanks* de combate se fabricaram na terra gaúcha por motivo da Revolução. Quiz mostrar a sua obra e mandou ao Rio varios exemplares de carros de combate. Eil-os aqui nesta pagina, photographados pela nossa objectiva no pateo do Quartel-General do Exercito, vendo-se na primeira photographia, ao lado de um dos *tanks*, o general Firmino Borba, commandante da Região Militar.

Aos soldados de Minas Geraes

O jardim da Praça da Republica deveria ser theatro, no domingo ultimo, de uma linda homenagem aos officiaes e praças das forças mineiras que tomaram parte na Campanha Libertadora. O máu tempo, entretanto, determinou que essa homenagem fosse realizada nas antigas officinas da Light, á rua Figueira de Mello. Ao alto da pagina, as forças de Minas Geraes, assistindo á missa rezada no momento. A seguir: o padre dr. Henrique de Magalhães dirigindo-se, em formosa prédica, aos soldados de Minas. Ao alto destas linhas: a poetisa sra. Anna Amelia Carneiro de Mendonça saudando as forças valorosas do grande Estado central. Em baixo: o commandante das forças mineiras rodeado por assistentes da festa, vendo-se de pé, ao centro, o sr. Francisco Campos, ministro da Instrucção, que tem á esquerda o sr. Djalma Pinheiro Chagas e á direita os srs. prefeito Adolpho Bergamini e Mario Brant, director do Banco do Brasil.

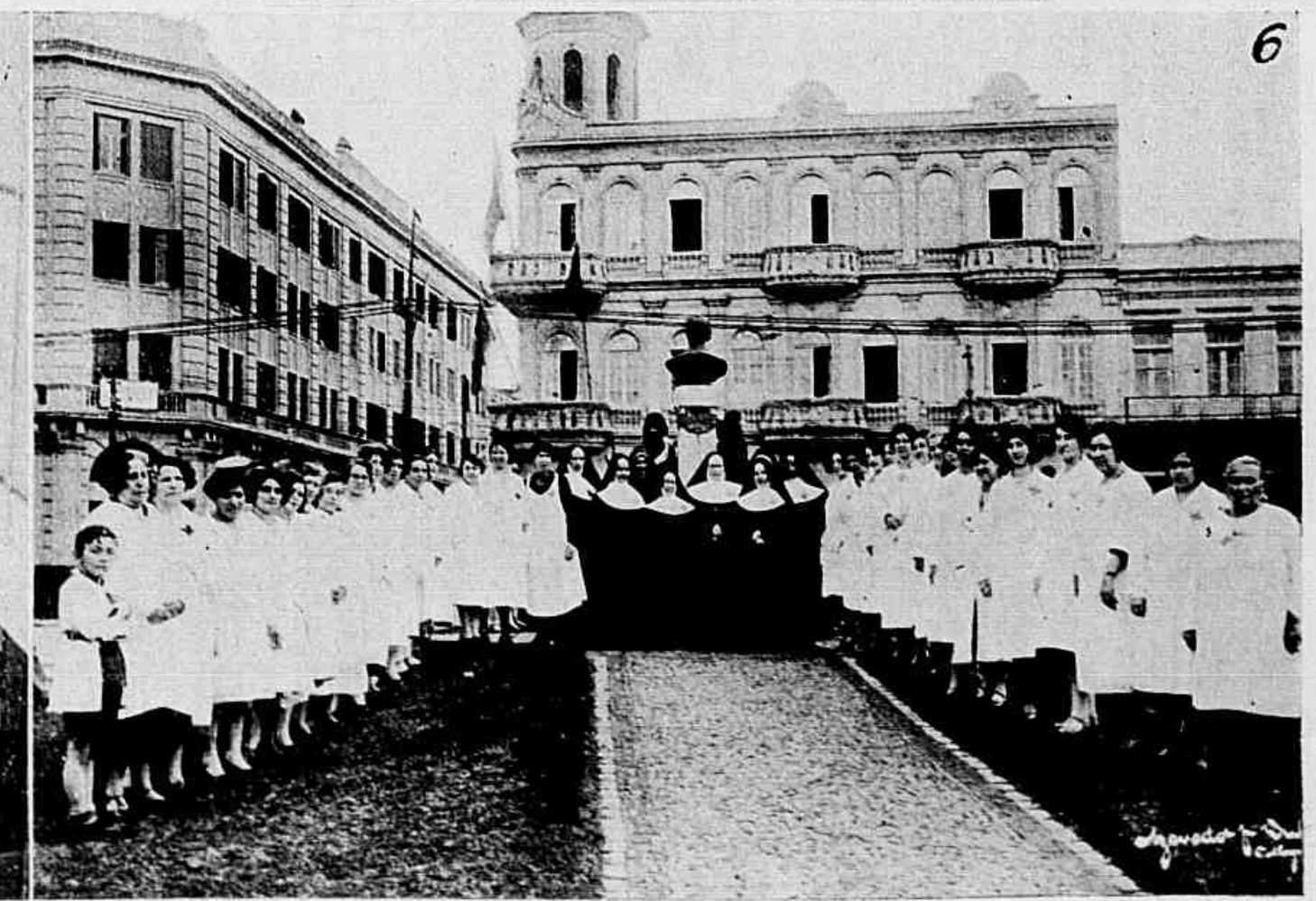
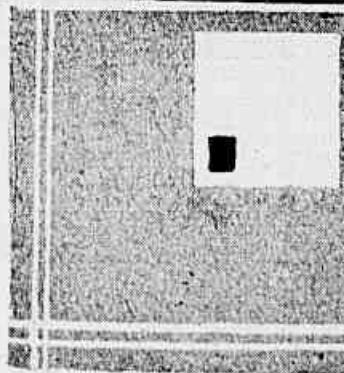
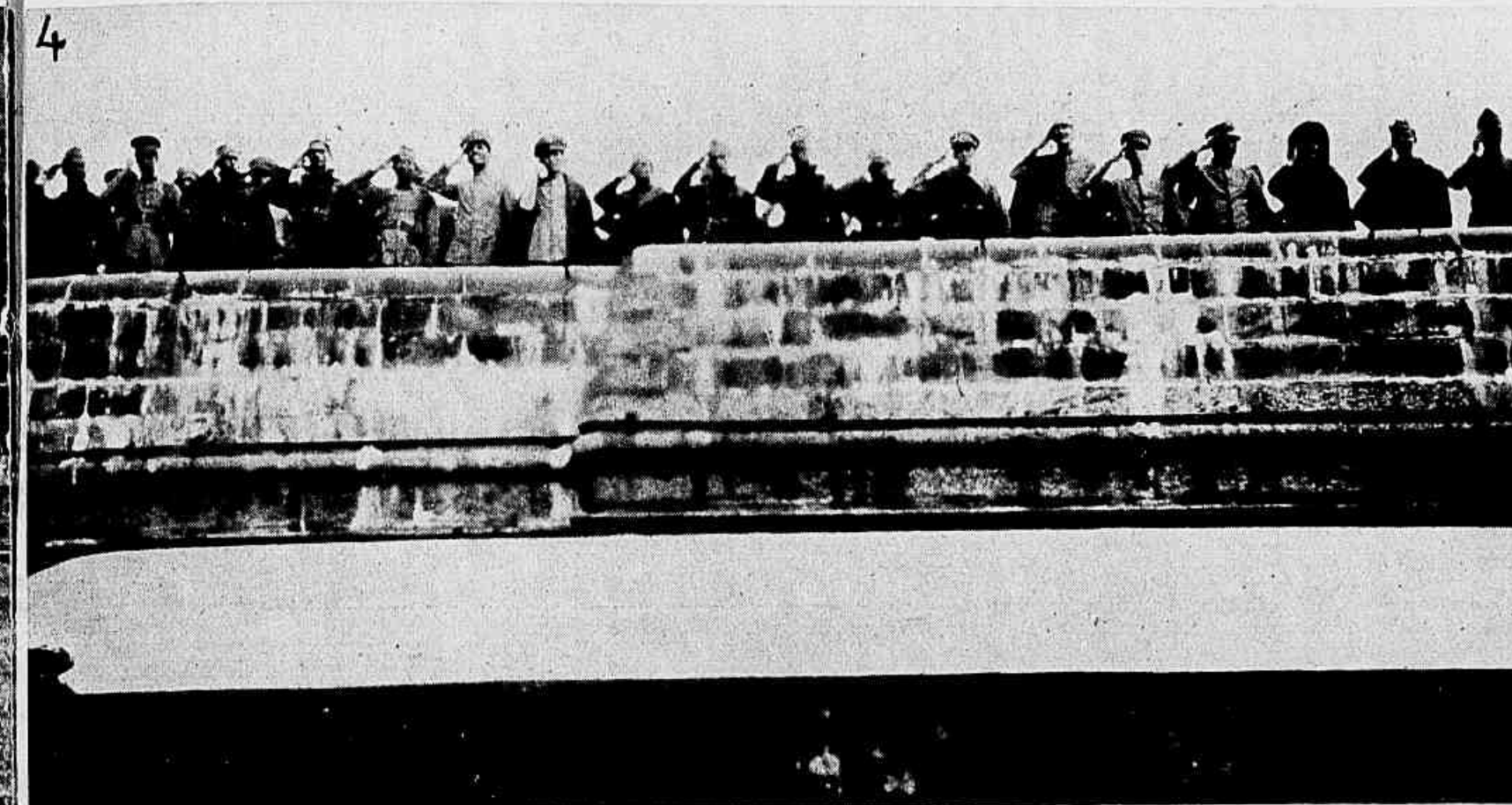
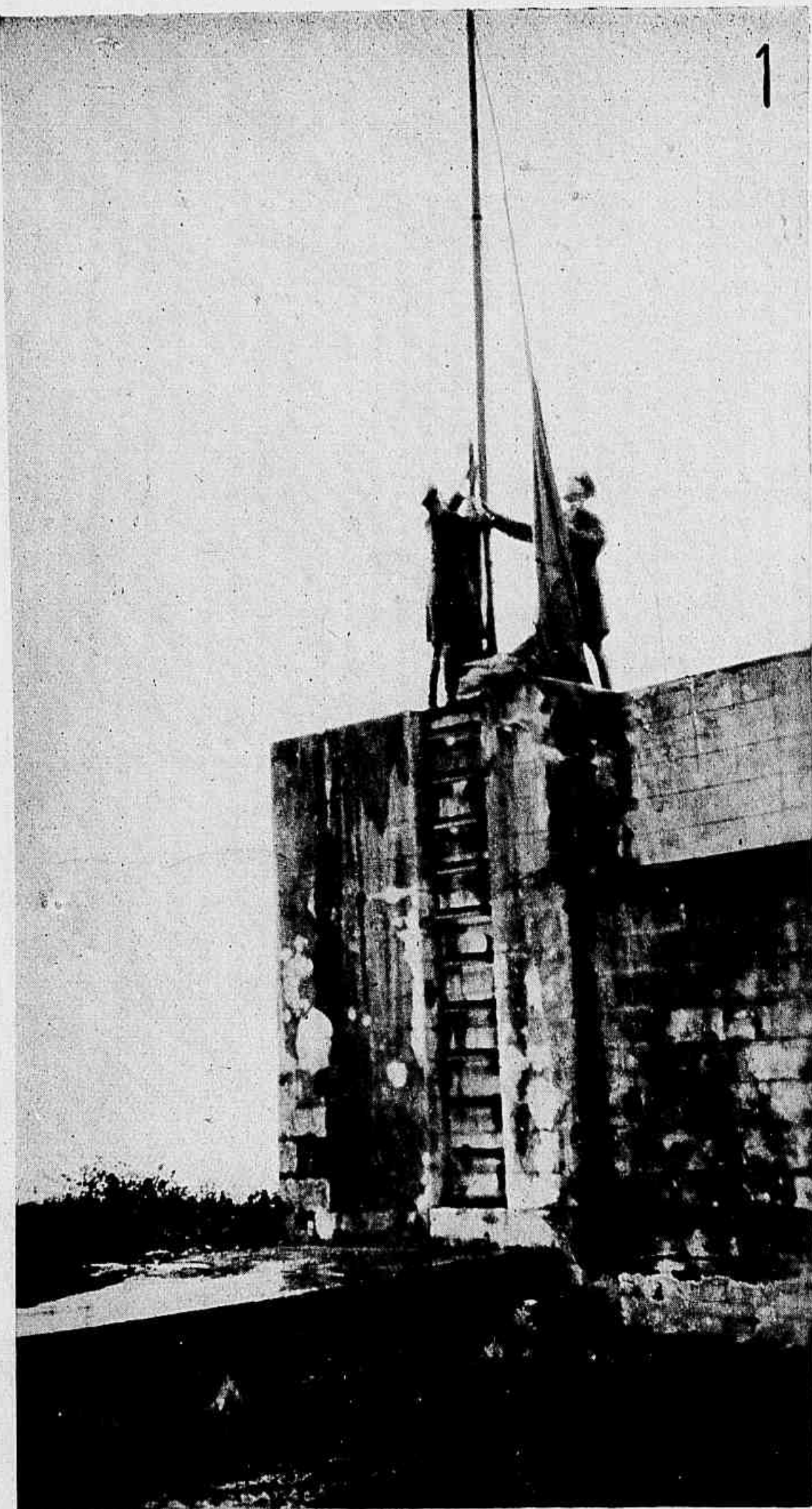
PARAHYBA DO NORTE pioneira da Revolução

1 — Critica feita ao sr. Washington Luis na capital da Parahyba. Permanentemente, centenas de pessôas apreciavam o quadro, exposto no dia 25 de Outubro. 2 — Grande passeata promovida pela Mulher Parahybana em regosijo pela victoria da Revolução, com o comparecimento da Policia, Marinha e forças do Exercito aquartelladas em João Pessôa. 3 — Outro aspecto da grande passeata. 4 — A guarnição do aviso de guerra "Muniz Freire", surto na Parahyba, que adheriu ao movimento. Chapa tirada no momento em que iam tomar parte na parada em homenagem á Revolução. 5 — Um dos caminhões de tropas da columna revolucionaria do tenente Jurandyr Mamede, que invadiu a Bahia. Photo tirada no momento da partida do 22.º Batalhão de Caçadores da Parahyba. 6 — A passeata com o retrato do inesquecivel presidente João Pessôa envolto nas bandeiras Négo e Brasileira. 7 — A rua Amaro Coutinho engalanada por motivo do triumpho da Revolução.

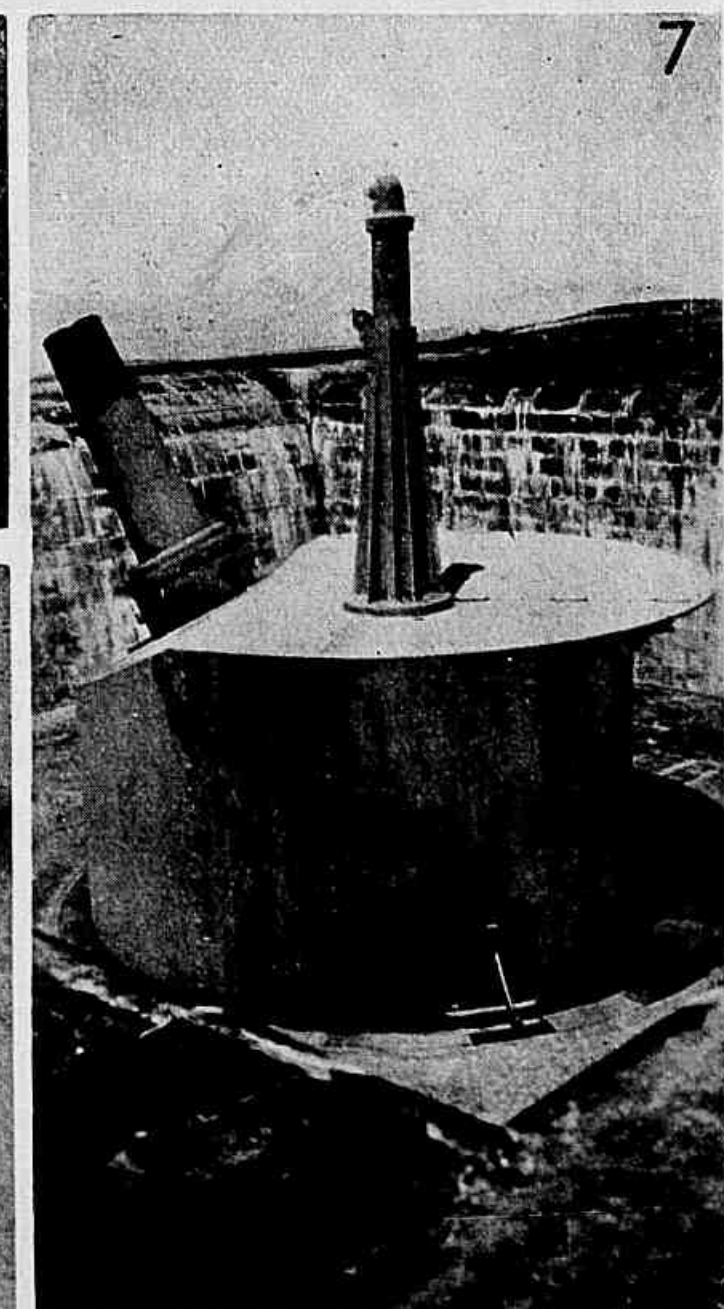
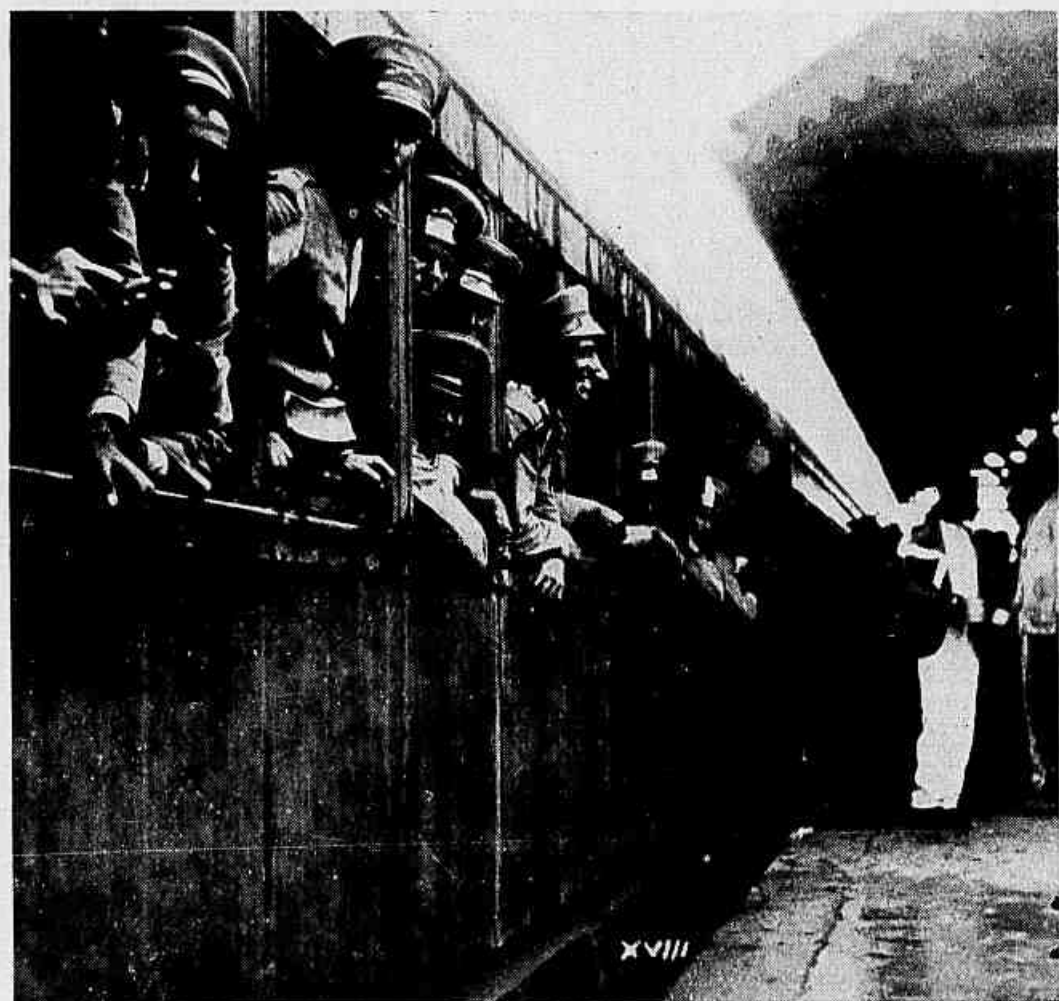
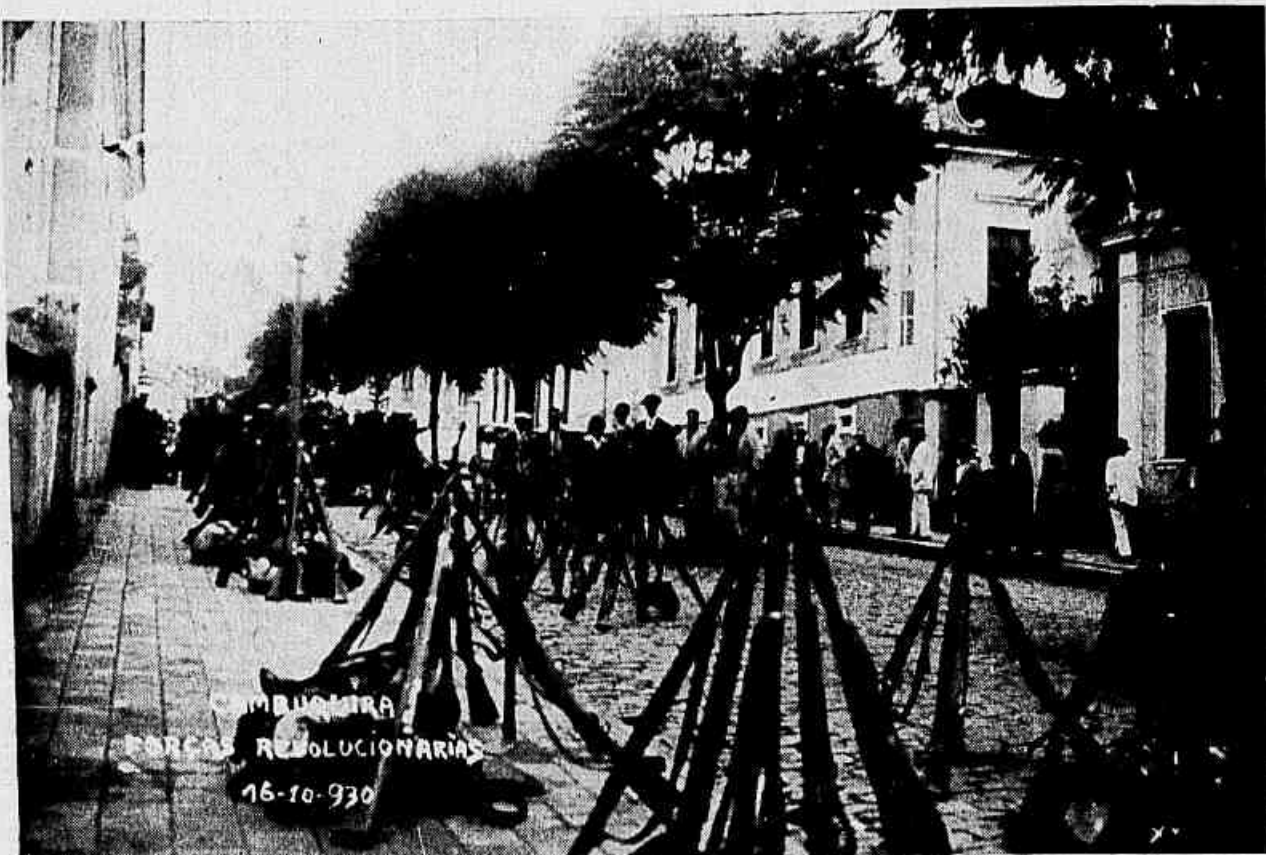
O Batalhão Feminino "JOÃO PESSÔA"

1 — A chegada á gare da estação Pedro II do Batalhão Feminino "João Pessôa." Nunca a Central do Brasil teve tão floridas as janellas dos seus carros. 2 — As jovens do Batalhão Feminino pisando a terra carioca. 3 — Chá offerecido ás jovens mineiras do Batalhão João Pessôa. 4 — O desfile do Batalhão João Pessôa na parada do dia 15 de Novembro.

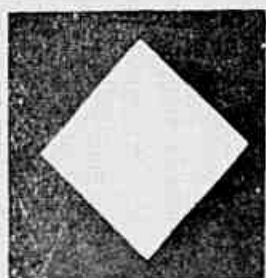
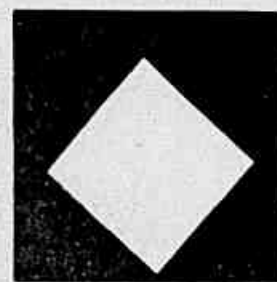
A Parada de 15 de Novembro

1 — S. ex. o sr. Getulio Vargas assistindo, do palanque armado no aterrado da Lapa, ao desfile das tropas que formaram por motivo do 41.º anniversario da Republica. A' direita do chefe do Estado, o almirante Isaias de Noronha, ministro da Marinha; á esquerda, os generaes Leite de Castro, ministro da Guerra, e Malan d'Angrogne, chefe do Estado Maior do Exercito. 2 — Uma visão, de perfil, do pavilhão presidencial. 3 — Vista geral do pavilhão presidencial, vendo-se o chefe da Nação entre membros do governo, vultos da diplomacia e altas figuras das forças armadas. 4 — Aspecto parcial do aterrado da Lapa por occasião do desfile das forças.

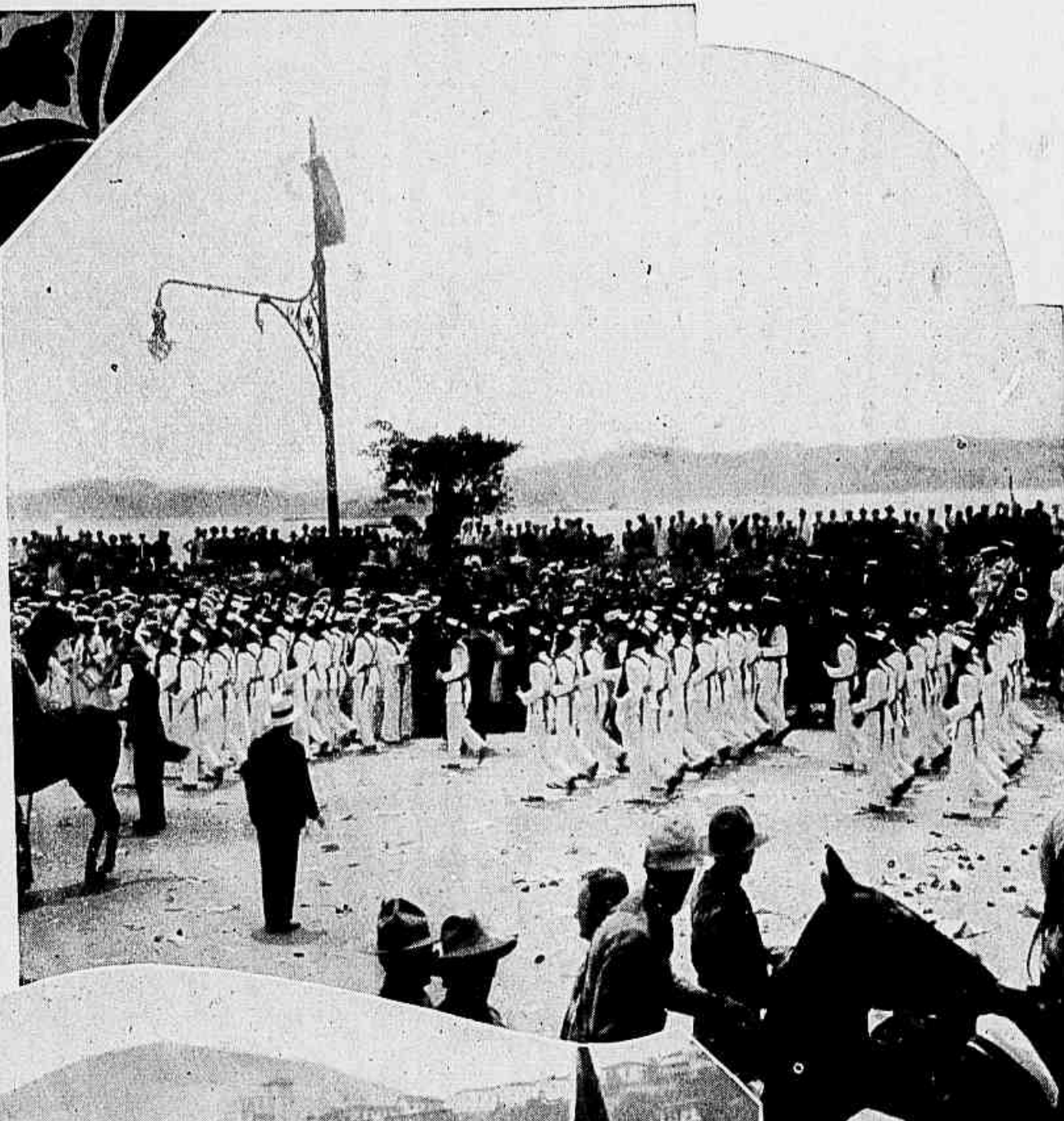
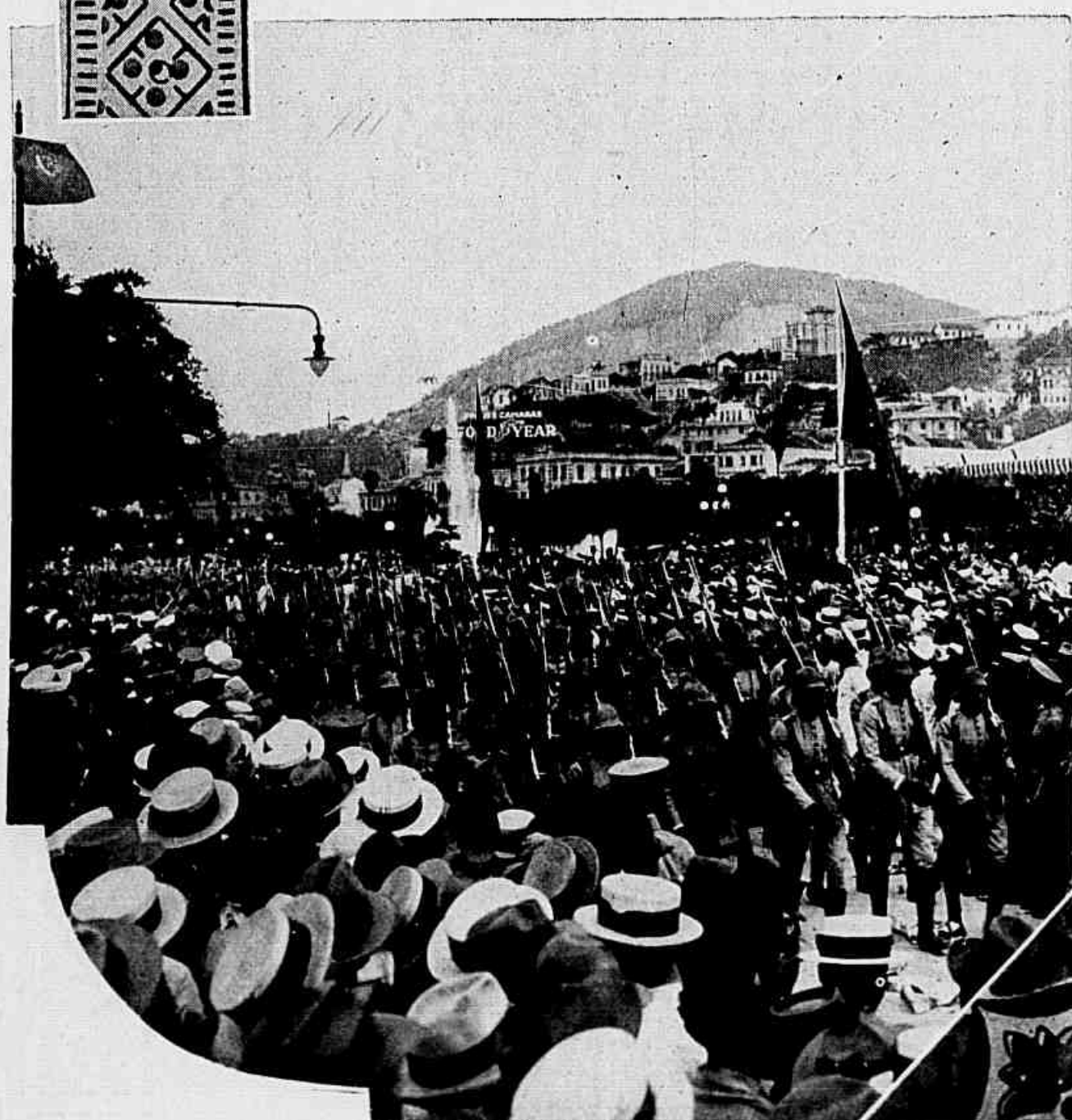
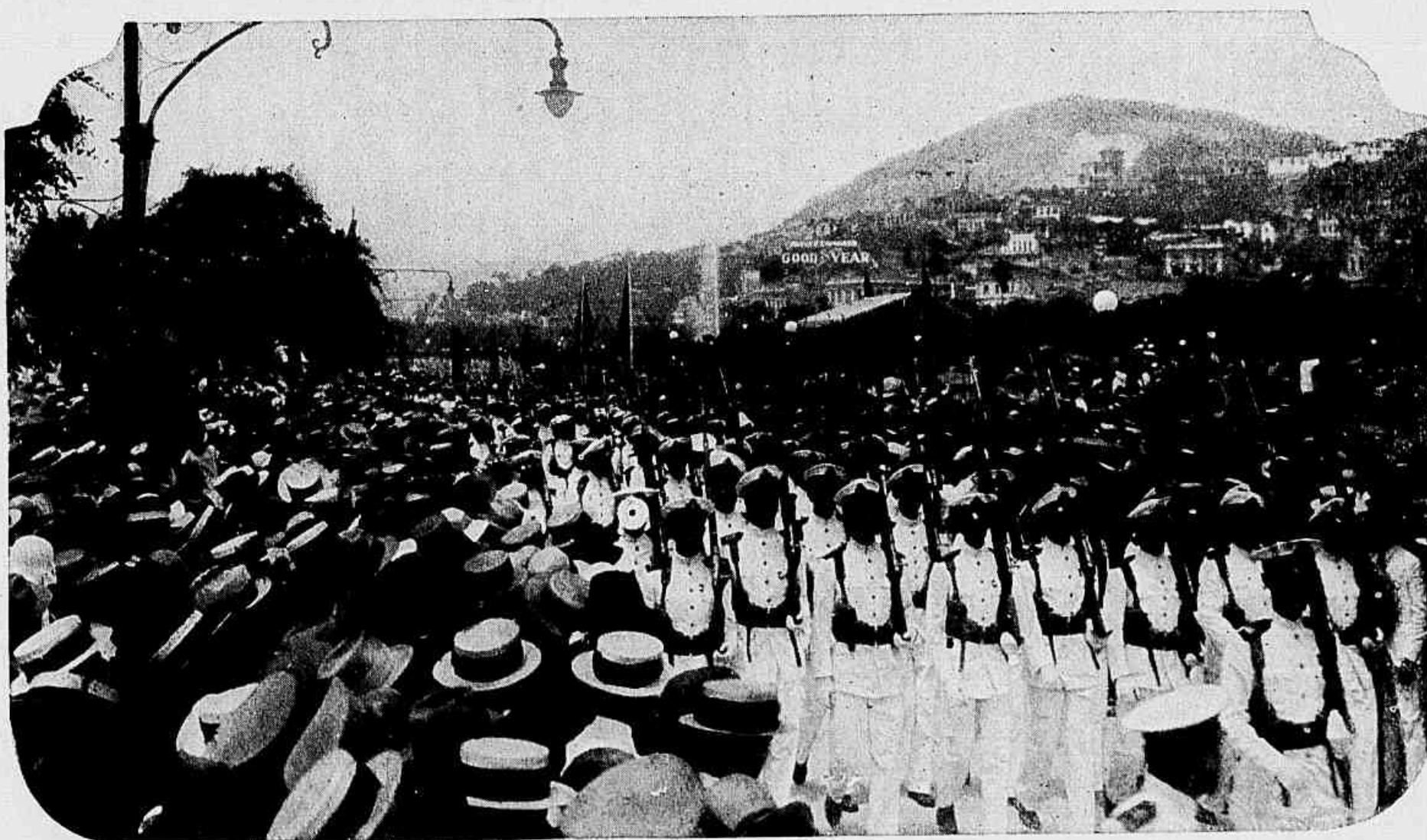
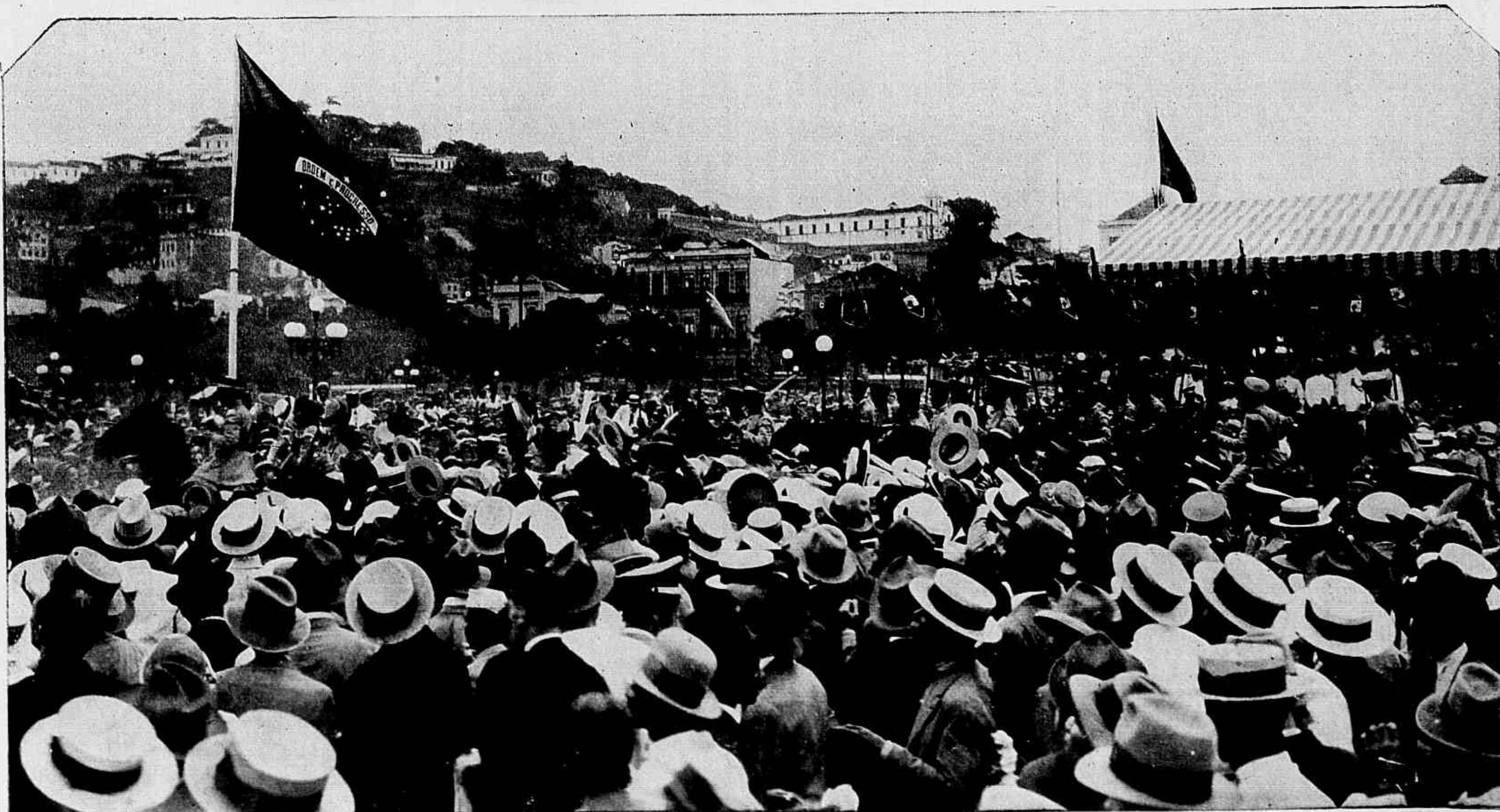
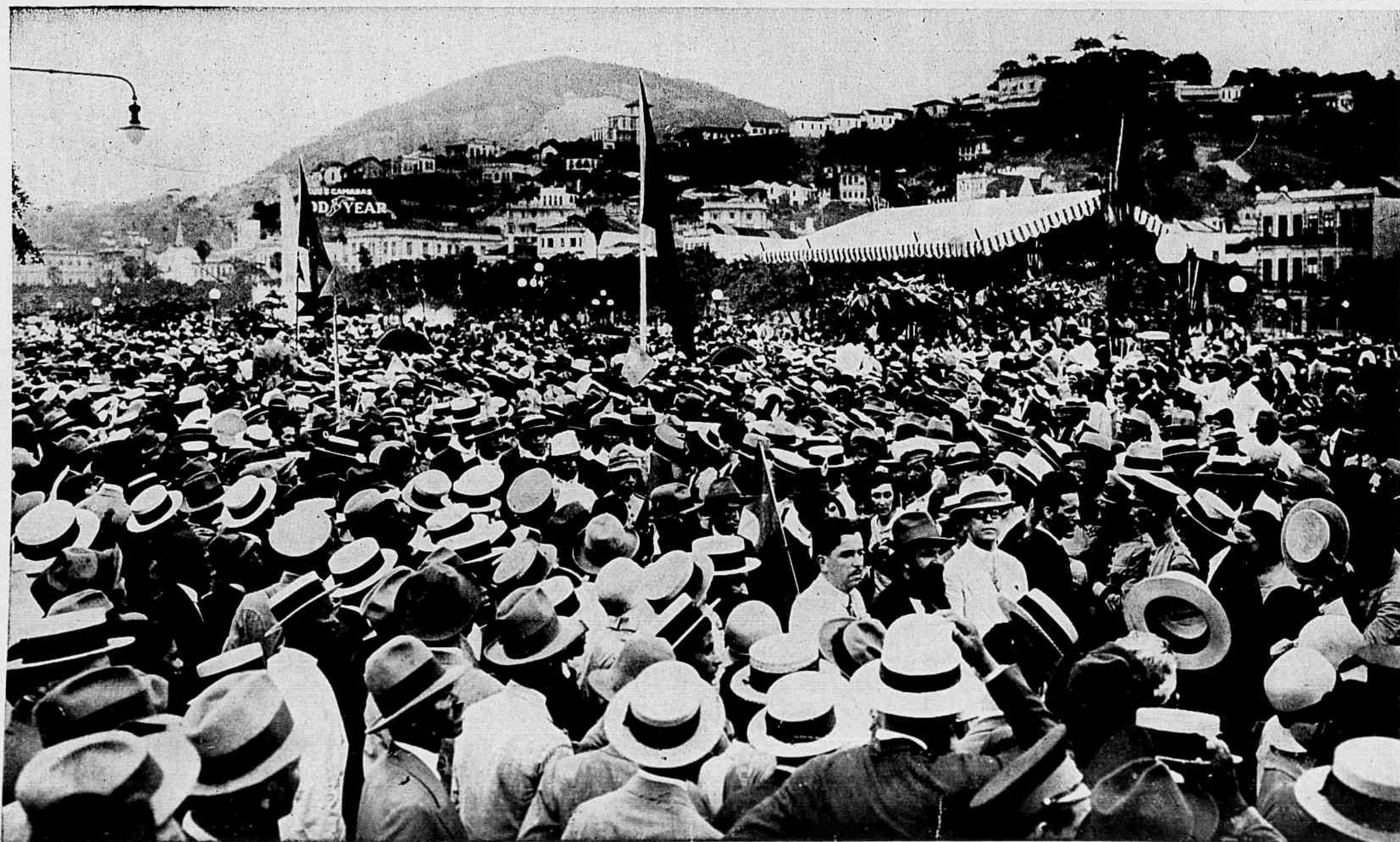
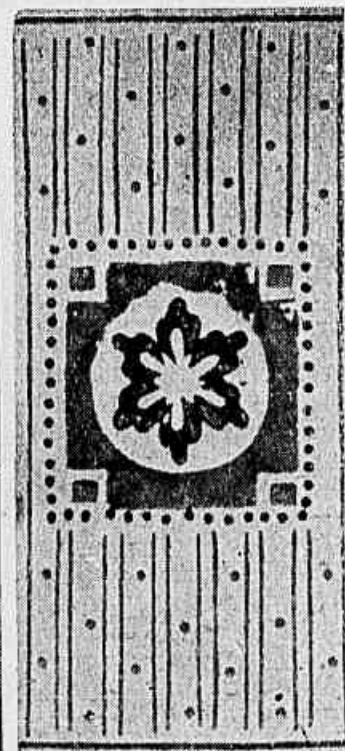
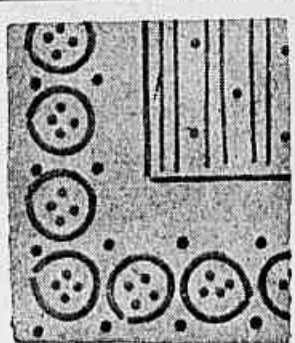
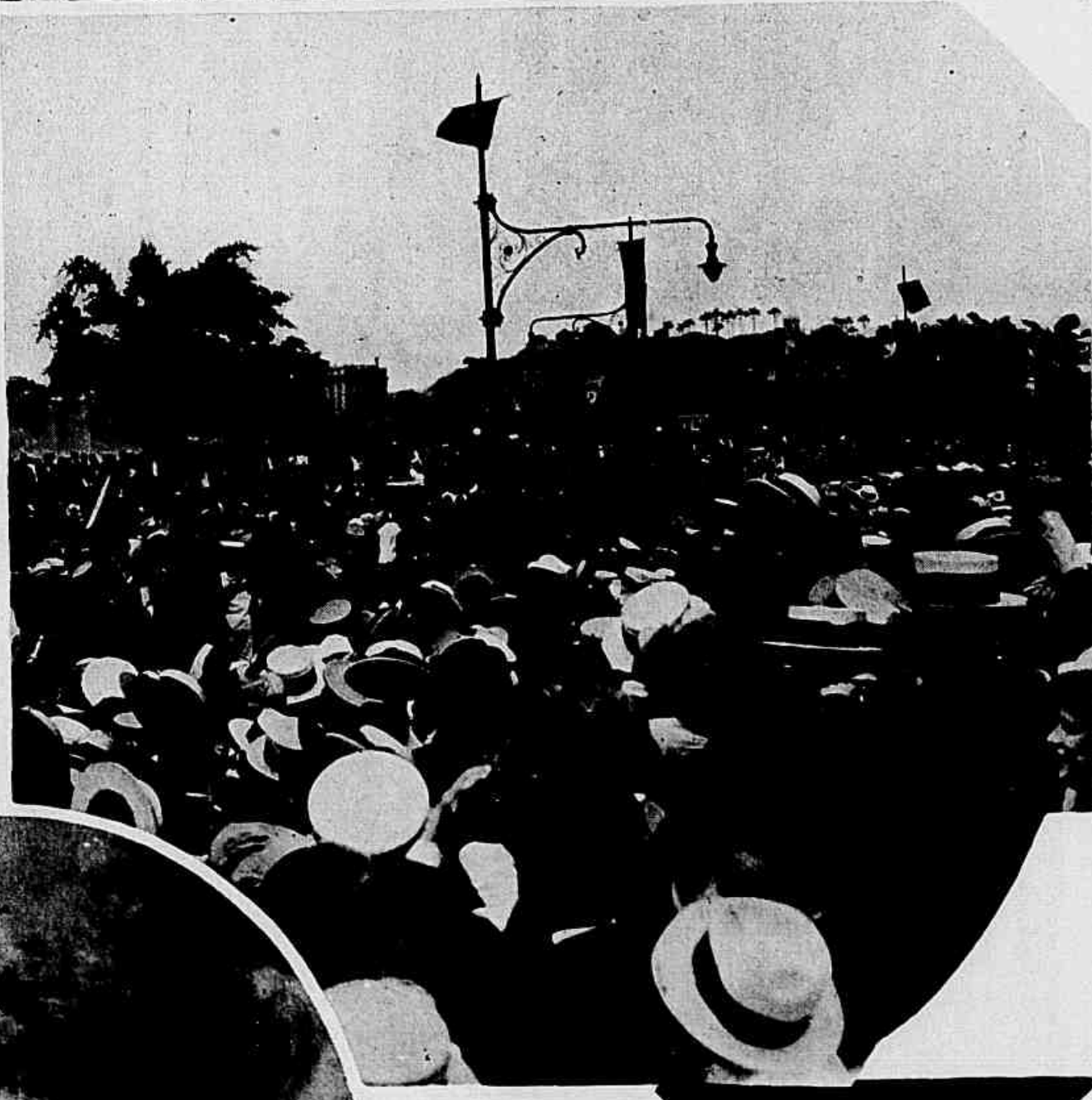
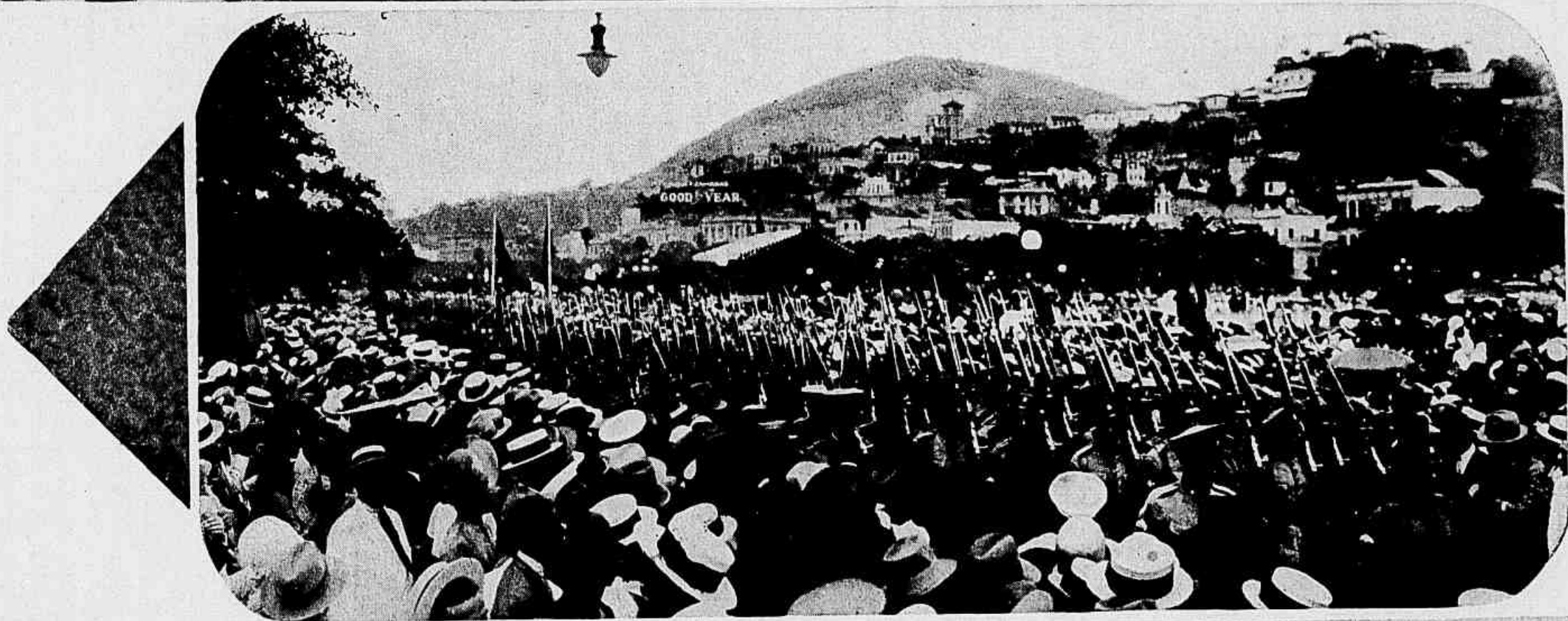
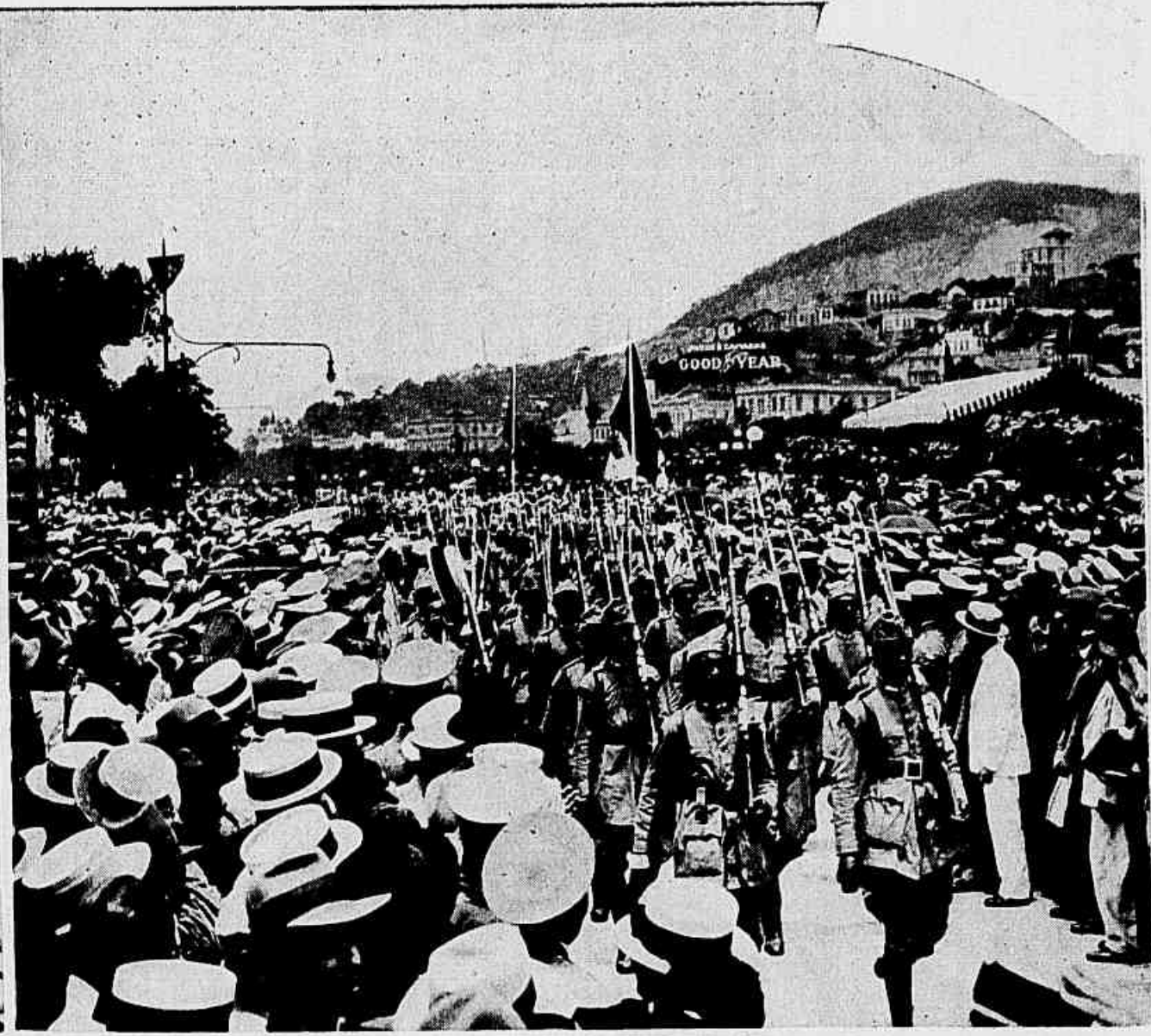
1
15 DE NOVEMBRO
2
ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL
15 de Novembro
de 1889
3

O Rio Grande do Sul na jornada libertadora

1 — O 1.º Batalhão da Reserva da Brigada Militar antes de marchar para o *front*. 2 — Metralhadoras do 1.º Batalhão da Reserva. 3 — A senhora presidente Darcy Sarmanho Vargas — assignalada — despachando mantimentos ás familias dos soldados que seguiram para o *front*, no armazem A 11 do Cáes do Porto. 4 — O Batalhão Siqueira Campos antes de partir para o front. 5 — A confecção de ampolas no Laboratorio Dr. Pereira Filho. 6 — Senhoras e senhorinhas que trabalharam no Laboratorio Dr. Pereira Filho confeccionando medicamentos.

A manhã historica de 24 de Outubro

1 — O general Leite de Castro, actual ministro da Guerra, auxiliado pelo tenente Elio Campos Braga, iniciando o hasteamento da bandeira nacional, no forte de São Luiz, no dia 24 de Outubro. 2 — A bandeira nacional desfraldada no mastro do Forte na manhã historica. 3 — Uma peça de 75 millimetros no forte Floriano Peixoto. 4 — A guarnição do forte São Luiz em continencia á bandeira na manhã de 24 de Outubro. 5 — O forte São Luiz, de onde o general Leite de Castro chefiou a acção da artilharia de costa. 6 — O general Leite de Castro, então commandante do Districto de Artilharia de Costa, assistindo com a officialidade, do alto do forte São Luiz, ás salvas das fortalezas do Rio de Janeiro. O general Leite de Castro é o terceiro a contar da esquerda. 7 — O obuzeiro Krupp do forte São Luiz, de 288 millimetros, que fez o primeiro disparo na manhã de 24 de Outubro, intimando o sr. Washington Luis a renunciar. 8 — O forte Floriano Peixoto, em baixo, e os fortes do Pico e de São Luiz, ao alto. 9 — As fortalezas de Santa Cruz, S. João e Lage salvando na manhã de 24 de Outubro.

(Photographias inéditas, tomadas pelo capitão Theodoro Pacheco Ferreira, assistente do Sector de Léste, do Districto de Artilharia de Costa).

MINAS — A revolução em Cambuquira

Quatro aspectos do movimento de forças revolucionarias em Cambuquira, a poetica estação hydro-mineral do sul de Minas Geraes, que se collocou logo ao lado dos arautos da Revolução.

A Casa do Soldado

Dois aspectos da inauguração de "A Casa do Soldado", effectuada no pavimento terreo da Escola Nacional de Bellas Artes, vendo-se, ao alto, um grupo de jovens militares em frente ao portão lateral do edificio, e em baixo a assistencia quando se realizava a ceremonia inaugural. Essa util instituição fundou-se sob os auspicios da Associação Christã de Moços.

em homenagem ao 41.º anniversario da Republica. Acompanha a S. Ex. o sr. general Leite de Castro, ministro da Guerra. 2 — O sr. Getulio Vargas ao descer do automovel presidencial. 3 — Vista geral do aterrado da Lapa na manhã de 15 de Novembro, por occasião do desfile das forças do Exercito, da Marinha, da Policia e do Corpo de Bombeiros e contingentes de S. Paulo, Minas Geraes, Paraná e do Norte. 4 — A chegada do automovel presidencial á tribuna de onde o chefe da Nação assistiu ao desfile das forças. Vê-se o sr. Getulio Vargas tendo á esquerda o general Leite de Castro, ministro da Guerra, e em companhia dos chefe e sub-chefe da Casa Militar da Presidencia. Ao lado do automovel presidencial, o general Firmino Borba, commandante das forças que formaram.

4

1 — Forças do Paraná desfilando diante do pavilhão presidencial. 2 — O desfile da Escola Naval. 3 — A artilharia da Escola Militar passando diante do general Firmino Borba, commandante das forças que formaram. 4 — O 3.º Regimento de Infantaria passando pelo pavilhão presidencial. 5 — Desfile das forças do Estado de Minas Geraes.

1 — O 1.º Grupo de Artilharia Pesada desfilando pela Avenida Rio Branco. 2 — Forças do Estado de Minas Geraes atravessando a grande arteria carioca. 3 — A Escola Naval passando diante do pavilhão presidencial. — 4 A retirada do sr. Getulio Vargas após o desfile das forças. Uma sétta indica o local onde se move com difficuldade o carro presidencial, que não se vê devido á agglomeração do povo.

1 — O 15.º Regimento de Cavallaria na parada de 15 de Novembro. 2 — Forças do Estado de Minas Geraes. 3 — O desfile da policia do Estado de São Paulo. 4 — Companhia de Administração. 5 — A Legião Revolucionaria desfilando na Parada da Victoria.

1 — Cavallaria da Escola Militar. 2 — Desfile de forças do Estado de Minas Geraes. 3 — Infantaria da Escola Militar. 4 — Cavallaria da Policia Militar do Districto Federal. 5 — Desfile das forças do Paraná. 6 — Quatro aviões da Marinha evoluindo sob o céo carioca, que teve tambem sob o seu esplendor dezenas de azas das forças aéreas do Exercito.

ANNIVERSARIOS

Hoje — As senhoras Anna Leandro Guimarães e Cecilia Medeiros Silva, as senhorinhas Laura Gordilho, Edith Souto Maior, Aurea Soares Guimarães e Alcina Vargas, gentilissima filha do presidente Getulio Vargas; os drs. Victor Viana, Lupercio Deschamps e Jayme Perdigão.

No dia 23 — As senhoras Doméque de Barros, Nair Teixeira, almirante Gustavo Garnier, Maria Silva Magalhães, general Gomes Pimenta; as senhorinhas Stella Miranda Montenegro, Adalgisa Ferreira de Carvalho, Cecilia Candida da Costa, Ninita Pedro Lago, Edith Santos Maia e Noemia Gonçalves Lopes; o dr. João Lyra; os drs. Joaquim Pinto Portella, Renato de Lacerda Lago e Ataliba Corrêa Dutra; o prof. Pinheiro Guimarães.

No dia 24 — a baroneza de Cabo Verde; a senhorinha Clarinda Rangel de Vasconcellos; os drs. Flavio da Silveira e Carlos Olyntho Braga.

No dia 25 — as senhorinhas Marieta Verissimo de Mattos, Maria de Lourdes Sá, Maria do Carmo Neiva e Iara Coutinho; a galante Helena Coelho de Magalhães; o conceituado educador Armstrong; os drs. André Faria Pereira, Carlos Varady, Edgard Verneck e Ildefonso Simões Lopes Filho.

No dia 26 — a condessa de Avellar, sra. Eulina Avellar; a senhora Alfredo Gloria Junior; senhorinha Irene de Brito; o dr. Pires do Rio; os drs. Oscar de Carvalho e Alfredo Baracho; o sr. Belmiro Brêtas.

No dia 27 — a embaixatriz Regis de Oliveira; as senhorinhas Regina Coelho Rodrigues, Elvira da Rocha Miranda e Evangelina Tasso Fragoso; os drs. Pedro Autran e José Gomes de Souza; os coroneis Silva Fontes e Seckow Joppert; o major João da Costa Velho; os drs. Alfredo Neves e Bernardo Jambeiro; o conego Olympio de Mello.

No dia 28 — senhoras Fortunato de Brito, Alzira de Magalhães Bastos e Lavinia Bento Ribeiro; senhorinhas Dagmar Telles Gonzaga, Stella Ferreira Pereira e Dulce de Siqueira; os drs. Mauricio Leitão da Cunha e Mourão dos Santos; o capitão Herculano Julio dos Reis Lima.

A professora senhorinha Maria Luiza Beltrão, vulto de relevo do mundo intellectual feminino, cuja palavra se tem feito ouvir com immenso agrado em occasiões varias do momento revolucionario, desde quando saudou, em nome da Mulher Brasileira, o sr. Getulio Vargas, chefe da Revolução, á sua chegada ao palacio do Cattete, até quando discursou, em nome das professoras, na linda festa realizada no Lyrico em homenagem aos triumphadores da jornada de 24 de Outubro.

NOIVADOS

— a senhorinha Olga Guimarães Machado e o sr. Braz Velloso;

— a senhorinha Maria de Lourdes Tavares da Silva e o sr. Paulo Bôa Nova;

— a senhorinha Elvira Vergueiro Soares e o sr. Euclydes Fernandes Vieira;

— a senhorinha Edith de Almeida Ferreira e o sr. Gastão d'Avila Franca;

— a senhorinha Déa Bergamini e o aspirante a official Moacyr da Silveira Lopes.

CASAMENTOS

— a senhorinha Irene Mellor e o sr. Augusto Nicklaus Junior;

— a senhorinha Carmen Pinheiro Alves e o sr. David Fontoura Mynssen;

— a senhorinha Angelina Langoni e o sr. Eduardo Petroni;

— a senhorinha Olga de Barros Bittencourt e o dr. Enoch de Magalhães;

— a senhorinha Nahumá Antunes Carneiro e o dr. Jeovah Baptista de Souza.

OS QUE VIAJAM

Pelo *Cap Polonio* chegou a esta capital o dr. João Tolomei, conhecido gynecologista, que foi tomar parte na IV Conferencia Internacional da Cruz Vermelha realizada em Bruxellas.

Acha-se no Rio, chegado tambem pelo *Cap Polonio*, procedente da Europa, o dr. Arnaldo Ballestré.

Com destino a Matto-Grosso, seguiu d. Aquino Corrêa, arcebispo de Cuyabá e membro da Academia Brasileira de Letras.

MUSICA

Para hoje está marcado o bello concerto da senhorinha Amelia Borges Rodrigues, cantora e musicista portugueza. O concerto da senhorinha Borges Rodrigues terá certamente o melhor dos acolhimentos pois, além de ter a formosa recitalista uma linda voz de crystal, organizou o seu programma todo de musica moderna e dos mais acatados compositores.

Está marcada a hora de musica de Amelia Rodrigues para as 9 horas, no salão azul do Instituto Nacional de Musica.

Para breves dias está sendo organizado outro concerto da apreciada cantora patricia Véra Janacopulos.

FESTIVAES

Foi dos mais formosos o festival em favor da "Casa do Soldado" organizado pela Associação Christã de Moços. A esplendida festa teve logar no Theatro João Caetano tendo a assistir-lhe um mundo de gente elegante que encheu totalmente o theatro.

O programma foi dos mais felizes e delle fizeram parte artistas e amadores de grande valôr.

Afinal realizou-se e com o melhor dos exitos a festa que ha muito vinha sendo organizada, para coroação da "Rainha da Canção Brasileira" senhorinha Jesy Barbosa e consagração do "Principe dos Cantores Regionaes" sr. Renato Murce.

Os espaçosos salões do Club de Regatas Botafogo, onde se realisou a elegante festa, esteve n'um dos seus grandes dias, notavel pelo grande numero de figuras de destaque de nossa sociedade que ali estiveram e se divertiram com muita alegria até tarde da noite.

A mulher brasileira na Revolução

O "Batalhão Feminino João Pessôa", composto de jovens representantes da Mulher Mineira, homenageado pela União dos Empregados do Commercio. A gravura representa as gentis legionarias nas escadarias do edificio principal do sanatorio da U. E. C., na Estrada Velha da Tijuca. Ao centro, a commandante do Batalhão, senhorinha doutora Elvira Komel, e os directores da União dos Empregados do Commercio.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

"Os 18 do Forte"

A victoria da Revolução veio permittir que se pudesse pensar em render uma homenagem áquelles bravos brasileiros que inscreveram á beira do oceano, nas ruas de Copacabana, com o seu sangue generoso e ardente, a mais emocionante pagina da jornada revolucionaria de 1922.

A memoria do povo jamais esqueceu esse lance de epopéa, mas nunca se permittiram exteriorizações positivas do muito que calou no espirito de todos o sacrificio dos dezoito heróes do Forte de Copacabana.

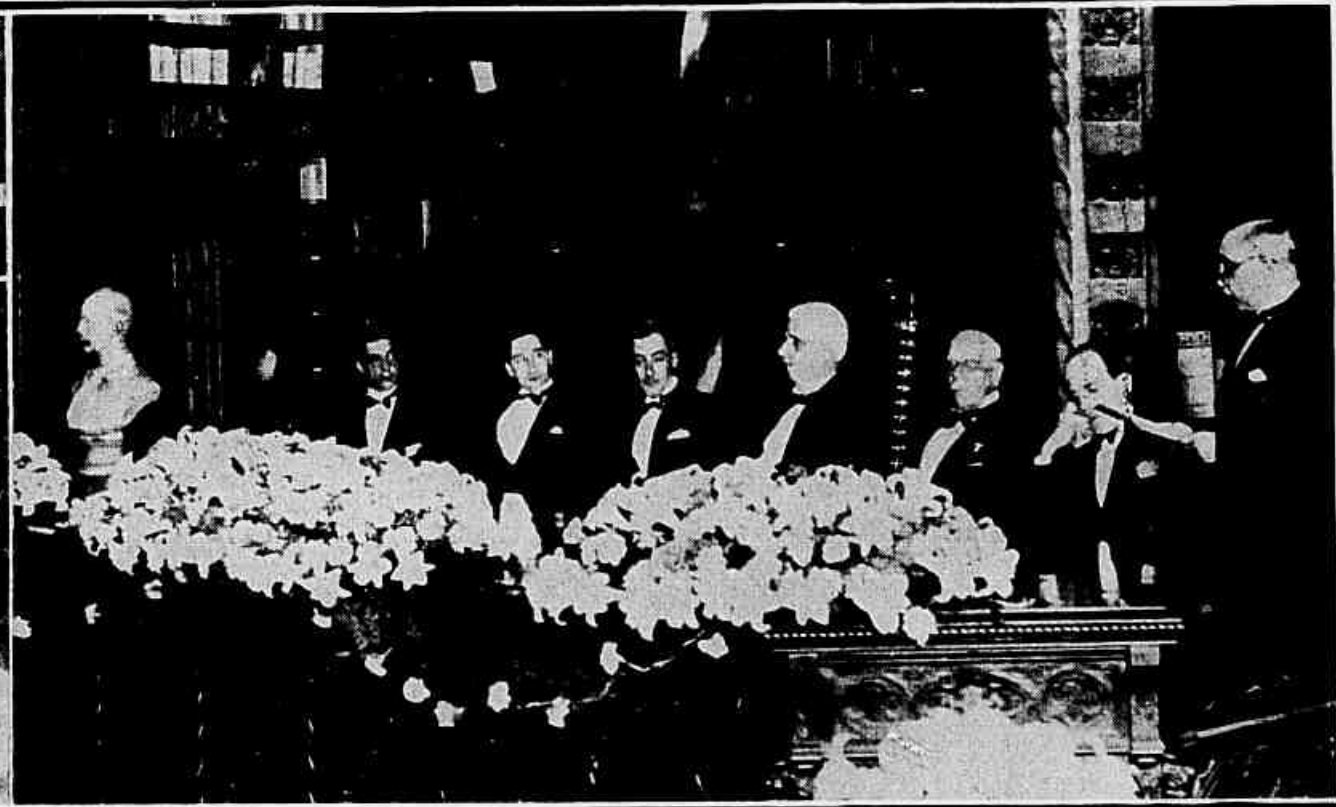
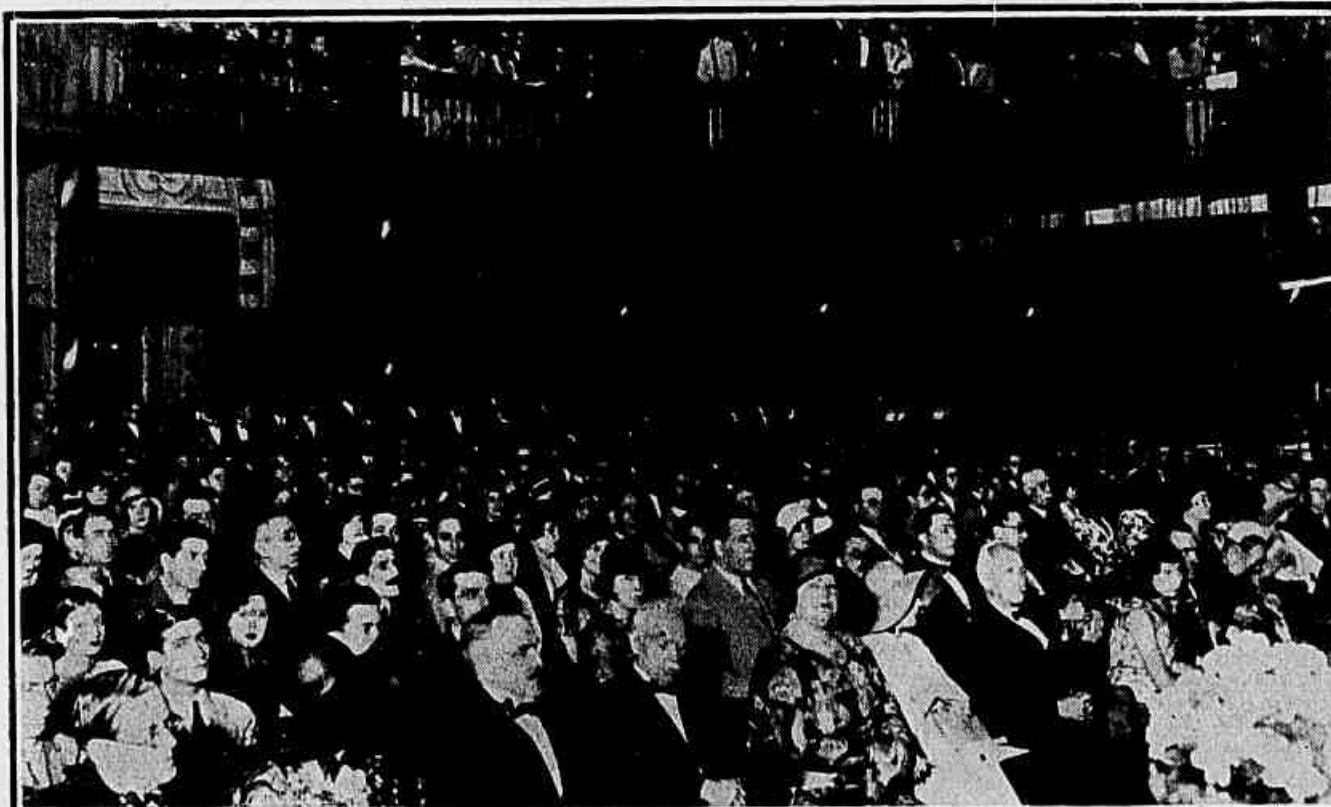
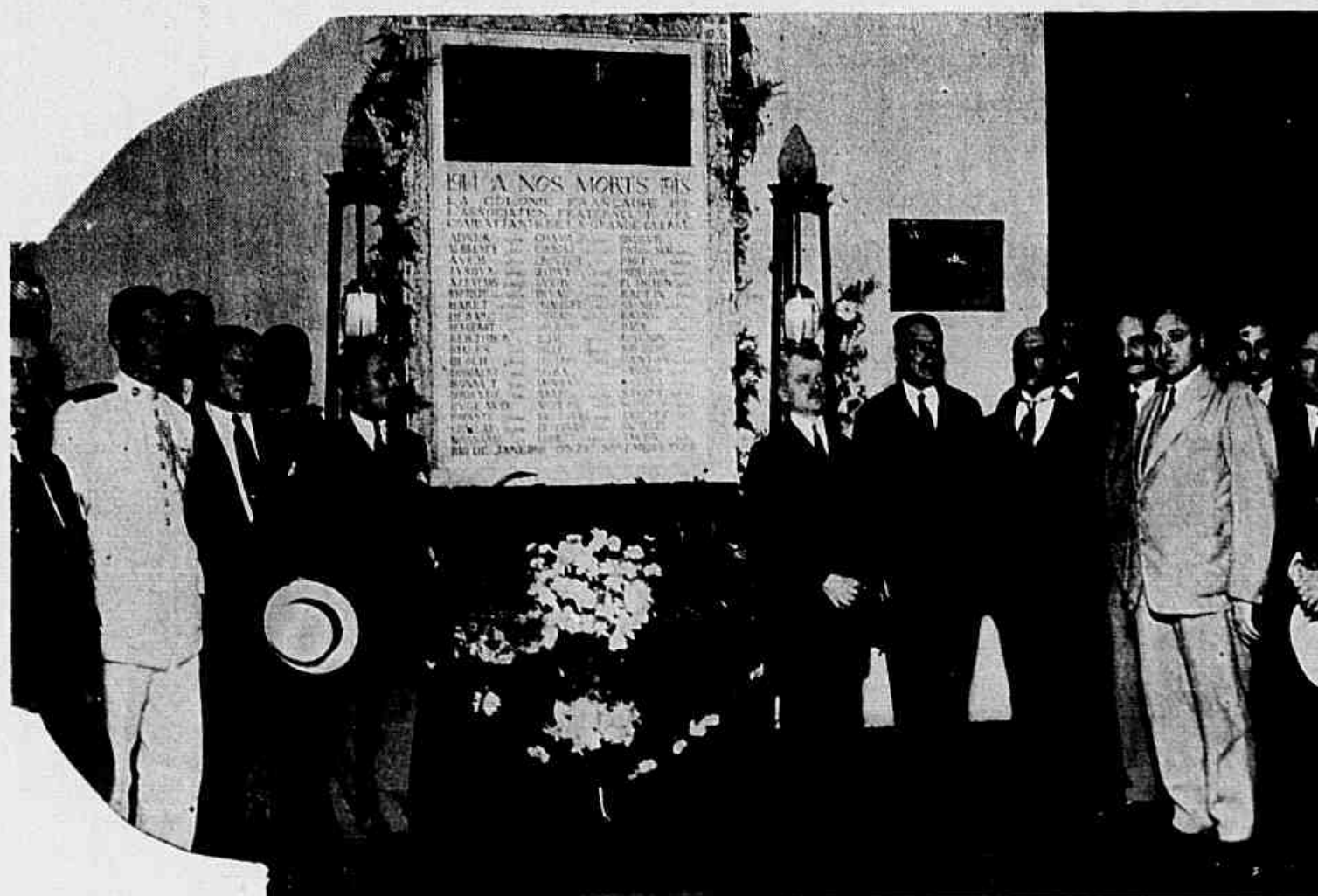
Hoje, volvidos oito annos, virada a pagina das revoluções mallogradas de 1922 e 1924 — os dois 5 de Julho — o triumpho que a data de 24 de Outubro assignalou veio dar liberdade a todos os enthusiasmos, e a cidade contará com um monumento em que se perpetuará a memoria desses que foram tidos por muito tempo como os ultimos abencerragens. Deve-se a iniciativa áquelles que, com o mesmo ideal dos 18 do Forte, e por sobreviverem, alimentaram durante annos a chamma da Redempção e acabaram triumphando. A imprensa carioca tornou-se pregoeira da idéa, no momento victoriosa já. Abrem-se varias bolsas e — como factor notavel — ahi está o livro "Os 18 do Forte", com a historia dos heróes de 1922, que o publico arrebata, a troco de quantia minima, certo de que concorre para a objectivação de uma idéa generosa e nobre.

Vera Grabinska

O nome da sra. Vera Grabinska tem figurado vezes sem conta nos noticiarios elegantes da imprensa indigena, emmoldurado por um nimbo de sympathia justa pela sua Arte e pelos seus gestos de caridade, porque a professora de choreographia presta habitualmente o concurso seu e de suas discipulas a festivaes de beneficencia, como fez recentemente com a "Pró-Matre".

No momento, cuida a festejada professora, acompanhada de Pierre Michailowsky e com o auxilio de suas discipulas — senhorinhas da nossa sociedade — da realização de uma vesperal de arte choreographica em prol do Theatro da Creança.

A tarde do sabbado proximo levará ao Theatro Municipal todo o nosso *grand monde*, por isso que o simples nome de Vera Grabinska é sufficiente para despertar o mais vivo interesse.

No Theatro João Caetano: grupo de senhorinhas e cavalheiros que tomaram parte na bella festa de arte organizada pela Associação Christã de Moços em beneficio da *Casa do Soldado*.

A homenagem prestada no Gabinete Portuguez de Leitura pela Casa de Portugal ao coronel dr. Silveira e Castro, illustre commissario de Portugal na Feira de Amostras de Productos Portuguezes. A' esquerda, um aspecto do salão. A' direita, a mesa, vendo-se na presidencia o sr. Duarte Leite, embaixador de Portugal, que tem á direita o homenageado e á esquerda o sr. conselheiro Camelo Lampreia. No extremo á direita, o grande escriptor portuguez Carlos Malheiro Dias, orador official, lendo o seu encantador discurso de saudação.

A commemoração do Armisticio. A' esquerda, o sr. embaixador de França entre figuras da colonia na Association Fraternelle des Combattants de la Grande Guerre. A' direita, senhorinhas da Legião Britannica Conde Haig vendendo flôres em beneficio dos ex-combatentes.

A POSSE DO INTERVENTOR DO ESTADO DO RIO

1 — No palacio do Ingá: o sr. Plinio Casado assumindo o governo do Estado do Rio de Janeiro na qualidade de interventor federal. A' sua direita, o major Christovão Barcellos e á esquerda o capitão Mury e o sr. Simões Lopes. 2 — O sr. Plinio Casado agradecendo, das janellas do palacio do governo, a grande manifestação popular que lhe foi prestada. A' sua esquerda o major Barcellos e o capitão Mury. 3 — O povo diante do palacio do Ingá na occasião em que o sr. Plinio Casado assumia o governo do Estado como interventor federal.

Baile em casa de pobre...

Quando o sr. Prado Junior assumiu o governo da cidade, a Prefeitura já se achava em situação difficil. Era casa de pobre... Elle, porém, resolveu dar banquetes e bailes...

Vezes varias, destas columnas, salientámos a loucura de obras sumptuarias, de reformas desnecessarias, de realizações adiaveis, prevendo a ruina das finanças do municipio. O momento definiu positivamente o estado dos cofres da Prefeitura e o sr. Prado Junior deverá sentir na consciencia — se acaso a tiver alguma vez — o peso de haver desgraçado o Districto Federal com a illusoria preoccupação de querer remodelar a cidade... sem ter dinheiro para o fazer.

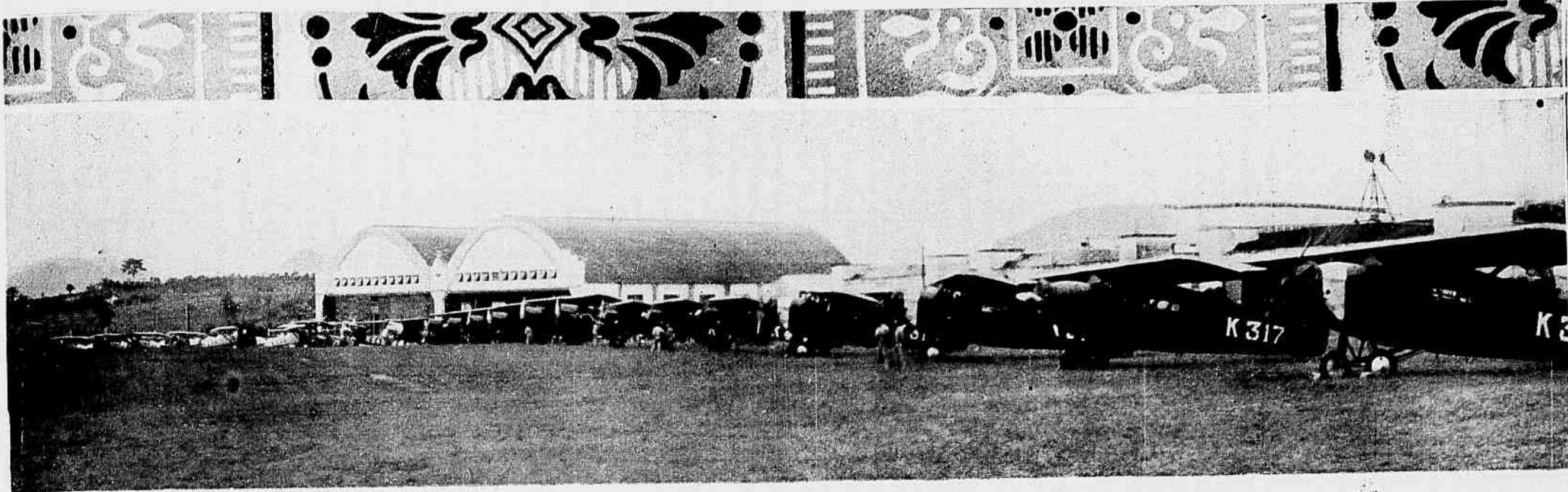
Os assignantes da *Revista da Semana* podem tornar-se millionarios !

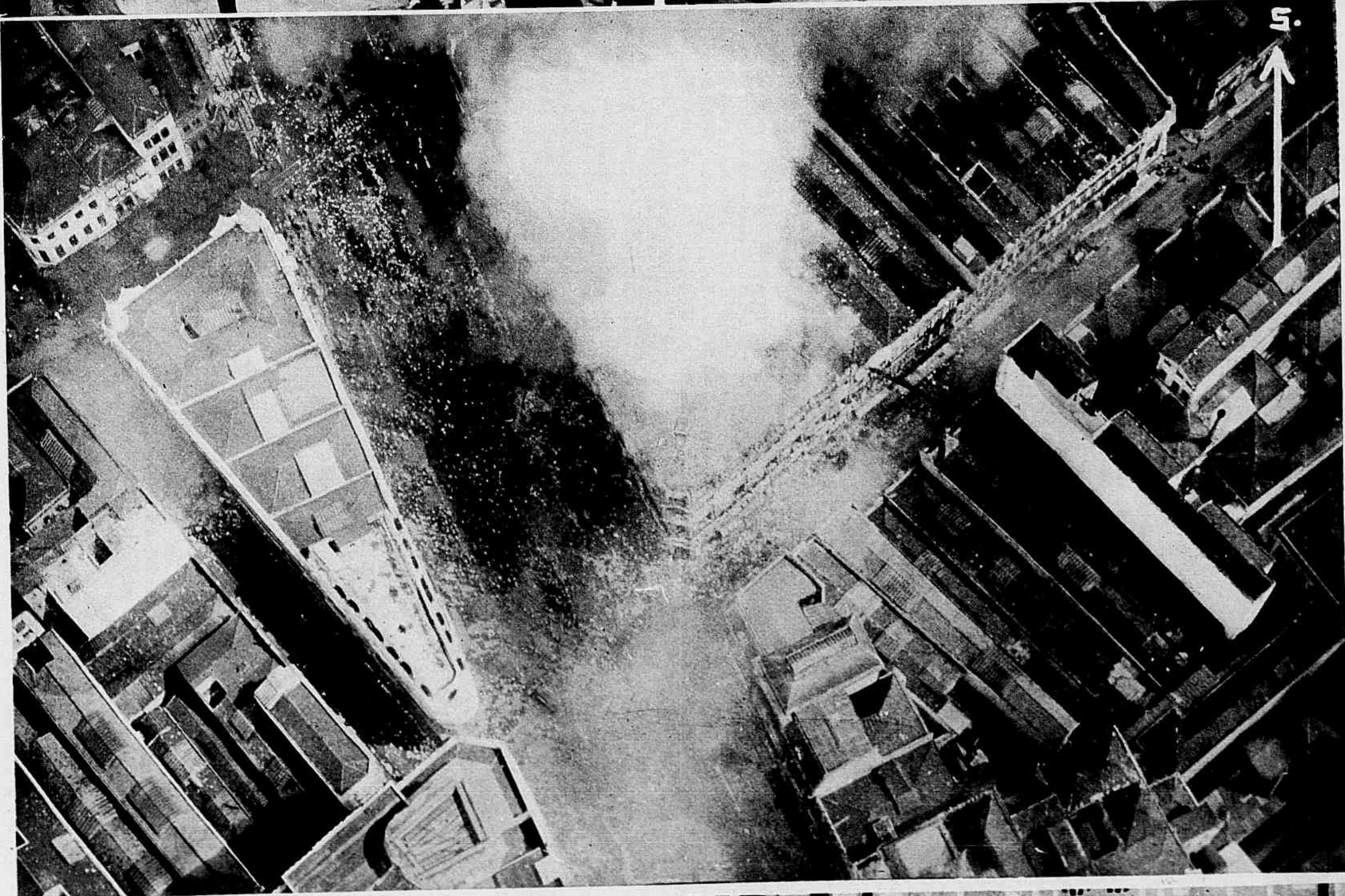
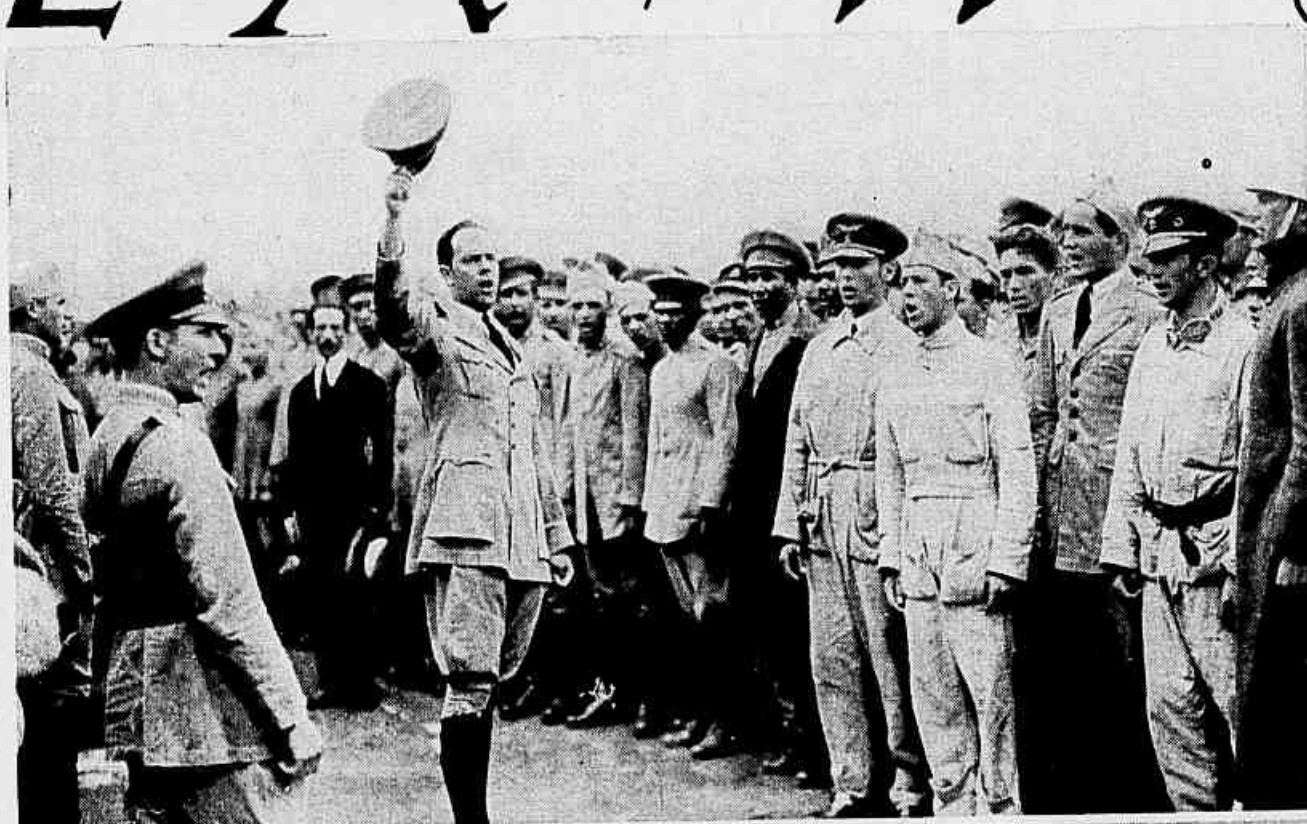
São estes os numeros dos dois bilhetes inteiros da grande loteria de Espanha do Natal — a maior loteria do mundo — que adquirimos, á semelhança do que ha longos annos fazemos, para os nossos assignantes. Todos os que assignarem a *Revista da Semana* se associarão naquelles bilhetes, podendo ficar millionarios.

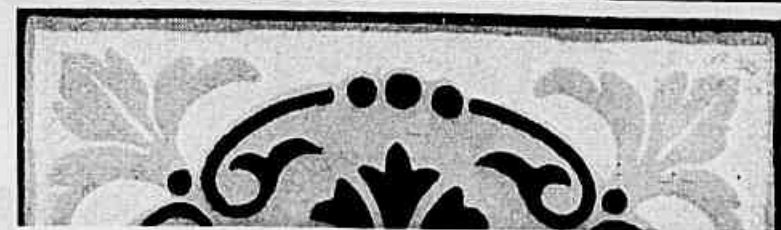
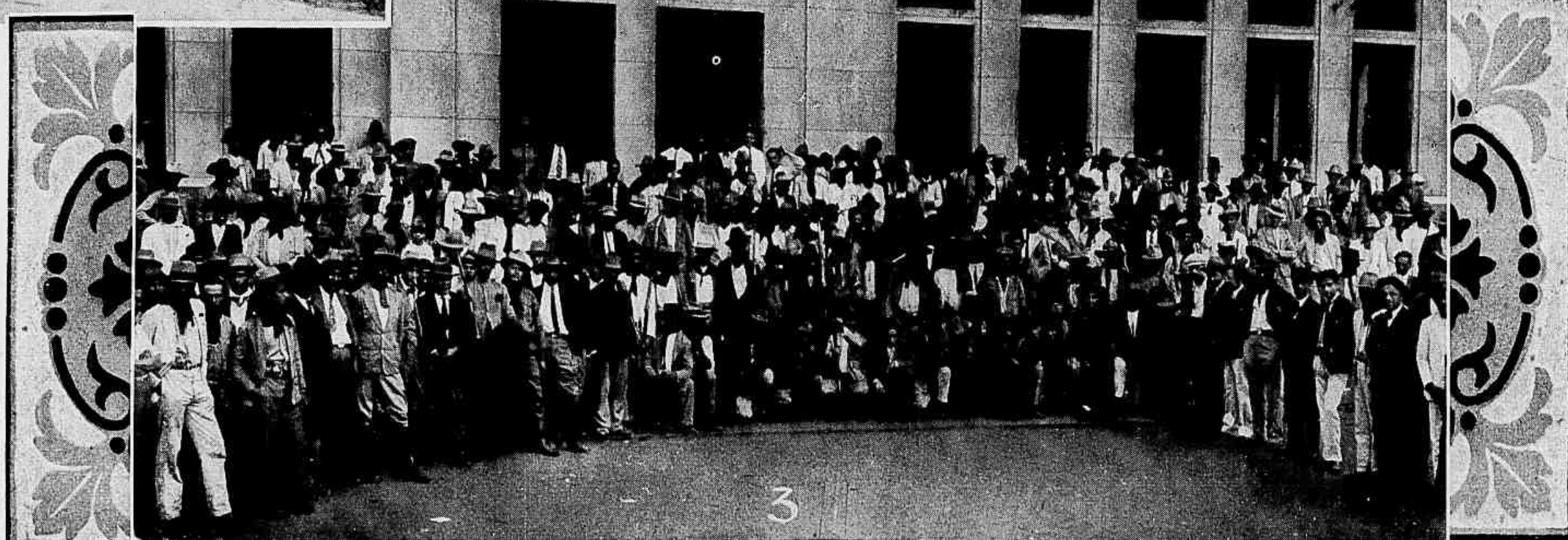
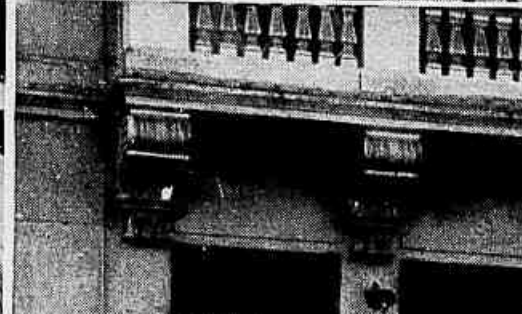
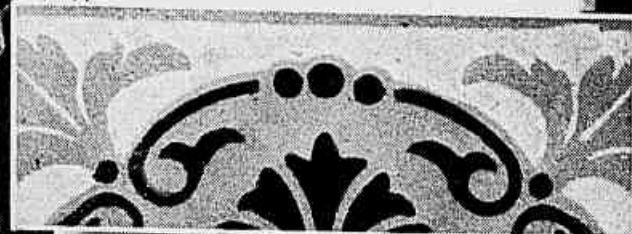
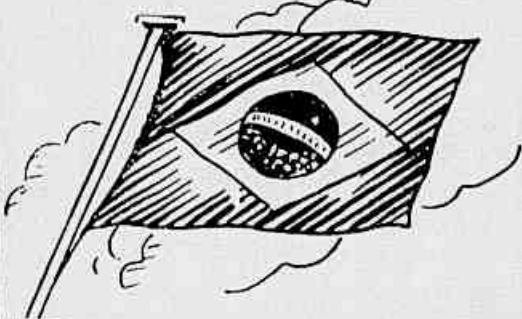
Damos em outra pagina desta revista as condições — identicas de resto, ás de sempre — em que serão distribuidos os premios que, por ventura, couberem áquelles bilhetes, que se acham depositados no Banco Hispano-Americano de Madrid.

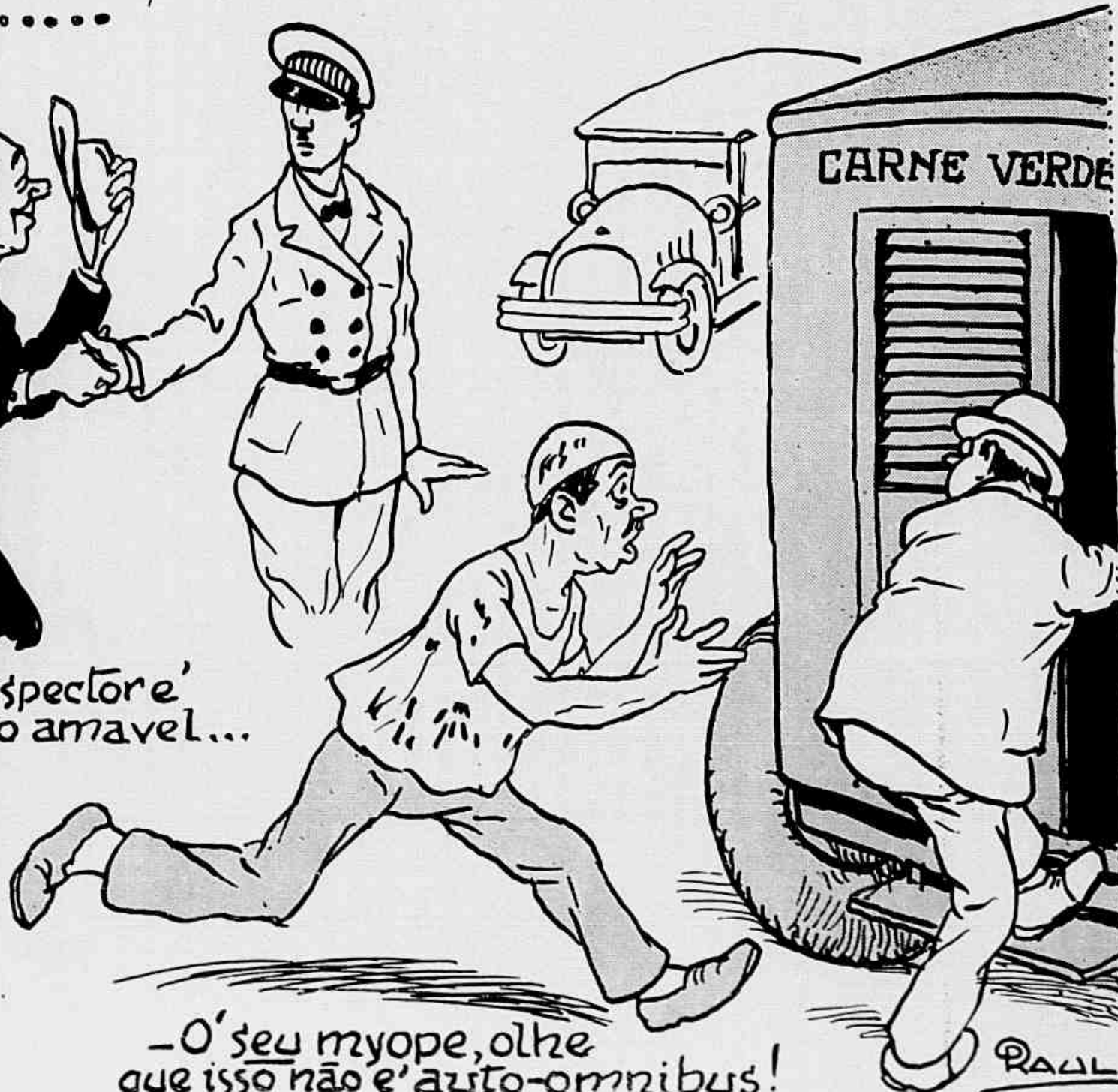
Instituimos duas séries de mil assignaturas, correspondendo um bilhete inteiro a cada uma d'ellas.

Na Cascatinha da Tijuca

Um grupo de excursionistas do Rio Grande do Sul e das Republicas do Prata no pitoresco recanto da Terra Carioca.

O 24 de Outubro na E. de Aviação Militar

1 — Aviões dispostos nas pistas promptos para uma acção immediata, desde as 7 horas da manhã de 24 de Outubro, no Campo dos Affonsos. 2 — Em franca revolta. Officiaes, alumnos e praças da Escola de Aviação Militar cantando o Hymno Nacional após a ceremonia do hasteamento da bandeira, ás 9 horas da manhã de 24 de outubro. 3 — Aviadores que tomaram parte no movimento pacificador. 4 — Photo tirada durante o reconhecimento aéreo por aviões da Escola: o incendio de O PAIZ.

Minas Geraes

A revolução em Ponte Nova

1 — Grupo de voluntarios da Revolução. O primeiro á esquerda é o joven C. Drumond, filho do coronel Cantidio Drumond, presidente da Camara e da Junta Revolucionaria de Ponte Nova. 2 — Forças seguindo pela rua Municipal a caminho da estação, passando diante do Bazar René. 3 — O povo de Ponte Nova, diante do Hotel Gloria, preparado para a acção revolucionaria. 4 — Grupo de voluntarios que se alistaram nas fileiras revolucionarias. 5 — Forças promptas a embarcar para Chiadouro, Mello Barreto e Gramma. 6 — Forças revoltosas desfilando pela rua Municipal. 7 — As forças dos revolucionarios passando diante do Banco Hypothecario de Ponte Nova.

Gente distrahida

Ella deve saber!

Leia como uma das bellezas do Concurso Internacional do Rio de Janeiro, usa o LUX *para a belleza das suas lindas roupas!*

V. S. nunca usaria um sabão commum para a sua toilette. Seria prejudicial, pois as chimicas nocivas, que contêm o sabão commum estragaria e queimaria a tez. Quando V. S. lavar tecidos finos e sedas com sabão commum, acontece a mesma cousa, as roupas delicadas perdem a frescura primitiva, e não duram tanto como deviam. A "Miss França", a mais bella mulher da terra da moda, sabe deste perigo, e para a conservação das roupas mimosas usa somente o "LUX".
Veja o que ella escreve

"LUX É UM MILAGRE PERFEITO. RENOVA MARAVILHOSAMENTE A BELLEZA DOS TECIDOS MAIS FINOS".

Deseja V. S. um lindo album de retratos das Misses, do Concurso de Belleza ?

Corte e mande este coupon a S. A. Irmãos Lever, (Dept. C 3) Caixa Postal 2745 — S. Paulo, que o receberá pela volta do correio.

NOME ....

RUA ....

CIDADE .... (C. 3)

B. C. 3 – Bz

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

O tailleur, vestuario classico por excellencia, orienta-se para a fantasia, se não nas grandes linhas, pelo menos nos detalhes. Basquinhas interessantes, bolsos praticos, martingales e cintos alegram as linhas simples das jaquetas e das saias. Para as saias reservadas ao sport, dois *panneaux* envolventes ou fechados por uma carreira de botões escondem calções destinados a dar commodidade aos saltos e á marcha.

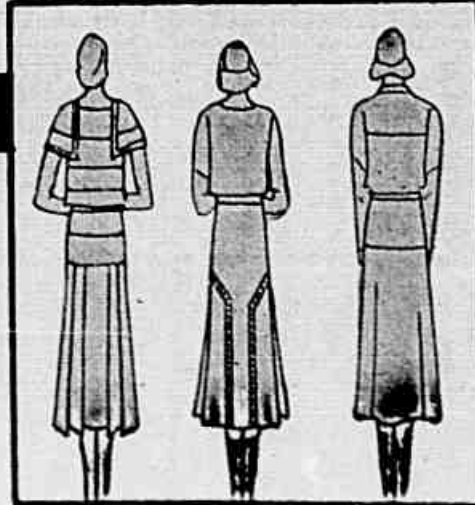
Os vestidos-tailleur usados com o casaco estão muito em moda. Muito simples, inspiram-se nos uniformes escolares alegrados por guimpes, colletes e gollas brancas. Têm feito tambem muito successo as blusas, que podem ser usadas tanto de manhã como á tarde. Com mangas ou sem mangas, é no setim, crêpe Georgette, de Chine, lamé flexivel, velludo de seda ou seda brochada que ellas serão cortadas e trabalhadas.

As misturas e opposições de tecidos sobre um mesmo modelo, quer se trate d'um vestido, d'um manteau ou d'um chapéu, são coisas correntes. Aqui incrustações, alli applicações formam composições muito estudadas que respondem admiravelmente ás exigencias da moda. Mas receiem as misturas que tiram a distincção da toilette.

Todos os vestidos para a noite são compridos, mas d'um comprimento egual em toda a volta. Os vestidos mais compridos atrás e as pontas desiguaes não estão mais em moda. O vestido de baile toca no chão, os outros reservados para as pequenas reuniões descem apenas abaixo do tornozello. Para acompanhar essas toilettes são usados os longos manteaux ou as capas curtas.

A moda dos cabellos frizados ou enrolados na nuca fizeram voltar as guarnições para a cabeça: pentes com pedrarias, fitas, flôres. Turbantes drapés, de lamé, de setim, de velludo acompanham muitas toilettes da noite. Os tons escuros convêm sobretudo ás pessoas claras e ás louras.

A simplicidade apparente dos vestidos exige uma habilidade extraordinaria na costureira. Os babados são empregados apenas ondulados, as rodas muito amplas, mas escondidas em drapé e godets profundos, porque é preciso respeitar a esbelteza da silhueta.

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido de crêpe marocain preto, panneaux formando pregas duplas na saia, golla-capa com nervures 2 — Vestido de toile de seda azul, guarnecido com nervures pespontadas, saia pregueada. 3 — Vestido de toile de seda de xadres, enfeitado com tiras de nervures. 4 — Vestido de crêpe da China azul marinha, com golla e punhos de fustão branco. Cinto de vernis.

Conselhos sociaes

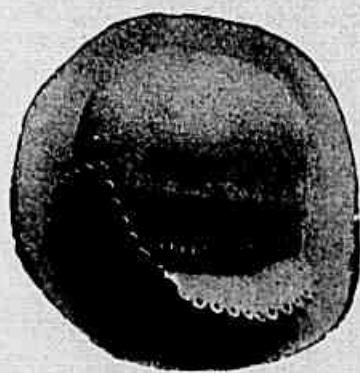
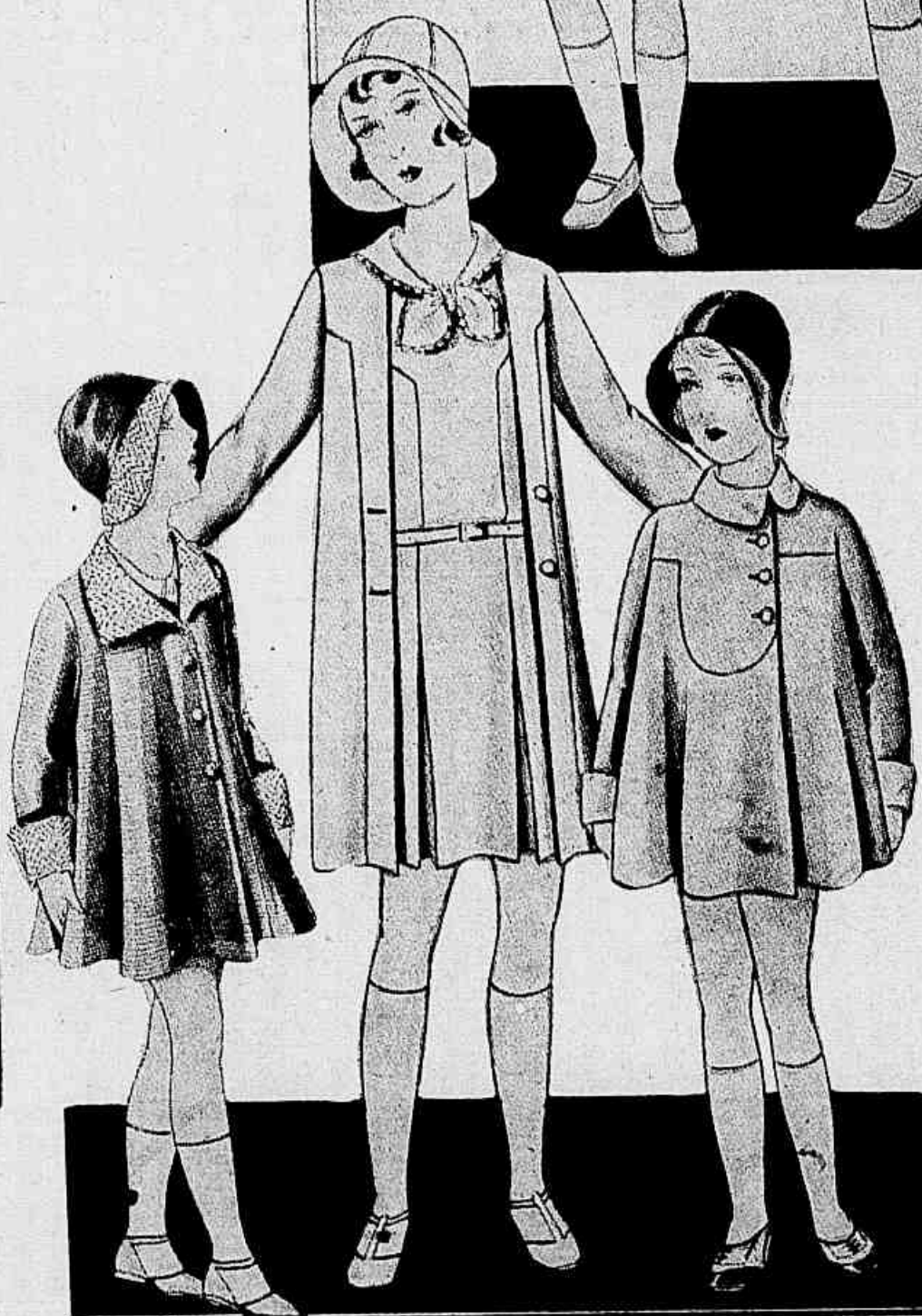
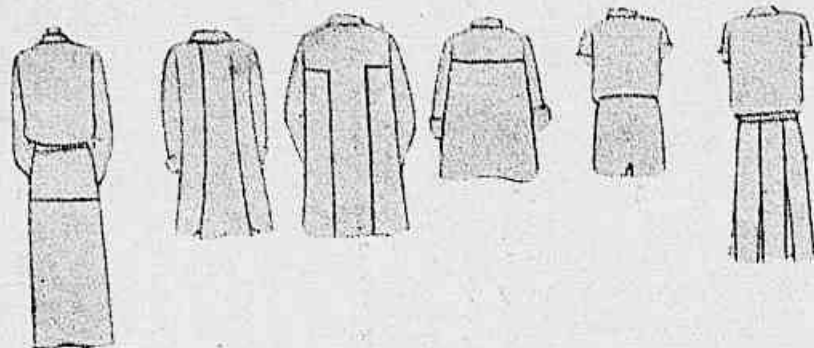
A VIDA EM COMMUM

E' muito difficil a vida em commum quando ha incompatibilidade de sentimentos, de opiniões, de caracteres entre as pessôas que têm de morar junto: marido, mulher, paes, filhos, irmãos, associados diversos magoam-se, mesmo sem má intenção, simplesmente porque não têm a mesma maneira de ver, de julgar e de apreciar as coisas.

A vida em commum, com um coração secco para um coração sensivel, com um espirito utilitario para uma imaginação idealista, um genio pessimista para um temperamento alegre e optimista, é exasperante: o soffrimento que causa torna-se insupportavel, menos talvez pela sua gravidade que pela sua continuidade.

Ser sempre contrariado, incommodado por uma actividade vizinha torna-se, com o tempo, cansativo: sob as incessantes picadellas, uns reagem por uma raiva desproporcionada com o ferimento e tornam-se aggressivos, injustos violentamente; outros abandonam-se ao desanimo, tornam-se nullos, passivos: ás vezes as reacções alternam-se no mesmo individuo, que se mostra umas vezes irritado, outras vezes desanimado.

D'ahi, infelizmente, nascem as brigas, a indifferença e mesmo o aborrecimento entre as pessôas obrigadas a viver junto que deveriam comprehender-se e querer bem.

Evidentemente o remedio supremo para esse estado de coisas é a bella, a esplendida

MODA INFANTIL

1 — Saia de lã azul marinha, guarnecida com pregas e pala abotoada. Blusa de toile de seda branca, enfeitada com preguinhas. 2 — Manteau de popeline verde, com golla e punhos de seda branca pespontados com seda verde. 3 = Ensemble: manteau de lã rosa claro e vestido de crepe da China azul pastel, com golla do mesmo tecido rosa claro, no mesmo tom do man'eau. 4 — Manteau de lã beige, cortado en-forme. 5 — Blusa de toile de seda azul claro e calcinha de tweed branco e azul marinha. 5 — Blusa de toile de seda amarello claro e saia pregueada de twed amarello claro e marron.

virtude da paciencia mutua: a sua ajuda permitte acceitar o que, sem sua intervenção, seria impossivel. Por essa razão todos que não têm a felicidade de morar com pessoas que pensam e sentem da mesma maneira devem praticar jcoraosamente, com uma força de vontade tenaz, essa virtude que é o agente principal da paz domestica.

E' preciso ter bem presente no espirito esta verdade: que os entes não são identicos; apresentam, por natureza, differenças; se a educação, a existencia em commum, a solidariedade de interesses dão aos membros d'um mesmo grupo um verniz uniforme, o menor accidente póde fazer estalar esse verniz e pôr a nú as differenças.

Se entes socialmente muito proximos encaram o divertimento e o repouso de maneira completamente opposta, o que será quando se tratar de questões graves, da dignidade do lar, da direcção moral, do ponto de honra? O que será quando as rivalidades, os odios, a ambição, o rancor viérem amplificar as disposições individuaes? Então é que as differenças tomarão proporções muitas vezes dramaticas.

Tendo constatado esta realidade patente (e no emtanto tão difficil de ser admittida) da variedade dos individuos, resta-nos admittir que aquelles que não pensam e não julgam da mesma maneira que nós não estão forçosamente errados.

Somos muito tentados a achar errada uma opinião opposta á nossa e a qualificar de anormal um gosto que nós não temos, como se possuissemos a razão infusa e como se o nosso equilibrio geral fosse perfeito e o unico perfeito.

Reconheçamos pois, com lucidez, que existem differenças entre os entes e que essas differenças originaes produzem automaticamente differenças na maneira de encarar a vida, em todas as manifestações da actividade.

Depois experimentaremos, com toda bôa fé, respeitar a liberdade de cada um, não impôr a nossa maneira de ver áquelles que não estamos encarregados de dirigir moralmente, e não exigir que os que nos rodeiam se modelem por nós.

Graças a taes disposições ficaremos livres de mil surprezas, mil irritações, mil decepções que nos estragam a vida quando não comprehendemos e admittimos todas essas coisas; a atmosphera na qual deve operar a nossa paciencia será esclarecida e sentiremos menos difficuldade em ter paciencia para com aquelles que não se assemelham comnosco.

A imperatriz Zita e seus filhos

Entre todas as princezas da actualidade, nenhuma foi tão cruelmente castigada pelo destino como essa jovem creatura para a qual suas numerosas maternidades e suas innumeraveis desgraças fizeram uma verdadeira aureola.

Merece a consideração de todos pela maneira digna com que tem supportado a sua desgraça.

Casou-se aos dezoito annos com o archiduque Carlos da Austria; só teve tres annos de paz na doçura d'uma união que parecia ter todas as condições favoraveis á felicidade dos dois esposos. Zita nascera princeza de Bourbon-Sicilia, em Dianura, nesse reino das Duas-Sicilias onde o céu se mostra constantemente puro, onde as laranjeiras e os craveiros espalham o perfume das suas flores. As primeiras palavras que pronunciou foram italianas, seus primeiros passeios foram na bahia de Napoles. Dianura está situada naquelle golfo de aguas azues que Lamartine cantou em seus versos. Como todas as

A imperatriz Zita no meio da sua numerosa familia.

mulheres da sua familia, a qual deu á França suas rainhas mais virtuosas, Zita recebeu uma educação muito severa, suavizada por carinhos que contribuiram para unir os membros dessa familia.

A jovem archiduqueza foi recebida na Austria com enthusiasticas acclamações do povo. Mas maiores foram ainda as acclamações quando no fim d'um anno de casada a princeza teve o seu primeiro filho, o principe Otto, que nasceu em Wartholy, no dia 20 de Novembro de 1912.

Dois annos mais tarde, no dia 7 de Janeiro de 1914, nascia a princeza Adelaide. Nesse mesmo anno o assassinato de Seravejo trouxe o primeiro luto para a familia imperial e provocou a guerra.

Desde d'aquelle momento, a infeliz archiduqueza não teve mais um dia de socego. O paiz atravessava horas terriveis; o archiduque quasi constantemente longe della, embora o maior amor unisse aquelle casal.

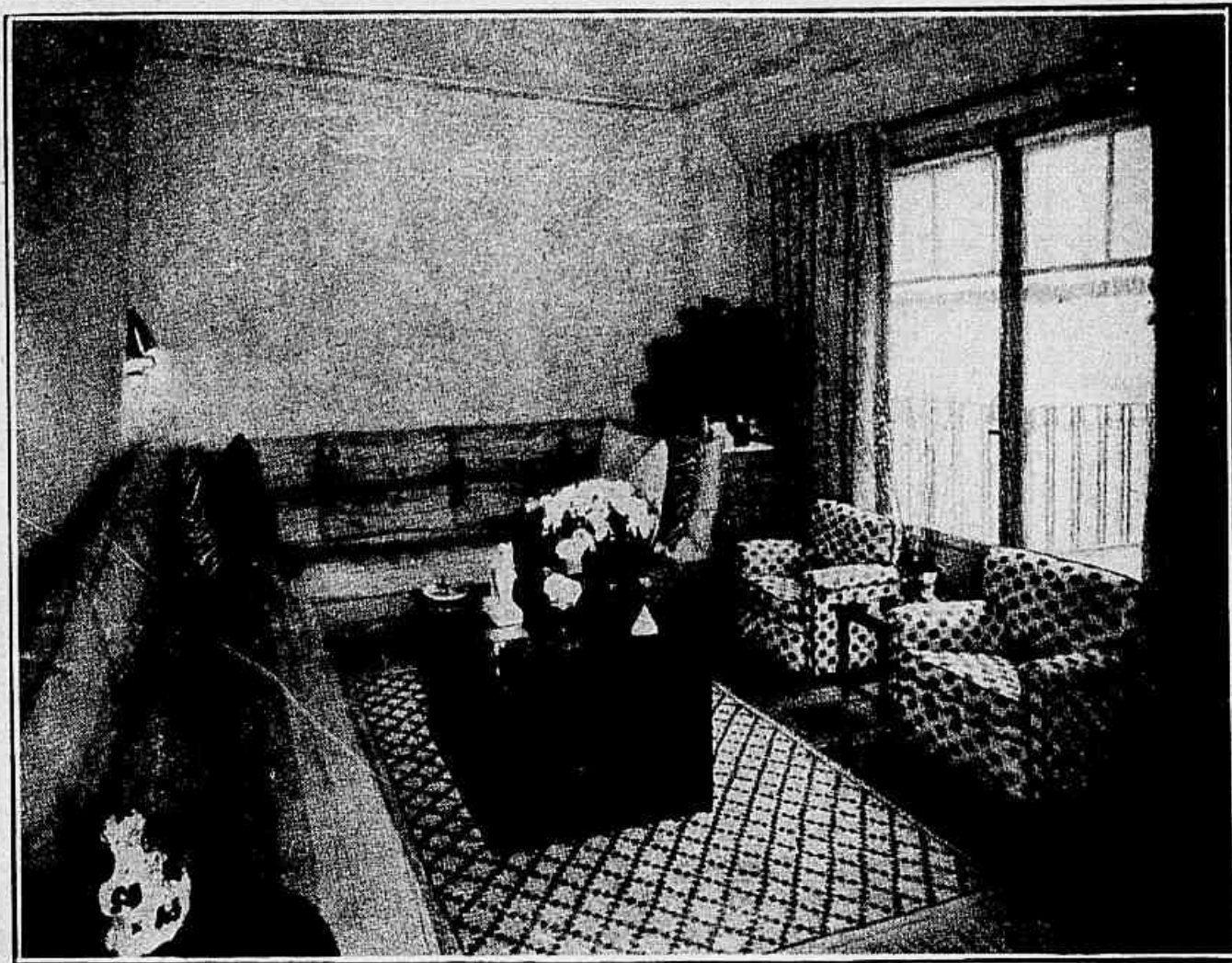
Em dez annos a archiduqueza viu seu lar povoar-se de oito lindas creanças.

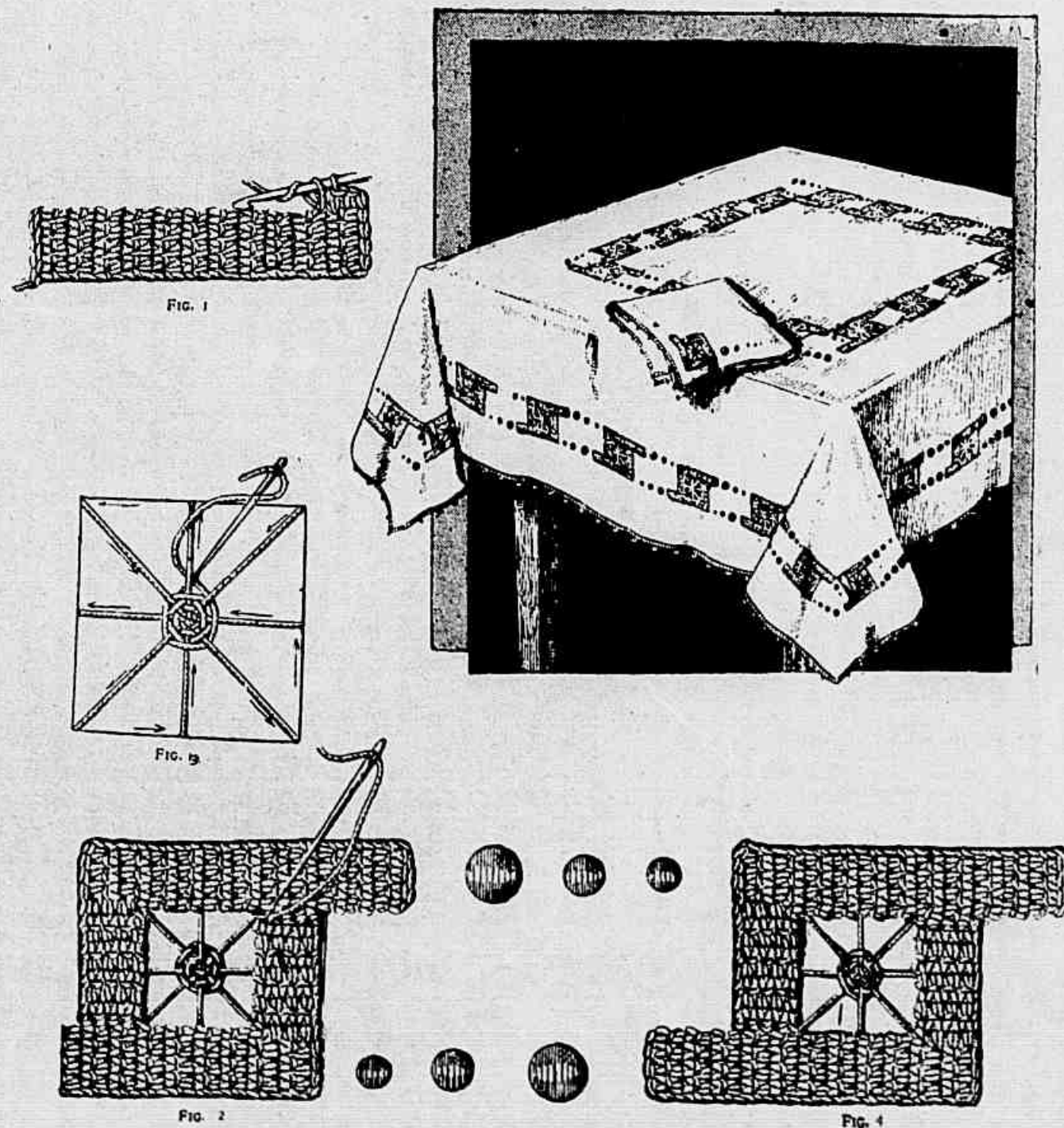
Depois da princeza Adelaide, nasceu o principe Roberto, no dia 8 de Fevereiro de 1915; o principe Felix, no dia 31 de Maio de 1916; o principe Carlos-Luis, no dia 10 de Março de 1918; o principe Rodolpho, no dia 5 de Setembro de 1919; e emfim as duas princeza Carlota e Elisabeth, nascidas respectivamente no dia 1 de Março de 1921 e 31 de Maio de 1922.

Os tres ultimos filhos nasceram no exilio, e a pequena Elisabeth, mais infeliz ainda, nasceu alguns mezes depois da morte do pae.

O principe Rodolpho e a princeza Carlota nasceram em Dranguis, na Suissa, mas Elisabeth nasceu em Dardo, na Hespanha, onde tinha sido acolhida a triste viuva com a sua progenitura.

Depois d'uma imprudente tentativa na Hungria para reconquistar sua corôa, o archiduque Carlos, que deveria succeder no throno a seu tio o imperador Francisco-José, voltou para junto da familia e não tornou a ver seu paiz. Tantos soffrimentos abalaram a saude do principe. Morreu em plena mocidade deixando

Originalidades do mobiliario moderno

O living-room em Paris do sr. John McMullin. O sophá que rodeia parte do aposento é forrado com tecido nuançado indo do beige claro ao marron escuro. As poltronas com tecido branco com pintas pretas. O tapete que forra grande parte do assoalho tambem é branco e preto.

Toalha de mesa guarnecida com crochet e bordado

Esta guarnição é muito simples: n'uma toalha de linho azul incrustam-se esses quadrados de crochet feitos com linha crúa e separados uns dos outros por carreiras de bolas bordadas com linha do mesmo tom. Termina a toalha um festão com picot feito tambem com o crochet. Os quadrados de crochet são facilmente executados: compõem-se de dois angulos iguaes reunidos com a agulha e contrariando-se. A fig. 1 mostra como é feito: fazer uma trancinha com cinco malhas, saltar a primeira malha e fazer 4 malhas simples. 2.ª carreira: voltar o trabalho e fazer uma malha simples sobre os 4 pontos da carreira precedente, voltar o trabalho e continuar assim durante 22 carreiras; depois de 22 carreiras: fazer uma malha no ar e metter a agulha de crochet do lado do ultimo ponto da carreira 22, continuar mettendo a agulha na malha do lado das carreiras 21, 20 e 19, de maneira a obter quatro novas malhas sobre as quaes se recomeça o galão da mesma maneira que precedentemente. Acaba-se na 8.ª carreira. Este primeiro angulo terminado, fazer um segundo exactamente igual: cosel-os como mostra a fig. 2. Em seguida é feita com a mesma linha empregada no crochet a aranha, como indica a fig. 3. Fica interessante tambem fazer-se os quadrados de crochet *écru* guarnecendo uma toalha desse mesmo tom e as aranhas e as bolas com linha brilhante azul vivo, vermelho ou verde.

VESTIDOS DE VOILE

1 — Vestido de voile, fundo beige claro com flôres vermelhas. Babado en-forme na saia, golla e punhos de voile beige claro. 2 — Vestido de voile, fundo azul marinha, com flôres de diversos tons; babados en-forme. 3 — Vestido de voile, fundo branco com flôres amarellas e côr de laranja. Saia com panneaux en-forme; babados plissados de voile branco na golla e nas mangas.

Duello humoristico

Em nossos dias os duellos terminam-se em geral por balas trocadas sem alcançar os adversarios, felizmente; mas dantes era muito commum um dos adversarios perder a vida quando não os dois.

Mas pessoas espirituosas terminavam muitas vezes suas questões d'uma maneira muito mais interessante.

Charles Hugo, filho do immortal poeta e pae de Mme. Jeanne Hugo, cansado de servir de alvo ás brincadeiras de Dumas filho, tinha mandado um desafio ao autor da "Dama das Camelias".

Este, depois de ter lido, tomou uma folha de papel sobre o qual desenhou dois duellistas que acabavam de atravessarr-se com as espadas. Em baixo do desenho, os seguintes dizeres:

"E' este o resultado do combate fatal. Perdoaram-se, mas fizeram-se mal."

Ao receber a seguinte resposta, Charles Hugo, fóra de si de raiva, mandou immediatamente segundo desafio. Dumas filho traçou por baixo dessa nova provocação uma paizagem allegorica: dois salgueiros (chorões) cobrindo com a sua sombra dois tumulos. Sobre o primeiro lia-se:

"Aqui jaz Hugo!"

Sobre o segundo:

"Aqui jaz Dumas"

E em baixo do desenho estavam escriptas estas palavras:

"A morte reuniu-os".

Desta vez, Charles Hugo não poude deixar de rir e galantemente foi apertar a mão do seu adversario e amigo.

Ensemble — Vestido de crepe da China beige, guarnecido com tiras applicadas e babado plissado. O manteau de lã beige, com cinto de camurça beige escuro.

a sua viuva em tristissima situação.

Vestido de *shantung* rosa: os *panneaux* da saia formam bolsos em cima, dão roda alguns godets applicados.

O povo austriaco via na princeza apenas a amiga dos francezes, aquella que, mais d'uma vez durante a guerra, não tinha podido esconder a ardente sympathia que tinha pelos soldados da sua patria e da França.

A Italia e a França estavam no coração de Zita, que nunca tinha conseguido ficar completamente austriaca, não podendo esquecer que dois de seus irmãos estavam combatendo heroicamente sob a bandeira dos alliados.

Nunca lhe foi perdoado tudo isso. Desde então a viuva do imperador Carlos passeiou a sua tristeza e o seu luto pela Europa, sempre mal vista, sempre vigiada, sem piedade pela sua grande desgraça.

A Providencia pelo menos deu-lhe uma grande consolação. Tem visto desenvolver sua progenitura com saude. Seus filhos são todos muito saudaveis e bonitos, é a unica felicidade que possue.

O filho mais velho, Otto, depois de ter começado seus estudos em Madrid, continuou-os na Universidade de Louvain e está terminando-os em Cambridge. Para seus fieis partidarios o principe Otto é o seu imperador. Agora com mais razão a esperança está nos seus corações, com a possibilidade d'um futuro casamento do principe Otto com a princeza Maria, filha a mais moça do rei da Italia.

Aquelles que tiveram a honra de viver na intimidade da imperatriz garantem que não é sua unica ambição ver um dia seu filho coroado. A exilada aspira obter do destino e dos homens uma moradia estavel, palacio ou simples casa: Zita ambiciona viver em sua casa, não ter mais cada noite de pensar se amanhã a casa que a abriga não se vae fechar para ella.

E este desejo, que a mais humilde burgueza tem direito de ter, como reproval-o áquella que deveria cingir um dos mais brilhantes diademas da Europa e que não tem agora senão o seu véu de viuva inconsolavel?

TOILETTES PARA CASAMENTO

Toilette de casamento, de velludo; as demoiselles d'honneur com vestidos de crepe Georgette verde esmeralda claro.

Toilette de casamento de crepe-setim trabalhado do lado baço e brilhante.

Vestido de charmeuse com longa cauda.

A' esquerda — Vestido de casamento de setim branco e manteau-rendigote de velludo branco.

Nossa alimentação

A COMIDA SIMPLES E HYGIENICA

Não se póde ter confiança na saude, quando se confia o cuidado do seu estomago á cozinha de restaurante ou não se cuida em sua casa no preparo dos pratos.

Fica-se em posição embaraçosa quando a cozinheira vem a faltar, se não se sabe cozinhar.

Por essa razão deviam ser ensinadas a todas as jovens noções praticas de cozinha.

Quantos doentes não conseguem restabelecer-se porque continuam a comer nos restaurantes pratos feitos com generos de má qualidade e muito temperados! Quantos outros perdem o beneficio d'uma cura de repouso ou d'uma estação de aguas porque soffrem a intoxicação das cozinhas das casas de saude ou do hotel!

Comtudo ha um meio de evitar a condemnação á dyspepsia eterna: é ter a sensatez de contentar-se com menus simples executados pela propria pessôa ou feitos pela cozinheira, mas sob as vistas da dona de casa.

MENU DE JANTAR

SOPA DE ERVILHAS

PEIXE DE PANELLA

MACARRÃO

BOLINHOS DE BATATA COM CARNE

COSTELLETAS DE VITELLA

ESPINAFRES AU GRATIN

BRIOCHES COM CREME DE CHOCOLATE

AMENDOAS PRALINADAS

SOPA DE ERVILHAS

A originalidade desta receita reside na união da purée de ervilhas seccas e de ervilhas frescas em grão, cozidas.

Faz-se a purée de ervilhas pondo de môlho com antecedencia para facilitar o cozimento; depois de bem cozida, é passada na peneira fina ou coador. Na hora de servir junta-se, á razão de duas colheres (das de sopa) para cada prato de ervilhas, cozidas juntamente com uma cebola, cheiros e um pé de alface.

Tempera-se com sal e uma colhér de manteiga.

PEIXE DE PANELLA

Depois de ter escamado e limpo bem o peixe, tempera-se com sal e um pouquinho de pimenta, e passa-se por farinha de trigo. Põe-se dentro d'uma frigideira bem funda uma bôa colhér de manteiga e outra de azeite; assim que estiver bem quente põe-se dentro o peixe e deixa-se dourar dos dois lados. Molha-se então com um pouco de agua quente e meio copo de vinho branco; junta-se uma colhér de cebola picada, um pouco de salsa batida e meio dente de alho esmagado, tres tomates frescos, sem a pelle e picados em pedaços. Deixa-se cozinhar lentamente.

No momento de servir arruma-se o peixe n'uma travessa e despeja-se por cima o môlho.

BOLINHO DE BATATA COM CARNE

Põe-se para cozerem as batatas; logo em seguida são descascadas e esmagadas. Juntar um pouco de carne assada bem picada, salsa e um ovo. Tempera-se com sal e uma pitadinha de pimenta.

Fazem-se bolinhos do tamanho d'uma noz que vão a cozinhar dentro do caldo ou na agua e sal. Retira-se com uma escumadeira, arruma-se n'um prato e rega-se com manteiga derretida dentro da qual se juntou meia cebola ralada que se deixou apenas alourar.

COSTELLETAS DE VITELLA

Mergulham-se as costelletas depois de bem aparadas e batidas dentro da manteiga derretida. Passa-se na farinha de rosca temperada com sal, pimenta e salsa picada. Põe-se para fritar em fogo brando. Serve-se com môlho de tomates.

ESPINAFRES AU GRATIN

Depois dos espinafres cozidos, escorre-se a agua e são batidos. Tempera-se com sal e despeja-se n'um prato que vá ao forno bem untado com manteiga. Salpica-se com queijo ralado (Gruyere), cobre-se com uma camada de môlho branco e por cima salpica-se com um pouco mais de queijo ralado.

BRIOCHES COM CREME DE CHOCOLATE

Escolhem-se brioches pequenas e que se mantenham bem a prumo; tira-se com cuidado as cabeças e um pouquinho do miolo. Faz-se um creme bem espesso com chocolate, uma ou duas gemmas, o leite necessario e assucar que adoce. Enchem-se as brioches com o creme e tampa-se novamente com a parte tirada.

AMENDOAS PRALINADAS

Põe-se n'uma panella 500 grs. de amendoas pelladas, egual quantidade de assucar e um copo d'agua. Faz-se ferver essa mistura até que as amendoas crepitem; retira-se então a panella do fogo e mexe-se até que o assucar não adhira mais nas amendoas. Depois de ter tirado parte do assucar, volta novamente a panella para o fogo até que o assucar adhira de novo ás amendoas.

TOILETTES PARA A NOITE

1 — Toilette de crepe georgette azul turqueza; a parte de trás da saia que forma a cauda toda plissada. 2 — Vestido de crepe da china amarello claro, podendo ser usado sem o figaro; a saia en-forme é guarnecida com um pequeno babado en-forme na parte de cima. 3 — Toilette de crepe-setim rosa pallido, panneaux en-forme na saia.

Curiosidades

DICCIONARIO DAS SCIENCIAS OCCULTAS

Já que as sciencias occultas estão de novo em moda, vem a proposito citar um certo "Diccionario das Sciencias Occultas", editado no seculo XVII pelo Mercurio Galante" e que é um dialogo entre dois personagens: Philonte, curioso e ignorante; Beloron, iniciado.

Beloron introduz Philonte no dominio das sciencias vaticinadoras, e ensina-lhe successivamente o que é a "aeromancia", presagio pelos passaros; "a alveromancia", que servia para descobrir os escravos suspeitos, por meio d'um pedaço de pão encantado; "a amniomancia", reservada aos recemnascidos; "a alphitomancia" presagio pela cevada, pelo trigo e a farinha dos sacrificios. Graças tambem a Beloron, sabemos o que é "a alectreomancia". Essa adivinhação exercia-se por meio d'um gallo comendo grãos de trigo collocados sobre as lettras do alphabeto. Dizem que o imperador Valens fez massacrar todos os Theodoros, Theodulos, Theodatos e Theodistas que o rodeiavam, porque o gallo trazido para dizer quem ia succeder-lhe no poder, persistia em comer o milho que estava em cima das lettras desses nomes. O que não impediu aliás Theodoso de succeder a Valens.

Vem em seguida "a anthropomancia", que se fazia pelas entranhas dos homens sacrificados, processo muito empregado, segundo Beloron, por Heliogabalo e Juliano o Apostata.

Em seguida "a axinomancia", ou o futuro predito pelas vibrações d'um machado fincado n'um cepo.

Depois a "anthmancia", que consiste em examinar os numeros, e "a botanomancia", a estudar as plantas.

Depois a "capnomancia", que diz respeito ás fumaças dos sacrificios, sua elevação, torneios, turbilhões, direcções, assim como seus cheiros, a que Ovidio se refere nos "Fastos" e Stace na "Thebaida".

Em seguida a "cartomancia", aquella adivinhação d'uma creança lendo n'um espelho.

Depois a "ciromancia" por meio de figuras formadas por cera derretida atirada dentro d'agua.

Depois a "cephalomancia" que consistia em assar uma cabeça de burro, sobre brazas ardentes, e notar em seguida todos os movimentos da queixada.

Em seguida a "dactylomancia" caracterisada por anneis encantados; a "deidomancia", que praticavam prendendo uma chave no evangelho de S. João. E tantos outros ainda... Nós temos muito menos meios de conhecer o futuro. O progresso não se exerce igualmente em todos os dominios, pelo que se vê.

O homem mais rico do mundo

Tudo se sabe, a bem dizer nos nossos dias, pois que os jornaes, mais loquazes que a Fama de cem boccas, não cessam de espalhar através dos dois hemispherios todos os acontecimentos, grandes ou pequenos, que se produzem. Os jornaes norte-americanos sobretudo são bastante indiscretos. Mas no emtanto nunca disseram qual era o homem mais rico do mundo.

Isso, apezar de que possa surprehender muitas pessôas, porque é quasi impossivel na nossa sociedade moderna avaliar uma fortuna.

Primeiro, o que é uma fortuna? Se é o conjuncto mobiliario e immobiliario reunido por uma mesma pessôa, deve se fazer entrar em linha de conta terras, castellos, joias. Nesse caso, o homem riquissimo entre todos dever-se-ia procural-o entre os maharajahs da India que possuem provincias e cidades inteiras e escondem nos cofres dos seus palacios immensos thesouros constituidos por brilhantes, rubis, esmeraldas, pedras preciosas de toda especie, grandes como seixos. Mas, reflectindo-se, essas immensas propriedades custam ás vezes quasi tanto como rendem; e as joias são bens improductivos; não dão a menor renda e se por acaso qualquer desses maharajas pensasse em liquidar esses thesouros, os mais valiosos não encontrariam compradores, pois muito poucas são as pessôas que existem no mundo que pudessem pagar seu valor. O mercado de pedras preciosas desmoronar-se-ia logo...

Não é portanto desse lado que se deve procurar o homem mais rico do mundo. Deve antes encontrar-se entre aquelles que possuem, não o maior capital, mas os maiores rendimentos. Incontestavelmente será um homem de negocios, um chefe de industria.

Aqui tambem, uma difficuldade se apresenta: os lucros d'um negocio, qualquer que elle seja, mudam sem cessar, não sómente n'um anno, n'um mez, n'uma semana, mas como tambem d'um minuto para outro. Operações felizes ou infelizes podem instantaneamente dobral-os ou diminuil-os de metade. Como portanto dar a supremacia a um desses reis da finança ou da industria? Tudo que se podia fazer, até agora, era citar os nomes dos oito ou dez homens que pareciam monopolizar as mais importantes rendas.

Em França, o primeiro nome que vem aos labios é o de Rothschild.

De um seculo para cá éo costume citar seu nome como o de Cresus, como termo de comparação. Pois bem! os Rothschild — constituem com effeito uma numerosa familia da qual existem representantes não sómente em França, mas tambem em Londres, em Vienna, em Bruxellas, em Francfort— os Rothschild reunem todos juntos um capital global de 4 biliões, e verão já que esses 4 pequenos billiões não pódem pretender bater um record.

Admittamos, portanto, segundo a phrase celebre de Theodoro de Banville, que "Rothschild é pobre" e vejamos os detentores das maiores rendas provadas!

São um grego e vários americanos. O grego chama-se Basilio Zaharoff. E' um homem mysterioso que fez uma fortuna incalculavel com os fornecimentos de materiaes de guerra; esconde-se da vista de todos e foge dos importunos, não tendo moradia certa. Desconfia-se seja elle um dos homens mais ricos do mundo, mas não se póde ter a certeza.

Os norte-americanos não escondem tanto a sua fortuna. São Henry Ford, o rei do automovel; Vanderbilt, o rei das estradas de ferro; Astor, rei dos *palaces*; Pierpont Morgan, rei do cambio; Rockefeller, rei do petroleo; Carnegie, rei do ferro. Os dois ultimos, tomando em consideração as listas de impostos publicadas pelo fisco dos Estados Unidos, representariam as maiores fortunas mundiaes. A lucta para o record fica ainda indecisa entre elles.

No emtanto, um acontecimento imprevisto acaba de revelar o vencedor: o homem actualmente mais rico do mundo é Andrew Carnegie.

Vejamos o que elle fez para conseguir isso.

Andrew Carnegie, que tinha começado a vida, ha cincoenta e dois annos, trabalhando n'um tear como o mais modesto dos operarios, tornou-se pouco a pouco o dono incontes-

Casaquinho de tricot

Este casaquinho, proprio para acompanhar o cueiro, póde no emtanto ser usado até aos seis mezes ou mais, por ser muito pratico, agasalhando bem a creança. Tanto póde ser executado com o tricot quanto com o crochet. Como se póde ver pelo molde, as frentes são executadas separadamente para poder dar-se o feitio enviezado depois de promptas as frentes, que devem ter de largura na base 22 centimetros cada uma e depois de unidas para formar as costas 26 centimetros, as duas juntas. De altura o casaco deve ter antes de dobrado para fazer as costuras dos lados 44 centimetros. As mangas podem ser feitas fechadas ou fechal-as depois de promptas; terão de largura na parte de cima 16 centimetros e no punho 14 centimetros, e de altura 18 centimetros; o punho deve ser feito com ponto elastico que damos na figura 11. A fig. 1 mostra como é feito o ponto do casaco. Depois do casaco cosido e as mangas pregadas debrua-se o todo em volta com um cadarço de seda do tom da lã empregada na confecção do casaco. Nas duas pontas das frentes são pregadas fitas, n.º 3 ou 5. Essas fitas amarram-se nas costas da creança ou querendo se cruzarão nas costas para vir amarrar na frente. A fita da ponta que fica pelo lado de dentro passa por uma abertura deixada numa das costuras do lado. Póde-se empregar com o mesmo resultado qualquer ponto de crochet, tunisiano, margarida etc.

Toilette de seda de fantasia preta, golla de crepe branco Saia cortada en-forme.

Robe-manteau de crepe-setim preto, guarnecido de setim branco.

tavel da producção do ferro no mundo. Até aos sessenta e seis annos, dirigiu sósinho suas emprezas com uma clareza e uma firmeza infallivel. Depois, bruscamente, decidiu retirar-se dos negocios e descansar.

Quando a noticia se espalhou, foi um acontecimento sensacional no mundo dos grandes *brasseurs d'affaires*. Todas as industrias rivaes ou consumidoras de ferro e de aço estavam esmagadas sob o monopolio detido por Carnegie e desejavam o seu desapparecimento.

— Arruinando-nos, diziam, arruinar-se-á juntamente comnosco!

Mas como pôr fóra de combate um tal mestre? Uma colligação de bancos mesmo não poderia abalar seu credito, pois que elle era seu proprio banqueiro. Sómente a retirada de Carnegie: era a occasião unica de obterem suas emprezas, comprando-as.

Sim, mas a que preço? Rockefeller, o primeiro, fez uma offerta de 250 milhões de dollars. Carnegie pediu tempo para pensar. Entretanto, Pierpont Morgan juntava as grandes companhias filiadas á sua grande casa bancaria e fez offerta muito superior. Carnegie, diante da concorrencia que se declarava, elevou suas pretensões. Finalmente, cedeu a Morgan por uma somma de 492 milhões de dollars.

Juntando essa quantia aos valores que já possuia (que não eram poucos) essa operação permittiu garantir que actualmente Andrew Carnegie é realmente o homem mais rico do mundo.

Pensamentos

Um homem sem educação vale mais do que um que a tem má.

LA METTRIE.

A intemperança dá curtas alegrias e longos pezares.

ROUSSEAU.

Trabalhar para viver; descansar para existir.

R. KEHL.

O embutido

Emquanto o senhor Canuto pesca, a canniço, um tal Polycarpo caça com arco e flechas. Mas o senhor Canuto apanhou uma grande quantidade de peixe, ao passo que o amigo Polycarpo ainda não caçou

cousa alguma. O senhor Canuto tem um appetite extraordinario e prepara-se para

fazer um excellente almoço. Mas emquanto está de costas voltadas, Polycarpo descobre o embutido, estira o arco e dispara uma flecha captiva.

Puxa em seguida a corda que está atada á flecha e diz: "Vem commigo, petiz".

E o embutido segue-o sem protestar. E nem sequer é bom falar qual será a surpresa do senhor Canuto quando vir o acontecido

e tiver de se resignar a comer o pão com um pouco de vinho que levava.

Um coelho muito expedito

Uma giboia encontrou-se, de repente, frente a frente com um coelho e dispôz-se immediatamente para o fascinar. Mas o coelho em questão não era dos que se deixam apanhar facilmente.

— Ora! Ora! — exclamou — Pensas que me podes metter medo? Não, minha amiga. Commigo perderás o teu tempo.

Dito isto, apressou-se a illudir o ataque do monstro.

— Olá! Vejo que te convertes num arco. E's muito amavel. Mas eu gosto tanto de atravessar os arcos que, na realidade, posso dizer-te que é o meu passatempo favorito.

— Não escaparás! — silvou a serpente — tratando de apanhar o coelho. Mas o coelho conseguiu que a giboia se puzesse em

tão má posição que o reptil já quasi se não pôde mexer. O seu corpo tinha-se convertido numa collecção de nós.

— Salvo! — exclamou o coelho — Bem atada fica ella. Admirar-me-ia muito se conseguisse livrar-se sózinha.

Uma idéa engenhosa

O amigo Mucifuz estava em perigo de ser apanhado por Fiel, que tinha uma raiva

medonha de todos os gatos. O pobre ani-

malucho não sabia como se salvar, o que o preoccupava muitissimo, quando a Providencia lhe fez deparar com um magnifico

tubo que lhe permittiu saltar para a rua

sem perigo nenhum.

MILHARES DE CONTOS DE RÉIS

A "Revista da Semana"

como nos annos anteriores associará os seus assignantes na

LOTERIA ESPANHOLA DO NATAL

A MAIOR LOTERIA DO MUNDO -- 90.000 CONTOS DE PREMIOS

A Loteria Espanhola, universalmente conhecida por Loteria de Madrid, conservará este anno as suas proporções, nunca egualadas em outros sorteios lotericos. A totalidade dos premios a distribuir é 85.758.400 pesetas, cifra espantosa que, ao cambio actual, representa mais de 90 MIL CONTOS DE REIS na nossa moeda.

ESSAS OITENTA E CINCO MILHÕES SETECENTAS E CINCOENTA E OITO MIL E QUATROCENTAS PESETAS SÃO DISTRIBUIDAS EM PREMIOS ENTRE OS QUAES:

1 DE 15 MILHÕES DE PESETAS. . . . 15.750 CONTOS	1 DE 1 MILHÃO DE PESETAS. . . . 1.050 CONTOS
1 DE 10 MILHÕES DE PESETAS. . . . 10.500 CONTOS	1 DE 700.000 PESETAS. . . . . . . 735 CONTOS
1 DE 5 MILHÕES DE PESETAS . . . 5.250 CONTOS	1 DE 400.000 PESETAS. . . . . . . 420 CONTOS
1 DE 3 MILHÕES DE PESETAS. . . . 3.150 CONTOS	1 DE 300.000 PESETAS. . . . . . . 315 CONTOS
1 DE 2 MILHÕES DE PESETAS. . . . 2.100 CONTOS	

5 DE 150.000 PESETAS; 7 DE 100.000 PESETAS; 7 DE 80.000 PESETAS;
7 DE 60.000 PESETAS; 20 DE 50.000 PESETAS E 2.682 DE 10.000 PESETAS.

A' semelhança do que já fizera em onze annos anteriores, a REVISTA DA SEMANA mandou adquirir em Madrid dois bilhetes da maior Loteria do mundo, destinados aos seus assignantes, cujos premios liquidos serão distribuidos entre elles, respectivamente a cada uma das duas séries de 1.000 assignantes e na mesma proporção estabelecida nos annos transactos.

A DISTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS QUE PORVENTURA CAIBAM A ALGUM DOS NUMEROS ABAIXO MENCIONADOS SERÁ FEITA PELOS 1.000 ASSIGNANTES DA RESPECTIVA SÉRIE NAS SEGUINTES PROPORÇÕES:

50 % PARA A CENTENA; 10 % DIVIDIDOS PELAS 9 DEZENAS;

40 % DIVIDIDOS PELOS 990 ASSIGNANTES RESTANTES DA SÉRIE.

Exemplificando e acceitando a hypothese feliz de sahir premiado com o grande premio de 15 milhões de pesetas um dos bilhetes da REVISTA DA SEMANA, os assignantes receberão:

O assignante possuidor da centena.............	7.500.000	pesetas	(7.900 contos approximadamente)
Cada um dos assig. poss. das 9 dezenas........	166.666	pesetas	(175 contos approximadamente)
Cada um dos restantes 990 assignantes.........	6.060	pesetas	(6:400$000 approximadamente)

Compete aqui explicar ao leitor que os numeros das assignaturas não teem relação alguma com os numeros dos bilhetes que adquirimos. Nem de outro modo poderia ser, pois se a distribuição se fizesse pelos numeros premiados da Loteria da Espanha todos quereriam tomar assignatura com numero egual ao do respectivo bilhete. O que regula para a distribuição é o numero do 1.° premio da Loteria do Natal da Capital Federal. Assim o assignante ao adquirir o seu recibo ignora as probabilidades que lhe assistem na distribuição de algum premio que caiba ao bilhete de Espanha. Ha de sabel-as pela extracção da Loteria Federal, conforme o seu numero de assignatura corresponder á centena do premio maior, cahir dentro da respectiva dezena ou fóra d'ella, circumstancias segundo as as quaes terá os 50 % ou partilha nos 10 ou nos 40 % do premio, se as nossas esperanças se realizarem. Os numeros dos bilhetes servem apenas para a recepção do dinheiro, se a sorte fôr favoravel, nada mais.

Estão abertas na nossa administração as inscripções para as duas séries de 1.000 assignaturas numeradas de 001 a 1.000 com direito á participação no premio da Loteria de Madrid que couber ao bilhete da respectiva série.

OS DOIS BILHETES INTEIROS ACHAM-SE DEPOSITADOS NO BANCO HISPANO-AMERICANO DE MADRID.

ASSIGNAR POIS A REVISTA DA SEMANA

EQUIVALE A JOGAR NA MAIOR LOTERIA DO MUNDO HABILITANDO-SE A GANHAR CERCA DE 8.000 CONTOS.

Para que melhor se aprehenda a vantagem de uma assignatura da REVISTA DA SEMANA, bastará dizer-se que por 50$000 réis, preço de assignatura, fica-se habilitado aos milhares de contos de premios de uma loteria cujo bilhete custa actualmente quasi 3:000$000 réis.

Avisamos aos nossos assignantes que ha conveniencia em trazerem os recibos do anno anterior, quando vierem renovar as suas assignaturas.